

Raquel Araújo Magalhães

Quando a praça vira trabalho

A flexibilização do espaço público da Praça Saens Peña - RJ

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de graduação em Arquitetura e Urbanismo apresentado a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Orientador: Cláudio Rezende Ribeiro



SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 - O trabalho no sistema capitalista | 8 |
| 1.1 - O trabalho precarizado no Brasil contemporâneo | 12 |
| 1.2 - Contexto Pandêmico: a precarização acelerada | 18 |
| 1.3 - O lazer no sistema capitalista: uma disputa espaço-temporal .. | 22 |
| | |
| 2 - A urbanização industrial brasileira | 30 |
| 2.1 - Espaços livres públicos urbanos | 36 |
| | |
| 3 - Praça Saens Peña: lazer e trabalho no espaço público | 40 |
| 3.1 - Histórico: a consolidação da praça como espaço público | 42 |
| 3.2 - O espaço flexível e o seu uso contemporâneo | 74 |
| | |
| 4 - Considerações Finais | 96 |
| | |
| Anexos | 98 |
| Referências Bibliográficas | 100 |

“Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, ‘tempo é dinheiro’. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: ‘eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize’.”
(Antonio Candido, 2006)

Apresentação

Este trabalho tem a proposta compreender as consequências das dinâmicas contemporâneas de precarização do trabalho na utilização dos espaços públicos e como estes espaços interferem nessas relações. Partindo de categorias desenvolvidas pelo materialismo histórico, e sob uma perspectiva da crítica ao trabalho na sociedade urbana apresentada em o Direito à Cidade de Henri Lefebvre, o estudo tem como objetivo analisar a relação entre Trabalho e Lazer materializada em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. O local escolhido para a análise é a Praça Saens Pena, localizada no bairro da Tijuca.

Definição do objeto evidenciando o campo de atuação

O objeto a ser estudado é a Praça Saens Pena, localizada no bairro da Tijuca do Rio de Janeiro, assim, analisando o espaço público a partir da relação que este desenvolve com as novas formas e temporalidades assumidas pelos seus usuários nesta segunda década do século XXI, quando o trabalho se torna cada vez mais precarizado e o lazer mais escasso. O campo de atuação é a teoria e história do urbanismo, construindo diálogos com a sociologia do trabalho e a sociologia do lazer, dentre outros.

Objetivo geral

O estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão dos novos usos dos espaços livres públicos oriundos das novas formas precárias de trabalho que se mostram um obstáculo ao direito à cidade e ao lazer.

Objetivos específicos

- 1) Compreender a relação entre trabalho e lazer a partir da crítica ao mundo do trabalho segundo o método do materialismo histórico, incluindo um entendimento a respeito das formas mais contemporâneas de precarização do trabalho;
- 2) Apropriar da crítica às transformações urbanísticas brasileiras mais recentes do século XXI e sua relação com o mundo do trabalho;
- 3) Produzir um um breve histórico da transformação urbanística recente de um espaço público livre do Rio de Janeiro, identificando os componentes relacionados ao binômio trabalho/lazer;
- 4) Traçar um cenário contemporâneo das relações entre trabalho e lazer no espaço escolhido.

Metodologia

- 1) Estudo através de bibliografias, análise de dados e desenvolvimento de texto;
- 2) Estudo através de bibliografias, análise de dados e desenvolvimento de texto;
- 3) Análise através de mapas, imagens e bibliografias para que se possa traçar um breve histórico dessas áreas, mostrando suas origens e suas configurações iniciais;
- 4) Pesquisa de campo realizada em diferentes dias e horários no recorte escolhido, observando as atividades e usuários do espaço. Entrevistas com os usuários das praças. Mapeamento de uso e ocupação após a análise dos resultados das entrevistas.

1 - O trabalho no sistema capitalista

A origem da palavra trabalho vem do latim tripalium (ou trepalium), termo utilizado para denominar um instrumento utilizado na lavoura. No final do século VI, este passou a ser também o nome de um instrumento romano de tortura. A palavra é composta por “tri” (três) e “palus” (pau) - o que poderia ser traduzido por “três paus”, era um “instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, nas quais agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapa-los” (ALBORNOZ, 1994, p.10).

O trabalho pode ser considerado uma categoria fundante pois é a primeira atividade com a qual as sociedades precisam se defrontar para garantirem a sua reprodução, determinando todos os complexos subsequentes da formação social, que ao se constituírem também retroagem sob seu desenvolvimento. De forma geral, o trabalho pode ser compreendido como a atividade pela qual o homem transforma a natureza para produzir os meios para a sua reprodução em sociedade. O trabalho possui história e sofre inúmeras mudanças no tempo e no espaço até chegar à forma como é. O filósofo Karl Marx, em sua obra principal *O capital*, faz uma crítica à maneira como o trabalho é apropriado pelo modo de produção capitalista, tendo como principal objetivo produzir mercadorias e gerar mais-valia. Marx demonstra como a mercadoria, fruto do trabalho e geradora da riqueza, assume uma dupla forma na sociedade capitalista (valor de uso e valor). Da relação de troca entre valores de uso qualitativamente distintos, os homens, mesmo que não saibam, os reduzem a uma unidade em comum que permite uma comparação quantitativamente adequada para troca. Essa unidade comum a toda mercadoria é o trabalho humano. O trabalho sem seus traços que o caracterizam enquanto um trabalho específico e produtor de valor de uso, é trabalho humano em abstrato, cuja magnitude é determinada pela confluência dos múltiplos trabalhos exercidos individualmente que compõem um quantum de valor dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. Assim, ele se torna a substância do valor (de troca) das mercadorias.

Na medida em que o valor se autonomiza dos corpos das mercadorias, assumindo a forma de dinheiro, ele deixa de ser um mero meio de troca e passa a se tornar uma finalidade em si mesmo. Ao assumir a forma de capital, seu movimento de valorização passa a cumprir o papel de motor da produção da riqueza, fazendo das necessidades humanas um mero meio pelo qual esta finalidade última de acumulação se realiza. Portanto, o trabalho, enquanto atividade realizadora do metabolismo entre o homem e a natureza, enquanto meio de satisfação de necessidades, se encontra subordinado a um processo de valorização. O trabalho no capitalismo é alienado pois, mesmo que

produza valores de uso, os produz com a imposição de uma lógica de valorização que molda os produtos do trabalho. Seguindo uma lógica de acumulação infinita e irracional do ponto de vista do atendimento definitivo de nossas necessidades humanas e do não esgotamento de recursos do meio ambiente. Portanto, uma vez que o trabalho é alienante, o indivíduo não se realiza e se reconhece nele, se tornando uma atividade extremamente penosa em sua vida.

“Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente confrateiro. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades.”
(MARX, 2004, p.5)



Instrumento tripalium. Fonte: sindinero.org.

Visto que a cidade é o local onde a maioria da população trabalha, as pessoas sentem vontade de fugir dela como forma de fugir dessa vida urbana alienada.

“Resumidamente, a reivindicação pelo direito à cidade parte de uma consideração de que a cidade se torna um espaço alienado, de onde a classe trabalhadora quer fugir para se reencontrar consigo mesma, durante seus finais de semana, suas férias, em direção à natureza. A alienação do trabalho, que produz um não reconhecimento (e uma não apropriação) pela classe trabalhadora de sua própria obra, é percebida de maneira original por Lefebvre. Sua formulação, portanto, identifica na fuga da cidade uma expressão da fuga do trabalho, e a busca pela natureza como apenas uma ilusão de encontro consigo mesmo, mas uma real expansão da mercantilização da vida que alcançará novas fronteiras.” (LEFEBVRE 2004, apud RIBEIRO, 2021)

É preciso que se reivindique o direito à cidade para que a população possa se reconhecer e se realizar nela e, assim, não alastrar a mercantilização para a natureza. A luta pelo direito à cidade inclui a luta pelo tempo de lazer, e conseqüentemente, por seu espaço. Segundo Lefebvre (2004), “O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à cidade, à vida urbana, transformada e renovada.”. Para que isso ocorra é necessário uma ruptura no modo de trabalho alienado que conhecemos hoje em dia, o trabalho precisa ser resgatado enquanto fator de emancipação e realização das pessoas. Assim, é crucial que haja uma redução significativa na jornada de horas e uma mudança estrutural no sistema, para que então o trabalho possa ser uma atividade não penosa e externa ao trabalhador, e que tenha como finalidade a produção de valores de uso, como o atendimento de necessidades humanas básicas.

“É aqui que emerge uma constatação central: se por um lado necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador e transformador, por outro devemos recusar o trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social, tal como o conhecemos sob a vigência e o comando do trabalho abstrato. Isso porque o sentido do trabalho que estrutura o capital (o trabalho abstrato) é desestruturante para a humanidade, enquanto seu polo oposto, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade (o trabalho concreto que cria bens socialmente úteis), torna-se potencialmente desestruturante para o capital.” (ANTUNES, 2018)



1.1 - O trabalho precarizado no Brasil contemporâneo

No século XXI, bilhões de pessoas dependem do trabalho para sobreviver e vivem cada vez mais os flagelos do desemprego. O exército industrial de reserva funciona como uma massa de desempregados que tem que estar sempre disponível aos novos negócios do capital. Aqueles que se mantêm empregados sofrem com a precarização, perda de seus direitos e o aumento da jornada de trabalho. Isso é uma:

“... consequência da lógica destrutiva do capital que, conforme expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo (em sentido amplo), recria, nos mais distantes e longínquos espaços, novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, “flexível”, depauperando ainda mais os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando.”
(ANTUNES, 2018)

A reforma trabalhista de 2017 regulamentada pela Lei n. 13.467 introduziu a nova legislação trabalhista que marca a hegemonia absoluta da livre iniciativa, e trata da relação capital x trabalho como relação entre iguais. Apesar da resistência da oposição, dos sindicatos, de acadêmicos e do Ministério Público, foram criados 43 novos artigos, 54 reformulados e 9 revogados. É formado um novo sistema de regulação do trabalho, baseado na fragilização dos sindicatos e regulação de formas atípicas de trabalho como a terceirização, o trabalho por conta própria e o trabalho intermitente. As novas leis trabalhistas facilitaram a redução de salários e demissão de trabalhadores, houve aumento do desemprego e muitas pessoas foram empurradas para informalidade. A informalidade e precarização do trabalho atingem de maneira diferente aqueles que estão mais à mercê do sistema, havendo um recorte importante de gênero, raça e classe a ser traçado. O mapa abaixo mostra a diferença entre a população branca e a população parda ou preta que trabalha na informalidade, evidenciando como os 388 anos de escravidão no país ainda se mostram presentes.

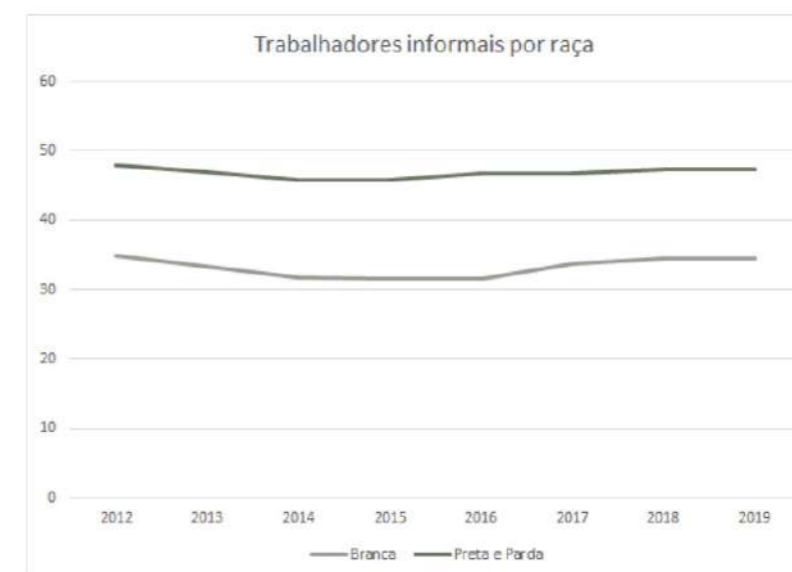


Gráfico - Trabalhadores informais por raça: 2012 - 2019. Fonte dados: IBGE

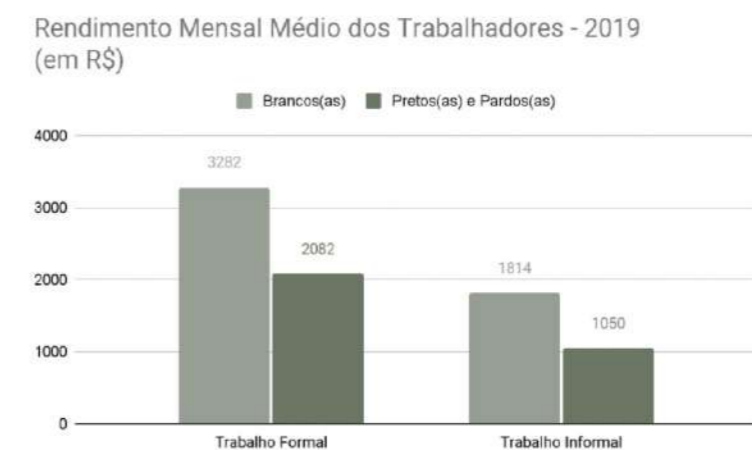


Gráfico - Rendimento mensal médio dos trabalhadores - 2019. Fonte dados: IBGE

O contrato intermitente permite que o trabalhador seja contratado e tenha sua carteira assinada, mas não há uma garantia de um mínimo de horas. Ele tem que estar disponível e aguardar ser chamado para realizar a atividade laboral de acordo com a demanda de seu empregador, e assim, ganha apenas por essa atividade, não tendo seu tempo de espera reconhecido. Esse tipo de contrato se iniciou no Reino Unido e ficou conhecido como zero hour contract, se espalhando pelo mundo todo. No Brasil é conhecido como contrato zero hora. No ano seguinte à reforma, em 2018, mais de 71 mil contratações ocorreram de forma intermitente. Já em 2019, esse número chega a 155 mil. Essa nova modalidade de trabalho cria o que Ricardo Antunes (2018) chama de escravo digital. O avanço da tecnologia apropriado para fins de acumulação de riqueza resulta na constituição de regimes de trabalho que são impulsionados pela Transcomunicação instrumental (TCI), que conectam os “parceiros” com as empresas, aumentando o contingente de escravos digitais.

“As corporações se aproveitam: expande-se a “uberização”, amplia-se a “pejotização”, florescendo uma nova modalidade de trabalho: o escravo digital. Tudo isso para disfarçar o assalariamento. Apesar de defender a “responsabilidade social e ambiental”, incontáveis corporações praticam mesmo a informalidade ampliada, a flexibilidade desmedida, a precarização acentuada e a destruição cronometrada da natureza” (ANTUNES, 2018)

Atualmente, os aplicativos de corrida e entrega juntos formam o maior empregador do Brasil. Os novos empregos informais tiveram cobertura da mídia a seu favor, mostrando os aplicativos como empregos com boas condições de trabalho e remuneração. O trabalhador é responsável por arcar com o meio de trabalho, pagando pela bicicleta, mochila, moto, carro, ou outro. Ele não possui carteira assinada, além de não receber vale alimentação ou transporte e nem assistência médica em caso de acidente. O trabalho é totalmente instável e imprevisível, e baseado no contrato zero hora, assim, o trabalhador não recebe pelo tempo que precisa estar disponível esperando a chamada. Em junho de 2019, A Aliança Bike (Associação Brasileira do Setor de Bicicletas) realizou uma pesquisa em São Paulo a fim de traçar um perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo¹. Após muitas entrevistas, pode constatar que o perfil encontrado era de homem, negro, entre 18 e 22 anos de idade e com ensino médio completo, que estava desempregado e passou a trabalhar todos os dias da semana, de 9 a 10 horas por dia, com ganho médio mensal de R\$ 992,00 (menos que um salário mínimo da época). Cerca de 30% dos entrevistados pedalava mais de 50km por dia .

¹ Aliança Bike. Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo. São Paulo: Aliança Bike, 2019.

A Associação Brasileira do Setor de Bicicletas (Aliança Bike) junto com o Laboratório de Mobilidade Sustentável da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Labmob) produziram o relatório técnico “Ciclogística no Brasil”. Nele investigaram o perfil e as condições de empresas terceirizadas de delivery que contratam bikeboys, as chamadas bike couriers. A autora Ludmila Costhek Abílio (2020) faz uma comparação do perfil dos trabalhadores de aplicativo x de empresas terceirizadas e chega a conclusão que a mesma atividade, em condições mais precárias, se apresenta mais juvenil e negra.

“Dessa forma, a comparação entre uma mesma ocupação em sua forma uberizada e em sua forma terceirizada por contrato mostra-se profícua para a compreensão de como desigualdades se interseccionam e se materializam em diferentes condições de trabalho dentro de uma mesma ocupação.” (ABÍLIO, 2020)

Assim, é possível observar como o processo de uberização consegue ser pior do que o de terceirização, como é possível observar na imagem abaixo.

Entregadores ciclistas por aplicativo e contratados: comparativo por cor, idade e situação ocupacional anterior - 2019



Gráfico - Entregadores ciclistas e contratados - 2019. Fonte dados: IBGE

Entregadores ciclistas por aplicativo: distribuição por horas trabalhadas e rendimento mensal - 2019

| Horas por dia | Porcentagem de entregadores (n=244) | Média dos rendimentos mensais |
|------------------|-------------------------------------|-------------------------------|
| Até 5 horas | 7,8% | 466 |
| De 6 a 8 horas | 32,0% | 753 |
| De 9 a 12 horas | 54,1% | 1106 |
| Mais de 12 horas | 6,1% | 995 |

Tabela - Entregadores ciclistas por app - 2019. Fonte dados: IBGE

A Reforma da Previdência aprovada em Outubro de 2019 dificultou para os trabalhadores se aposentarem. Um dos motivos é não haver mais aposentadoria apenas por tempo de contribuição, pois é necessário que os homens tenham no mínimo 65 anos e as mulheres 61, e tempo mínimo de contribuição de 20 anos e 15 anos, respectivamente. Antes da reforma bastava cumprir uma idade mínima de contribuição de 35 anos para homens e 30 para as mulheres. Também acabou a regra da aposentadoria por idade, que exigia 15 anos de contribuição e idade mínima de 60 anos para a mulher e 65 anos para os homens.

Segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), atualmente, o salário mínimo é quase 1/5 do necessário para sustentar uma família com 4 pessoas. Metade dos trabalhadores brasileiros têm salário abaixo do salário mínimo (IBGE). Resta à população o desemprego ou se submeter às diversas formas de precarização contemporâneas do trabalho.

“Assim, de um lado deve existir a disponibilidade perpétua para o labor, facilitada pela expansão do trabalho on-line e dos “aplicativos”, que tornam invisíveis as grandes corporações globais que comandam o mundo financeiro e dos negócios. De outro, expande-se a praga da precariedade total, que surrupia ainda mais os direitos vigentes. Se essa lógica não for radicalmente confrontada e obstada, os novos proletários dos serviços se encontrarão entre uma realidade triste e outra trágica: oscilarão entre o desemprego completo e, na melhor das hipóteses, a disponibilidade para tentar obter o privilégio da servidão.”

(ANTUNES, 2018)



Charge. Fonte: Quinho

A precarização do trabalho gera diferentes formas de adoecimento para os trabalhadores. Uma pesquisa realizada pela faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (USP), concluiu que 1 em cada 5 brasileiros sofrem com a síndrome de burnout². As pessoas jovens com menos de 30 anos são as que mais sofrem, e entre elas, as mulheres são as mais prejudicadas. O livro ‘Trabalho e sofrimento psíquico’ de 2019 escrito pelos pesquisadores Thatiana Cappellano e Bruno Carramenha traz dados importantes sobre o impacto do trabalho na saúde mental e física³. Cerca de 78% dos trabalhadores entrevistados relataram que o trabalho contribui ou já contribuiu para algum tipo de sofrimento psíquico ou físico. Sendo que dentre as mulheres negras, esse número sofre para 85%. Entre os adoecimentos relatados estão problemas osteoarticulares, distúrbios gastrointestinais, alterações cardiovasculares, distúrbios de saúde mental e acidentes de trabalho. O ranking dos sintomas sentidos pelos respondentes é:

- Estresse: 76%
- Dor nas costas/tensão: 75%
- Ansiedade: 75%
- Desânimo: 65%
- Síndrome do “Fantástico” (desânimo no domingo à noite): 53%
- Insônia: 46%
- Dor de estômago/Gastrite: 43%
- Depressão: 41%
- Enxaqueca: 35%
- Problemas de libido/desejo sexual: 30%
- Transtorno alimentares: 25%
- Uso de remédios controlados: 22%

² Um em cada 5 trabalhadores brasileiros já sofre com a Síndrome de Burnout. Democracia e mundo do trabalho em debate, 24 dezembro 2019. Disponível em: <http://www.dmttemdebate.com.br/um-em-cada-cinco-trabalhadores-brasileiros-ja-sofre-com-a-sindrome-de-burnout/>

³ MONTEIRO, Lilian. Livro escancara a relação entre trabalho e sofrimento. Estado de minas, 13 novembro 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/emprego/2019/11/13/interna_emprego,1100558/livro-escancara-a-relacao-entre-trabalho-e-sofrimento.shtml

1.2 - Contexto Pandêmico: A precarização acelerada

Em março de 2020 a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia e desde então, muitas mudanças sociais foram necessárias para organizar o combate à proliferação do vírus, incluindo várias alterações na organização dos processos de trabalho. A quarentena foi decretada em diversos lugares como tentativa de frear a transmissão do vírus. O lockdown mostrou como dentro da própria classe trabalhadora há diferentes extratos de raça, gênero e classe que interferem nas condições de sobrevivência cotidiana. Para aqueles que tinham acesso a postos de trabalho com um pouco mais de garantias e direitos, instaurou-se o home office, como medida de saúde, para continuar a produção, evitando o contato físico entre pessoas. Alguns não puderam fazer o lockdown e ficaram mais expostos à contaminação, como é o caso dos trabalhadores da limpeza urbana. Em uma entrevista para o jornal Brasil de Fato, Douglas (2020), um gari, conta:

“Encontramos, muitas vezes, seringas e máscaras descartáveis pelo chão. O lixo revirado. Então temos que trabalhar com o máximo possível de atenção. Desde quando começou a pandemia, temos encontrado máscaras e frascos de álcool. Esse tipo de lixo aumentou muito. Descartam em qualquer lugar”

A chegada do home office no ambiente doméstico se apropria não só do tempo necessário de trabalho, mas também do tempo liberado e do tempo livre. Os trabalhadores “ganham” o tempo que se gastaria com transportes mas o perdem, pois esse tempo acaba virando demanda de trabalho. As horas de trabalho, obrigações domésticas, descanso e lazer se misturam e se confundem já que todas atividades são realizadas no mesmo ambiente, e não há o horário comercial (que existia para alguns) pois a internet nunca para, podendo ser usada em qualquer hora. Os meios de comunicação adiantaram essa relação de conversão do tempo doméstico em tempo de trabalho, sobretudo com o celular e as plataformas de comunicação que se apropriam do tempo de trabalho como um todo, tornando-se empregadoras como no caso dos aplicativos de carona e entrega. Tais fatos aliados ao confinamento e a falta de interação social fazem com que haja uma piora na saúde mental e física dos trabalhadores. Um estudo realizado pelo movimento #MenteEmFoco com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD) em outubro de 2021 obteve importantes dados⁴. Pelo menos 70% dos trabalhadores se sentiram mais nervosos, tensos ou preocupados nesses 18 meses iniciais de pandemia. Cerca de 55% alegaram ter ansiedade acentuada, 51% se sentem mais estressados e 49% mais tristes.

⁴ Burnout? 70% dos trabalhadores relata piora na saúde mental pandemia, diz estudo. Agência Globo, 18 outubro 2021. Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2021-10-18/trabalhadores-saude-mental-pandemia.html>

Com a pandemia houve um grande aumento no nível de desemprego, desdobramento da pandemia, da crise estrutural do capitalismo e da gestão de implementação mais radical de medidas neoliberais. Muitos trabalhos que dependiam do contato e interação social foram prejudicados, e muitas empresas, pequenos vendedores e autônomos foram à falência. Cerca de 68% dos trabalhadores, quase 9 milhões em números absolutos, que perderam seus empregos eram de postos informais, segundo dados do IBGE no segundo trimestre de 2020⁵. Antes da pandemia, essa categoria representava 38 milhões de pessoas. Isso significa que muitos brasileiros que foram demitidos não tiveram direito ao seguro-desemprego, ao FGTS, ao acerto pelo tempo trabalhado, ao pagamento de férias ou ao 13º salário, já que não possuíam carteira assinada. O desemprego também chegou aos trabalhadores formais. O IBGE divulgou que o número de empregados com carteira assinada no setor privado chegou ao menor nível desde 2012, com 29,4 milhões de trabalhadores registrados⁶. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) realizou uma análise com dados da PNAD Contínua que revelou que o desemprego na pandemia prejudicou principalmente os jovens de 18 a 24 anos⁷. Do quarto trimestre de 2019 ao mesmo período de 2020, 4,1 milhões de jovens perderam o emprego. Os trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos foram os mais prejudicados pela pandemia. A taxa de desocupação subiu de 23,8% no quarto trimestre de 2019 para 29,8% no mesmo período de 2020, o que corresponde a quase 4,1 milhões de jovens à procura de emprego. Sendo que entre os jovens mais afetados no país estavam os com ensino médio incompleto. As mulheres e as pessoas pretas também foram um grande alvo desse desemprego. Outro dado importante é o aumento da informalidade e a redução da formalidade.



Gráfico - Emprego / Desemprego - 2020-21. Fonte dados: IBGE

⁵ 8,9 milhões perderam o emprego no 2º tri, no pico da pandemia, diz IBGE. Economia UOL, 06 junho 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2020/08/06/pnad-continua-desemprego-ibge.htm>

⁶ BRASIL, Cristina. Número de empregados com carteira chega a menor nível desde 2012. Agência Brasil, 30 setembro 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-09/numero-de-empregados-com-carteira-chega-menor-nivel-desde-2012>

⁷ Estudo do Ipea mostra que impacto da pandemia foi maior para trabalhadores jovens e menos escolarizados. IPEA, 14 abril 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=37769

Um dos desdobramentos da expansão do home office e da necessidade inicial de isolamento foi a ida a restaurantes substituída por deliveries de comida, aumentando o seu consumo. De acordo com a empresa alemã especializada em dados de mercado e consumidores, Statista, entre março e abril de 2020 houve um aumento de 155% em relação aos usuários de plataformas como Rappi, iFood e Uber Eats, essas cresceram 94,67% quando comparado com o mesmo período de 2019⁸. Os dados também mostraram que o aumento na recorrência dos pedidos em 2020 chegou a 975%. Esse aumento desencadeou o crescimento do número de entregadores de aplicativos.

Em contrapartida com toda a pobreza, desemprego e fome gerados na pandemia, a fortuna dos bilionários do mundo e do Brasil aumentou ainda mais. Os setores que mais lucraram foram o de tecnologia e o de saúde. Em 2020, a fortuna dos bilionários brasileiros aumentou US\$127 bilhões se comparada com a de 2019, além do país ganhar novos 5 bilionários para a lista⁹.

Portanto, após ter explicado o importante papel que o trabalho exerce na sociedade e suas principais características atuais, a seguir serão analisadas algumas concepções de lazer, mantendo como base o materialismo histórico, que servirão como base para explorar as relações entre trabalho-lazer e espaço público.

8 Com crescimento do delivery durante quarentena, logística de entrega se destaca. Terra, 25 maio 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/com-crescimento-do-delivery-durante-quarentena-logistica-de-entrega-se-destaca,e-757b42500254c12bab29c0b444b701ddrd8sn6c.html>

9 Carraça, Thais. Fortuna dos bilionários brasileiros cresceu 39% em meio à pandemia, diz UBS. Folha de São Paulo, 8 outubro 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/fortuna-dos-bilionarios-brasileiros-cresceu-39-em-meio-a-pandemia-diz-ubs.shtml>

1.3 - O lazer no sistema capitalista: uma disputa espaço-temporal

Conforme esclarecido acima o que é o trabalho produtor de mercadorias e toda a sua atual precarização e flexibilização, pode-se entender agora o que é o não trabalho. Segundo Filho (2003), “Se o trabalho na configuração acima detalhada expressa o fundamento de toda a atividade social, o não trabalho também estará submetido a esse processo que poderá ser expresso por meio do lazer, do ócio e do turismo, segundo a visão do materialismo histórico e dialético.”. Antes de definirmos o lazer, iremos primeiro entender como o lazer e o ócio nasceram.

O lazer surge como um fenômeno de massa com características específicas que não existiam antes do modo de produção capitalista. O que existia antes do lazer, pelo menos sob uma ótica européia¹⁰, era a exaltação do ócio enquanto prática positiva durante a Grécia antiga e Roma antiga, enquanto o trabalho era uma atividade negativa realizada apenas pelos escravos. Na idade média ainda se exaltava o não-trabalho, e o ócio significava a prática da fé religiosa. É a partir do período do renascimento/colonização, e da posterior consolidação dos Estados modernos e da ascensão da burguesia ao poder, que o ócio passa a ter outro significado. O protestantismo passa ressignificar e exaltar o labor, a acumulação de capital e o individualismo.

“A ética protestante passa a pregar valores como a diligência, a temperança, a parcimônia, o afastamento dos prazeres carnavais e a poupança, valores esses em perfeita consonância com as necessidades do capitalismo ascendente. Surge assim uma nova consciência filosófica, em que o trabalho recebe um novo significado: o homem até então trabalhara para sobreviver, agora vai fazê-lo visando a obtenção de algo mais do que a simples satisfação de suas necessidades vitais: é a moral, é o que se deve fazer. A ociosidade é um mal e o trabalho se impõe como dignificante.”
(MAYA 2008, P.40 APUD MATEUS, 2019)

Desse modo, a partir da Idade Média a atividade laboral passa a ser glamourizada e incentivada de modo a realizar a manutenção do sistema vigente.

“Portanto, é a partir do surgimento e do desenvolvimento do capitalismo, bem como do aumento da divisão social do trabalho e da racionalização e burocratização das instituições e relações sociais, que o ócio como algo contemplativo deixa de ser visto como positivo e passa a ser visto como algo negativo que deve dar lugar a uma nova lógica: a do trabalho produtivo. É a partir desses fenômenos que o tempo se torna cada vez

mais racionalizado e obedece a lógica do capital. Ele se torna cada vez mais dividido e cronometrado. É nesse contexto que surge o lazer, ou seja, ele é “(...) um produto da sociedade moderna. Isso não quer dizer que não havia formas de distração e atividades lúdicas em sociedades pré-capitalistas, mas que o lazer é a forma específica que assume na nossa sociedade” (VIANA 2014, p.60 apud MATEUS, 2019)

A romantização do trabalho, sobretudo a partir da intensificação da industrialização, e que acompanhará a urbanização, exige que seja compreendida a noção de lazer como resposta a este fenômeno. O sociólogo Joffre Dumazedier em seu livro “Sociologia empírica do Lazer” define lazer como:

“O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.”
(DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

De acordo com Dumazedier (1973), é possível dividir o lazer em três funções. A primeira é a do descanso e a de liberação da fadiga e do cansaço físico. A segunda é a de divertimento, entretenimento, recreação e por consequência, a complementação de um equilíbrio psicológico, espiritual e físico, assim, compensando o esforço realizado no trabalho. A terceira e última função é a da participação social mais livre de modo a possibilitar o desenvolvimento pessoal, seria a procura desinteressada por amigos e pela aprendizagem voluntária, não aquela com objetivo de se profissionalizar mais, desse modo, estimulando a razão e a sensibilidade. Esse será o lazer a ser reivindicado, e através dessa pesquisa será possível investigar qual o seu atual caráter.

Desse modo, o objetivo deste estudo é compreender como os espaços públicos livres têm sido apropriados por dinâmicas voltadas ao trabalho. A relação espaço temporal que organiza o mundo do trabalho é bastante complexa e, para podermos compreender melhor se o lazer tem se fortalecido ou diluído nos espaços urbanos, é importante compreender que o tempo do trabalho tem se tornado mais flexível e intenso. De acordo com Antunes (2008): “... o domínio do trabalho é, mais do que nunca, domínio do tempo de trabalho.”. Esse tempo de trabalho influencia nos demais tempos. O modo de produção capitalista modificou a maneira com a qual lidamos com o tempo, já que com a inserção do cronômetro durante o expediente, além de ditar o ritmo de produção, controla-se também o tempo das relações sociais. Os regimes de acumulação e formas de organização do trabalho no modo de produção capitalista fazem com que o tempo se torne cada vez mais dividido e racionalizado para que se possa realizar diferentes etapas e atividades.

¹⁰ A cosmovisão de sociedades não européias produziram outras apropriações do tempo que não tinham a base produtivista como ponto de partida e chegada. Para este trabalho, entretanto, iremos abordar o lazer segundo a perspectiva da industrialização capitalista que se tornará hegemônica ao longo dos séculos XIX e XX.

“A divisão social do trabalho, que se torna cada vez mais especializada, criando uma série de funções e atividades no mundo do trabalho, faz com que o indivíduo viva e reproduza suas relações sociais de acordo com o seu posto de trabalho e a sua condição de classe, analisando a sociedade através de um único aspecto e esquecendo de pensar através de uma concepção que parta da totalidade e seja crítica.”
(MATEUS, 2016)

Segundo o autor Mateus (2016), “a divisão social do trabalho no modo de produção capitalista tem influência direta sobre a divisão social do tempo, o que faz com que se tenha diversos tipos de tempo de acordo com o trabalho que se exerce na sociedade.”.

De forma a tentar compreender essa divisão social do tempo, foi utilizado como base as definições realizadas pela autora Sarah Bacal em seu livro “Lazer: teoria e pesquisa”. A autora (1988, p.16) divide o tempo em 3 categorias tendo como base a relação com o trabalho. Primeiro, há o tempo necessário, que consiste no período no qual se realiza a atividade laboral. Já o tempo liberado é usado para cumprir as obrigações diárias fora do ambiente de trabalho, como por exemplo as obrigações domésticas, sociais, políticas, pagar contas, se deslocar até os lugares, etc. É importante ressaltar que a quantidade de tempo necessário e do liberado varia de acordo com o recorte de classe, raça e gênero. Por último, temos o tempo livre, é o que sobra após cumprir os outros dois. O tempo livre pode ser definido como:

“... aquele tempo no qual a pessoa não se sente obrigada a realizar nenhuma tarefa, atividade, função ou hobby, ou seja, é um tempo que se tira para si mesmo, que é livre das obrigações do cotidiano e que dá a chance de desenvolvimento mínimo das potencialidades e capacidades do ser humano.”
(MATEUS, 2016)

Teoricamente, esse seria o tempo que poderia ser destinado ao lazer. De maneira a tentar entender como de fato essa divisão funciona na prática, onde está esse lazer, e quantas horas as pessoas gastam em cada categoria do tempo da Sarah Bacal, foram realizadas entrevistas (anexo 03) com um roteiro semiestruturado (anexo 02) que serão melhor analisadas mais a frente. Para agora, vale ressaltar que os resultados mostraram que essa divisão não acontece de forma muito clara, uma vez que o tempo do trabalho tende a ocupar e influenciar os tempos da socialização, das atividades domésticas, do descanso, do lazer, entre outros. Todos entrevistados sentiram dificuldade em dizer exatamente quantas horas gastam em cada categoria de tempo, e em citar atividades que faziam puramente por lazer que não relacionadas com o trabalho. Como por exemplo A Vendedora da Feirinha 01 que produz as suas mercadorias enquanto vê televisão. Observou-se também que quanto mais precarizado e informal o trabalho, maior tende a ser a sua jornada, é o caso dos entregadores e dos ambulantes que chegam a trabalhar 10 horas por dia. Outro fato constatado foi que as mulheres costumam

gastar mais tempo liberado do que os homens, isto é, em obrigações diárias como tarefas domésticas, e cuidar dos filhos. Quando os entrevistados foram perguntados sobre o tempo livre, mesmo após terem escutado a sua definição, muitos responderam que não tinham esse tempo de não obrigações ou de trabalho, e alguns citaram como respostas atividades relacionadas ao tempo liberado, como cuidar da alimentação, saúde ou da higiene pessoal, estudar, entre outros. Poucas pessoas responderam que praticavam atividades relacionadas ao lazer. Esse lazer incluía fazer compras, ir a restaurantes, assistir televisão, passear, entre outras atividades. Além disso, esse tempo de folga costuma, por necessidade, ser mais utilizado para descanso e recuperação. Nossos desejos, necessidades, hobbies, e os nossos dias são condicionados pelo capitalismo, mesmo fora do trabalho ainda sentimos a pressão para nos aperfeiçoarmos a fim de sermos mais produtivos e qualificados para o mercado de trabalho. Desse modo, mesmo quando não estamos trabalhando ou realizando tarefas cotidianas obrigatórias, não estamos tendo um tempo verdadeiramente livre para que possamos desenvolver nossas capacidades e potencialidades. Por mais que esse tempo consiga às vezes aparentar ser de liberdade e com opções para se escolher, ele é em sua essência um tempo condicionado pelo capitalismo. E no capitalismo não há tempo de liberdade, apenas um tempo programado e orientado para atender às constantes necessidades e interesses do capital. Interesses esses que giram em torno da superprodução e do superconsumo. Segundo Mateus (2016): “É como se o tempo livre do trabalhador não fosse realmente livre, mas sim um tempo que o aprisiona e dita as regras e produtos que ele deve consumir através da propaganda propiciada pelos veículos de comunicação controlados pela burguesia.”

Em tempos de capitalismo em sua versão neoliberal, o lazer se tornou uma mercadoria, passível de ser produzida e consumida, sendo parte do processo de produção, distribuição, circulação e troca de mercadorias.

“(...) o lazer é um valor de troca e valor de uso, pois deve ser comprado e consumido, pois outros o vendem e lucram com isso. A mercantilização do lazer é inseparável de sua burocratização e, por conseguinte, do seu controle. E se os indivíduos já se encontravam controlados em seu trabalho, para-trabalho e obrigações sociais, agora mais um momento de sua vida passa a sofrer um controle externo. A práxis é reduzida a quase nada, sendo que em muitos casos se torna inexistente, e resta apenas o sono para ser mercantilizado e burocratizado, ou seja, algo controlado e lucrativo para o capital.”
(VIANA, 2014, p. 66).

A fase atual de superprodução e acumulação sem limites do capital, exige, além da flexibilização do trabalho, um superconsumo. Para isso, o lazer se converteu, cada vez mais, em um ato de consumir. Desse modo, o tempo de folga, quando existente, é programado e manipulado para que seja um tempo de consumo alienado.

Do ponto de vista psicológico, o consumo pode ser entendido como um simples querer de coisas cujos atrativos são inerentes à sua natureza (utilidade); como um querer de coisas cujos atrativos dependam das aquisições feitas pelos outros (inveja), ou como um querer de coisas cujos atrativos são o reflexo da imagem do “eu” (desejo). Em todos os casos, o consumo passa pela relação entre o querer e a possibilidade de possuir algo. Do ponto de vista econômico, o consumo é considerado uma etapa final do processo produtivo, ou seja, a produção é o ponto de partida, enquanto o consumo é a finalização desse processo aparentemente infundável (a produção só tem sentido porque haverá consumo e porque o consumo levará a mais produção). Assim, os mesmos homens que produzem são também os que consomem, dependendo, obviamente, das suas condições, uma vez que o consumo implica a relação econômica entre renda e preço [...] O consumo não pode, então, ser considerado um momento autônomo: ele encontra-se determinado seja pelo complexo processo constitutivo dos desejos humanos, seja pela lógica de produção, o que, nas sociedades capitalistas, significa dizer que se encontra determinado pela lógica do lucro.” (PADILHA, 2012, p. 85).

Uma importante referência sobre este tema, o livro “ O Direito à Preguiça” do Paul Lafargue surge como um manifesto político ainda no século XIX para que se reivindique a redução da superprodução e do superconsumo na sociedade capitalista. Sua obra foi considerada muito polêmica para a época, pois foi escrita em uma Paris na qual os operários trabalhavam até 15 horas diárias em situações deploráveis e com uma forte ideologia do direito ao trabalho. O autor tenta em sua obra convencer o proletariado dos males do trabalho excessivo e clama pela redução da jornada de trabalho, reivindicando um direito à preguiça para que os indivíduos possam explorar dimensões da existência humana para além do trabalho produtivo. A preguiça se torna positiva e enobrecedora, sendo essencial para a saúde dos trabalhadores.

“Mas para que tenha consciência de sua força, é preciso que o proletariado pisoteie os preconceitos da moral cristã, econômica e livre-pensadora: é preciso que volte a seus instintos naturais, que proclame os Direitos à preguiça, mil vezes mais nobres e mais sagrados que os típicos Direitos do Homem, arquitetados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa. É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando, pelo resto do dia e da noite.” (LAFARGUE, 1999, p.84)

O livro aborda um pecado capital como um direito, criticando o modo pelo o qual a religião “santifica” o trabalho, chamando de um “dogma desastroso”. A preguiça e o ócio são considerados maléficis para a sociedade pois vão de encontro a lógica da produtividade e exaltação do trabalho que foi muito difundida pela religião cristã:

“Segundo a tradição judaico-cristã, como forma de castigar Adão e Eva, que desobedeceram certas regras, Deus impôs para ambos o trabalho. Esse foi um mecanismo punitivo, que por não cumprir a vontade divina, passaram a ter o trabalho como uma imposição e a preguiça como um pecado capital. É com esses preceitos, que o clero propagará uma filosofia que explicará que o homem está na terra para sofrer. O trabalho passa a ser visto como um dogma a ser cumprido e respeitado. Mas, o que pode ser percebido é que Deus, após a criação do universo em seis dias, foi descansar eternamente no sétimo dia, constatando uma notória contradição entre o pensamento religioso.” (LAFARGUE, 1999)



Lafargue considerava que o progresso técnico seria uma ferramenta de emancipação do operário. Ele pensava a máquina como uma potência libertadora, uma ferramenta capaz de libertar os escravos do trabalho alienado e do domínio do capital. O que vemos atualmente é o avanço técnico e tecnológico usado para meios de dominação e servidão da classe operária e não a sua libertação. Hoje, e a cada dia que passa, a preguiça como uma disposição contrária ao aprimoramento humano e ao produtivismo. Lafargue que já gerava incômodo criticando os “viciados” pelo trabalho no século XVIII, hoje em um mundo de coaches e empreendedorismo gera mais desconforto ainda. Em tempos de capitalismo tardio, frases como “tempo é dinheiro”, “o trabalho dignifica”, “trabalhe enquanto eles dormem” são ditas por uma população orgulhosa em dizer que é “workaholic”. Não é apenas a cultura e ideologia capitalista que pregam o produtivismo e consumismo como prioridade, o pensamento urbanístico hegemônico não produziu uma cidade para preguiçosos. O modo no qual produzimos cidades, inclusive os espaços de lazer, também seguem a lógica da mercantilização, privatização e especulação imobiliária. O espaço urbano é pensado e planejado de modo a agilizar e encurtar o ciclo de valorização do capital.

Os preceitos do urbanismo hegemônico, sobretudo no auge do modernismo do século XX, mas não apenas, reforçavam em muitos aspectos essa moral da exaltação da produtividade e do capital, e a condenação da preguiça e do ócio. Pode-se considerar como exemplo a fala de Le Corbusier (2009) em seu livro *O Urbanismo*: “A mula não pensa em absolutamente nada, senão em ser inteiramente despreocupada”. As cidades, vistas como mercadorias, se tornam espaços prioritários de produção e de consumo. Portanto, o espaço urbano não foi pensado para proporcionar a prática e o usufruto do lazer ativo por dois motivos. O primeiro é que o modo pelo qual a cidade é configurada com sua acumulação de riqueza nas áreas centrais, faz com que a população mais pobre resida em locais afastados de onde há a concentração de oferta de trabalho. Isso faz com que a classe trabalhadora gaste uma maior quantidade de tempo liberado, pois gastam mais tempo se deslocando para as áreas centrais, além de já gastarem mais tempo necessário pois cumprem expedientes maiores. O segundo motivo, é que o Estado submetido ao grande capital, enxerga a classe operária apenas como uma mercadoria força de trabalho, não oferecendo uma infraestrutura de qualidade para que ela possa ocupar seu tempo livre em atividades gratuitas ou menos dispendiosas, como lugares para passear, praticar atividades físicas, clubes populares, e locais para socializar. Portanto, sobra para o espaço apenas o lazer alienado, mercantilizado e privado, o que coloca uma questão importante sobre a investigação de qual caráter público dos espaços de lazer que ainda persistem na cidade e como se dá a disputa com o tempo e o espaço do trabalho nesses espaços, como é o caso deste trabalho final de graduação.

Após a análise da importância do lazer e da preguiça em tempos onde se tem um trabalho alienado cada vez mais precarizado com aumento da carga horária e uma cidade escassa de espaços que não sejam para a produção ou para o consumo, evidencia-se a necessidade de reivindicar o tempo livre. Para que se tenha um tempo verdadeira livre é necessário que haja primeiro uma emancipação desse trabalho explorador e alienante, para que assim, possa existir um lazer não mercantilizado e orientado para a lógica do consumo. Lutar pelo ócio, pela preguiça e pelo lazer é lutar para que se viva um tempo que não seja o de produtividade e de consumo. O espaço urbano, em especial o espaço livre público, se mostra em potencial um local para que se possa efetivar o lazer, a preguiça e o ócio. A seguir iremos analisar brevemente parte da história da urbanização brasileira de modo a traçar um panorama relacionando lazer x trabalho x espaço público, para que assim possamos chegar nos aproximar de um espaço da cidade do Rio de Janeiro, a Praça Saens Peña, a fim de compreender suas apropriações contemporâneas.

2 - A urbanização industrial brasileira

A república brasileira se inicia com sequelas e rastros do colonialismo. A colonização, oriunda de um processo de expansão que vai alimentar a acumulação primitiva do grande capital em organização nos países do Norte global, terá como resultado a manutenção da colonialidade que também é expressão de um aspecto dependente do capitalismo periférico. Ela foi a causa inicial para a acumulação da terra nas mãos de poucos e da riqueza em certas áreas em detrimento da escassez em outras.

“... o processo de acumulação primitiva só pode ser concretizado por meio do uso de violência não econômica, exercida, historicamente, pelo Estado com suas expropriações e intervenções político-regulatórias. No contexto colonial português, além do Estado, também a Igreja católica e, mais especificamente, as irmandades, congregações e confrarias desempenharam papel fundamental no processo de regular e restringir acesso sobretudo ao uso direto e à propriedade comum de terra. A Igreja garantia assim que, mesmo num país escassamente povoado como o Brasil dos séculos XVI ao XVIII, a população não nobre pudesse se manter separada do meio de subsistência mais importante, a terra.”
(FRIDMAN, 1999 apud GONÇALVES E COSTA, 2020)

É no contexto de pós-abolição inconclusa da escravidão e profunda desigualdade que o Brasil declara independência. Em 1889 Marechal Deodoro da Fonseca assina o manifesto e proclama a república, pressionado pela articulação de coronéis e militares. No período entre 1870 e 1890, as grandes cidades brasileiras, sobretudo o Rio de Janeiro (capital à época) experimentam um forte crescimento populacional, uma vez que o esgotamento do sistema escravista exigiu a importação de mão de obra europeia para evitar o declínio mais acentuado da atividade cafeeira. Nessa época a população carioca chegou a ter cerca de 522 mil habitantes. As cidades vivenciavam péssimas condições com o agravamento do problema habitacional, o aumento do número de cortiços e de infectados pela febre amarela. Do final do século XIX para a segunda metade do século XX, a população urbana aumenta cerca de 15%, inclusive, recebendo um forte incremento populacional oriundo de pessoas escravizadas que, ao conquistarem sua liberdade, não receberam compensações por tudo que haviam vivenciado e, sobretudo, não possuíam terra. Nesse período, as condições de trabalho eram extremamente precárias com jornadas enormes, não havia legislação trabalhista, e havia uso e abuso do trabalho infantil e feminino como forma de baixar o salário. O Estado não tinha o compromisso de ofertar políticas que garantissem direito social para toda a população. Assim, não sobrava alternativa pro povo se não ocupar terras desprezadas pelo mercado compulsório.

No início do século XX o Rio era conhecido como “Túmulo do estrangeiro”, era extremamente insalubre, sujo, pobre, com esgotos e abatedouros a céu aberto, o que contradizia com a “vitrine” que queria mostrar para o mundo. Os 388 anos de escravidão no Brasil se mostravam presentes na cidade. Cerca de 90% da população habitava em cortiços, onde moravam muitas pessoas em espaços apertados e precários. Muitos não possuíam trabalho e a ociosidade da população negra era conhecida como “vadiagem” e considerada crime.

O acúmulo de capital pelos cafeicultores possibilitou o primeiro processo de industrialização brasileira que foi complementar e associado à economia cafeeira. A cidade passou por diversos surtos de industrialização de bens de consumo. Estudava-se a necessidade de uma nova organização do espaço para resolver o problema habitacional e a contradição de como a parte nobre da cidade era e de como ela deveria ser. A zona sul deveria representar a modernidade e salubridade, já que era a moradia das classes altas, sendo alvo dos investimentos por parte do Estado. Já o subúrbio crescia desordenadamente e sem investimentos do Estado, apenas por parte de grandes empresas que instalaram suas fábricas e queriam que os operários morassem perto. Assim, as habitações da classe trabalhadora já eram pensadas para serem atreladas ao trabalho e não ao lazer. O Rio passa por uma série de reformas higienistas:

“As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno “à moda” da periferia. Eram feitas obras de saneamento básico e embelezamento paisagístico, implantavam-se as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista, ao mesmo tempo em que a população excluída desse processo era expulsa para os morros e as franjas da cidade.”
(MARICATO, 2000)

O prefeito e engenheiro Francisco Pereira Passos comandou algumas reestruturas urbanas a partir de 1903 que tinham como objetivo valorizar os terrenos e imóveis do Centro do Rio, impondo medidas urbanísticas e sanitárias. Segundo Souza (2003), a reforma urbanística teve 3 objetivos: econômico (superar a cidade colonial e transformar em uma economia urbana capitalista), sociopolítico (higienização social dos cortiços e casas-de-cômodos), e ideológico-simbólico (modernizar a capital do Brasil). Alguns desses feitos foram: o alargamento das principais artérias do centro, calçamento asfáltico pelo centro e zona sul, melhoria da acessibilidade entre centro e zona sul, criação do teatro municipal, canalização dos rios, realização de saneamento em boa parte da Lagoa Rodrigo de Freitas, criação da Av. Beira Mar e da Av. Rio Branco, demolição dos cortiços, criação do novo porto, arrasamento do morro do Senado, entre outros. Para realizar tais transformações, a prefeitura removeu centenas de edifícios e obras monumentais de infraestrutura, obrigando a população mais pobre a se deslocar para os subúrbios e morros próximos, intensificando a segregação social e a habitação informal.

“O direito à invasão é até admitido, mas não o direito à cidade. A ausência do controle urbanístico (fiscalização das construções e do uso/ocupação do solo) em certas áreas das cidades convive com sua “flexibilidade”, dada pela pequena corrupção, na cidade legal. Legislação urbana detalhista e abundante, aplicação discriminatória da lei, gigantesca ilegalidade e predação ambiental constituem um círculo que se fecha em si mesmo.”
(MARICATO, 2000, p.30)

Desse modo, instalou uma paisagem burguesa de trabalho liberal no centro e providenciou a instalação de equipamentos, espaços e infraestrutura para a elite, incluindo os que são direcionados para o lazer como praças, teatros, parques, etc. Assim, tais transformações urbanas segregaram a cidade de forma a privilegiar espaços de habitação e lazer para a elite, e a expulsar a classe trabalhadora das áreas centrais.

Com a crise mundial desencadeada pela quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a falência do modelo agroexportador, o Estado passa a investir fortemente na economia com o objetivo de incentivar o processo que ficou conhecido como Industrialização pela Substituição de Importação (ISI). Houve a valorização do produto nacional, incentivando a industrialização interna e a entrada de empresas estrangeiras, assim, ampliando os trabalhadores e fazendo o capital circular. O Estado investe em infraestrutura e em urbanização para que as indústrias possam se instalar a fim de substituir as importações de bens de consumo. A industrialização brasileira cresceu muito na Era Vargas, pois tinha mão de obra farta e barata. Uma grande oposição entre trabalho e capital era vista na produção da cidade, visto que o trabalhador quer a cidade para morar, busca um valor de uso, enquanto o capitalista, principalmente o capital imobiliário e os proprietários de terra querem lucrar. Com o começo da industrialização e a decadência da cafeicultura, a burguesia industrial:

“...assume a hegemonia política na sociedade sem que se verifique uma ruptura com os interesses hegemônicos. Essa ambiguidade entre ruptura e continuidade, verificada em todos os principais momentos de mudança na sociedade brasileira, marcará o processo de urbanização com as raízes da sociedade colonial, embora ele ocorra em pleno século XX, quando formalmente o Brasil é uma República independente. A questão fundiária, que ocupou um lugar central nos conflitos vividos pelo país no século XIX, referia-se fundamentalmente ao campo. A crescente generalização da propriedade privada da terra a partir de 1850 - com a confirmação do poder político dos grandes proprietários nas décadas seguintes - e a emergência do trabalho livre a partir de 1888 ... ocorreram antes da urbanização da sociedade. No entanto, a urbanização foi fortemente influenciada por esses fatores: a importância do trabalho escravo (inclusive para a construção e manutenção dos edifícios e das cidades), a pouca importância dada à reprodução da força de trabalho, mesmo com a emergência do trabalhador livre, e o poder político relacionado ao patrimônio pessoal.”
(MARICATO, 2020, p.22)

Nos primeiros anos da década de 1930, as atividades industriais se situavam nas áreas centrais da cidade. Em 1937 a Prefeitura do Rio de Janeiro incentiva a segregação espacial na cidade ao criar o Decreto 6000/37 que delimita uma zona industrial na cidade excluindo a zona sul e bairros tradicionais da zona norte, e também, ao criar vilas operárias para incentivar a ocupação do subúrbio e reservar o Centro para usos mais caros e lucrativos.

Nessa época, o Brasil presencia uma mudança na composição da classe trabalhadora, antes era em sua maioria rural, e passa a ser urbana industrial devido ao êxodo rural e ao crescimento das cidades. Nas décadas de 1920 e 1930, houve uma ascensão mundial da classe trabalhadora e algumas conquistas de direitos trabalhistas em certos lugares. Em Novembro de 1930 foi criado o Ministério da Indústria, trabalho e comércio enquanto responsável pela regulação das leis trabalhistas. Em maio de 1934, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) foi criada e sancionada pelo presidente Getúlio Vargas. A CLT unificou toda legislação trabalhista que existia no país até então. A Constituição de 1934 estabelece para os trabalhadores urbanos e industriais, o salário mínimo, jornada de 8 horas diárias, repouso semanal, férias remuneradas e indenização por demissão sem justa causa. Alguns anos depois, em 1946 há a criação da Justiça do Trabalho, uma fiscalizadora do cumprimento da legislação trabalhista com o objetivo de proteger o trabalhador e fazer dos seus direitos irrenunciáveis.

Entre 1940 e 1960 o governo investiu na política rodoviária, privilegiando o automóvel como meio de transporte principal. Assim, abriu a Avenida Presidente Vargas em 1944 a Avenida Brasil em 1946, desapropriando e demolindo edifícios existentes e muitas praças, como o Largo do Capim e a Praça XI, lugares tradicionais de permanência da classe trabalhadora. Inaugurou o Parque do Flamengo em 1961, introduzindo o “parkway”, e integrando vias, bairros, áreas de lazer, esporte e equipamentos culturais. Tal espaço era acessível apenas para quem morava perto ou possuía um carro. Tais fatos evidenciam como o investimento em lazer era/é destinado a classe nobre enquanto a classe baixa é vista apenas como uma mercadoria força de trabalho desprovida do direito ao ócio.

Em 1961 a capital do país se transfere para Brasília e o Rio de Janeiro perde funções e importância no cenário nacional. Após grandes conflitos é aplicado o golpe empresarial-militar em 1964, iniciando-se a Ditadura Militar. O governo militar serviu para atender o interesse dos grandes empresários. O país passou por um período de extrema repressão aos trabalhadores. A classe trabalhadora perde muito poder econômico, político e de organização política devido aos ataques às associações coletivas dos trabalhadores (partidos políticos e sindicatos) que minavam qualquer capacidade de reação e resistência, além dos arrochos salariais, salários congelados e o crescente custo de vida. Segundo Antunes (2018): “A imposição de baixos salários, associada a ritmos de produção intensificados e jornadas de trabalho prolongadas, foi ainda acentuada pela desorganização do movimento operário e sindical, imposta pela vigência, entre 1964 e 1985, da ditadura civil-militar.”

Em 1985 com a abertura política e redemocratização, a classe operária voltou a se organizar e fazer greves, movimentos sociais, sindicatos, e criar partidos políticos. Começa os preparativos para a elaboração da nova Constituição Federal para substituir a de 1967. Em 1987 foi criado o Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNUR) objetivando promover a Reforma Urbana no Brasil, e assim, melhorar a qualidade de vida da população e elevar o nível de justiça social sem remoções. A Constituição Federal de 1988 conta com os artigos 182 (tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes através do Plano Diretor) e do 183 (libera o usucapião). A nova constituição visou a ampliação dos princípios da legislação trabalhista, justiça do trabalho e inclusão dos trabalhadores domésticos rurais. Ela reconhece essa legislação enquanto parte dos direitos sociais fundamentais.

A onda neoliberal da década de 90 traz alterações na legislação trabalhista, mas não muda o sistema de regulação. O neoliberalismo impõe aos países periféricos uma série de condições para que eles se “desenvolvam” economicamente, como a desregulamentação do mercado de trabalho e da economia. O Brasil passa por uma dinâmica interna fundada na superexploração da força de trabalho, desencadeando na perda de direitos trabalhistas, flexibilização da legislação trabalhista e precarização do trabalho, de modo a se adequar a essa nova divisão internacional do trabalho. Os direitos trabalhistas são colocados nessa troca de favores entre o capital nacional e o estrangeiro.

Em 2001 o Estatuto da Cidade consolida, dentre vários instrumentos jurídicos, as ZEIS (ou AEIS, áreas especiais de interesse social), proporcionando mais segurança às regiões de moradia da população pobre. O Movimento pela Reforma Urbana teve forte protagonismo e conseguiu inserir a função social da cidade e da propriedade urbana. Entretanto, as operações urbanas consorciadas (também oriundas do mesmo Estatuto da Cidade), vão se tornar um instrumento forte de intervenção urbana e, contraditoriamente, a partir de políticas organizadas segundo a ótica do lazer, como os megaeventos da Copa do Mundo e das Olimpíadas, incluindo a previsão de equipamentos culturais no centro, irão desestabilizar as áreas pobres e um novo ciclo de remoção vai recomeçar.

Entendendo como a urbanização brasileira ocorreu da república até os dias atuais, é possível compreender como o espaço urbano é organizado de modo a facilitar e agilizar a realização do ciclo do capital. A cidade enquanto meio e agente da desigualdade constrói zonas de miséria e zonas com grandes acúmulos de capital. Os espaços públicos livres, enquanto lugares heterogêneos e multiusos nas cidades, possuem um grande potencial para a ampla prática do lazer. Nesse sentido, será o espaço focado nesse estudo e assunto do próximo capítulo.

2.1 - Espaços livres públicos urbanos

Um dos maiores objetivos dos espaços livres públicos é dar sentido à vida na cidade, sendo o local no qual a cidade se faz mais plena devido a possibilidade dos encontros. De acordo com Castro (2013 apud Costa, 2017): “Os espaços públicos compreendem os lugares urbanos que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum e permitem a interação entre as pessoas.”. A distinção do que de fato é espaço público e o que é espaço privado, nem sempre existiu e se confunde ao longo da história. Na Grécia antiga, a ágora era um espaço livre com edifícios de caráter público, onde as pessoas iam para se reunir, participar de feiras e tribunais populares, e para discutir política. Era um espaço livre público no qual os cidadãos (nem todos indivíduos eram considerados cidadãos) exerciam a cidadania. Ao longo da história, perde-se um pouco o interesse em desenhar e projetar espaços públicos até chegar às reestruturações urbanas higienistas de Haussmann em Paris e Cerdà em Barcelona que inspiraram a de Pereira Passos no Rio de Janeiro. Sendo que a criação desses espaços não foram de acesso universal já que eram implantados nas áreas mais nobres da cidade, como já visto anteriormente nesse texto.

Durante o modernismo discutia-se muito sobre a racionalidade e setorização da cidade, inclusive de suas funções. O IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) realizado em Atenas em 1933 resultou na concepção da Carta de Atenas, um manifesto urbanístico. O evento teve como temática a funcionalidade da cidade e como protagonista Le Corbusier que escreveu a carta. A cidade deveria ser dividida em zonas de acordo com as quatro funções: trabalhar, morar, lazer e circular. Sendo que as duas primeiras funções eram previstas para serem realizadas em espaços privados. A circulação ocorre obrigatoriamente no espaço público, ainda que se use meios de transporte privados. O lazer, por mais que tenha sua origem pensada para o espaço público, vai ao longo dos anos migrando para espaços privatizados, apesar de, em áreas mais estruturadas, grandes equipamentos públicos terem sido instalados. E o trabalho ao sofrer com a informalidade, migra para o espaço público. Tal setorização ao separar o lazer pretendia organizar onde e quando as pessoas poderiam usufruí-lo, e principalmente, quais pessoas. Essa divisão faz com que a cidade perca sua diversidade e vivacidade, e produza áreas bastante desiguais.

O modo de produção capitalista não permite que a cidade siga alguma outra lógica senão a da produção de mercadorias para realizar o processo de valorização do valor. Desse modo, a arquitetura e o urbanismo ao reproduzir a lógica capitalista reforçam a segregação espacial. O próprio processo de urbanização faz com que os espaços públicos sejam implantados de maneira desigual pela cidade e recebam mais ou menos investimentos públicos. Assim, os espaços públicos destinados ao lazer se tornam escassos em qualidade e quantidade.

“De um lado estão os que defendem, de forma manifesta ou oculta, a necessidade de preservar o privilégio da qualidade de vida em áreas da cidade onde ela seja viável apesar dos ataques deste ambiente geralmente sombrio, funesto e inseguro. Essa defesa da qualidade de vida, na prática, se traduz na delimitação de espaços segregados, uma espécie de oásis recortados e avulsos dentro da cidade, convertendo-a, hoje, em um território totalmente fragmentado, onde imperam a selvajaria e a marginalidade. Esses espaços públicos, por definição, heterogêneos, estão condenados a deteriorar-se e a morrer se reduzidos à condição de vias de circulação rápida – normalmente motorizada – para ligar territórios privados, ainda que esses sejam seguros e belos.” (ROLNIK, 2000)

Esse modelo de cidade prioriza a circulação de mercadorias (entre elas a força de trabalho), e a propriedade privada em detrimento do lazer, ócio e do prazer, assim, produz espaços de lazer que podem ser apropriados apenas se consumidos. A reprodução do capital faz com que certas áreas sejam supervalorizadas em detrimento de outras. O espaço urbano passa a ser disputado por grandes empreiteiras e construtoras que precarizam cada vez mais a moradia e a infraestrutura para a classe mais baixa. Segundo Benevolo (1983, p.657), “conservar o equilíbrio dos interesses imobiliários estabelecido no último século, que não é apenas uma fonte de privilégio para algumas categorias econômicas, mas um instrumento de poder para o conjunto da classe dominante”.

O uso multifuncional do espaço foi perdendo, ao longo do tempo, várias funções e atividades como a troca, descanso, encontro, convívio, diversão, relaxamento, atividades prazerosas, lazer, exercícios físicos, etc, que aconteciam no espaço público, para determinados recortes sociais, e migram para o espaço privado, passando a produzir um valor e a gerar mais-valia.

O lazer por seguir a lógica do consumo perde seu lugar nos espaços públicos e migra para o espaço privado. O espaço urbano ao ser associado a lógica da produção e do consumo passa a ter poucos espaços de qualidade onde as pessoas possam aproveitar o escasso tempo de lazer que lhes resta. A quase ausência de investimento público e a falta de utilização desses espaços acarretam em espaços desagradáveis e hostis.

“[...] instalou-se na sociedade, em relação à cidade e ao espaço público, uma espécie de agorafobia coletiva. Em um primeiro momento aconteceu a fuga, o não-uso, o esvaziamento da função política simbólica identitária da cidade; posteriormente, essa agorafobia se transformou em medo, rejeição, pavor do espaço público, porque não se caracterizava mais como protetor, “conectador” e integrador. Pelo contrário, é cada vez mais percebido como um local de exercício da violência, porque foi dissolvendo-se o contrato que permitia que a diversidade não se expressasse em violência e se rompeu a dimensão pública pluriclassista e heterogênea com a criação de guetos, de espaços privativos, fechados e homogêneos.”
(ROLNIK, 2000)

Resta ao uso do espaço público, aqueles que estão mais à mercê do sistema capitalista, são eles: aqueles que estão em situação de rua e não possuem moradia, aqueles que usam o espaço para o trabalho informal ou aqueles que usam o local como refúgio de sobrevivência. Abordar a importância dos espaços livres públicos enquanto espaços de apropriação coletiva para o lazer, descanso ou para sua reivindicação, se torna necessário e urgente. Portanto, reivindicar o espaço público como espaço por excelência de apropriação do lazer, do descanso, do respiro, e do convívio coletivo se mostra fundamental.

Portanto, para essa pesquisa foi escolhido a praça Saens Peña no Rio de Janeiro, de modo a ser utilizada como estudo de caso para entendermos como todas essas relações funcionam espacialmente. A praça enquanto tipologia foi escolhida, ao invés de parques ou outros espaços públicos urbanos livres, porque normalmente possui uma maior quantidade de usos possíveis. As praças são conhecidas por serem um espaço que permite o encontro de diferentes grupos e classes sociais. A seguir iremos analisar quais suas atividades e características históricas e atuais de modo a entender como se dá a sua relação lazer x trabalho.

3 - Praça Saens Peña: lazer e trabalho no espaço público

Entendendo a necessidade de recorte espacial para compreender como os espaços livres públicos têm sido ocupados pelos trabalhadores e por aqueles que buscam atividades de lazer, foi selecionada para o estudo a praça Saens Peña¹¹, localizada no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro. A praça foi escolhida já que, historicamente, possui forte relação com elementos relacionados ao lazer (Cinelândia da Zona Norte) e ao trabalho (feiras de artesanato, entorno com forte comércio formal e informal, grande oferta de serviços e salas empresariais, entre outros). Além da presença dessas características, a praça é considerada o “coração” do bairro pois além de estar geograficamente no centro do bairro, é um importante núcleo que atende também bairros vizinhos como Vila Isabel, Grajaú, Andaraí, entre outros. Possui uma notória centralidade para a cidade, atraindo um grande fluxo de pessoas e mercadorias, uma vez que concentra diversos pontos de ônibus, inclusive pontos finais e acessos para o metrô. A praça sofreu intensas transformações ao longo dos anos até chegar ao que conhecemos nos dias atuais. Passou por várias reformas internas, e as edificações do seu entorno mudaram de uso em cada período histórico, influenciadas pela ocupação da praça, e também, influenciando sua apropriação.



Fonte: Alexandre Macieira/Prefeitura do Rio. 2020.

¹¹ A praça Saens Peña foi rebatizada como Praça Sáenz Peña, em homenagem ao ex-presidente argentino Roque Sáenz Peña, mas como ela é mais conhecida pelos moradores como Saens Peña, será esse o nome utilizado ao longo do trabalho



Fonte: Google Earth. 2021.

3.1 - Histórico: a consolidação da praça como espaço público

No início do século XIX toda a área conhecida hoje como Grande Tijuca era denominada de Andaraí. O local onde hoje se encontra a Saens Pena até a subida do Alto da Boa Vista era chamado de Andaraí Pequeno. Tijuca era a denominação usada apenas para indicar a floresta, o pico e a serra. O bairro ainda era rural, marcado pelas chácaras particulares e fazendas de café. Não havia mais do que 4 caminhos que se reuniam ao redor do Largo da Fábrica de Chitas, espaço que foi formado pelo encontro da até então Estrada do Andaraí, a atual Rua Conde de Bonfim, e pela Travessa do Andaraí, atual Desembargador Isidro. O nome Largo da Fábrica das Chitas, hoje atual Saens Penã, foi dado devido à proximidade da Fábrica das Chitas, aberta em 1820. A fábrica de tingimento de tecidos de algodão provenientes da Índia, era uma das primeiras indústrias do país e foi o embrião de urbanização do bairro. As fábricas e manufaturas necessitavam utilizar a água como força motriz, logo se instalavam próximas de rios. A Tijuca por possuir diversos rios, foi alvo de muitas fábricas até as duas primeiras décadas do século XX. Apesar da Fábrica das Chitas ter durado apenas cerca de 20 anos (1820-40), o nome do largo persistiu por mais de um século (AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.82). Naquele tempo, o largo era apenas um espaço vazio, nem de longe parecia uma praça. É interessante notar que a primeira utilização do espaço foi associada ao trabalho industrial, servindo como um espaço de acesso à fábrica até 1840, quando fechou.



Fábrica das Chitas, 1820. Fonte: Diário do Rio.

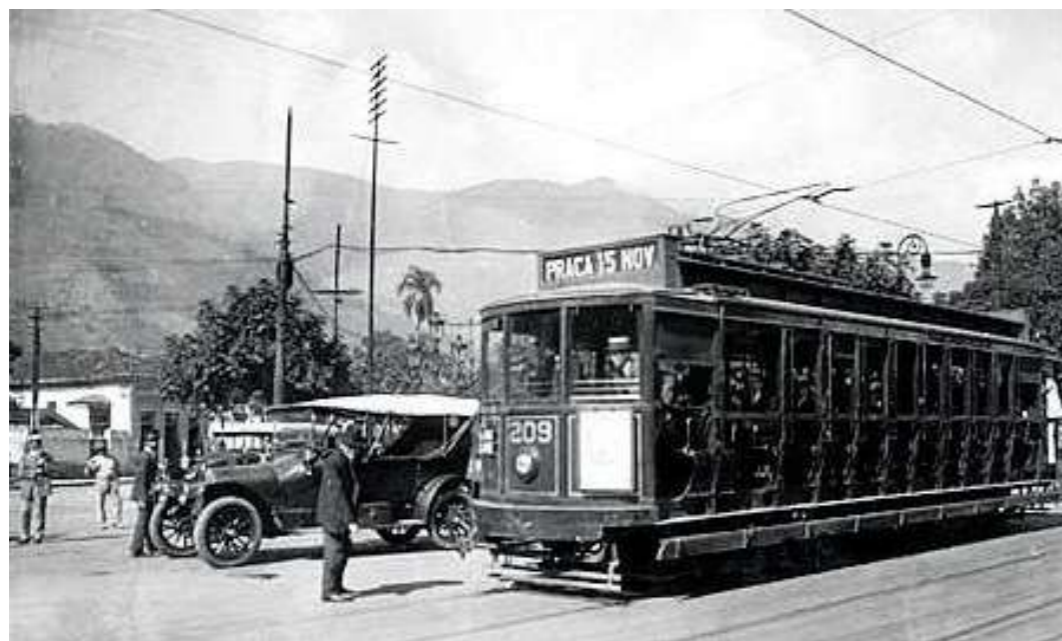


Mapa Tijuca. Fonte: A Tijuca de Antigamente.



Fotografia - Largo da Fábrica das Chitas. Fonte: Bernardodurco. 1909.

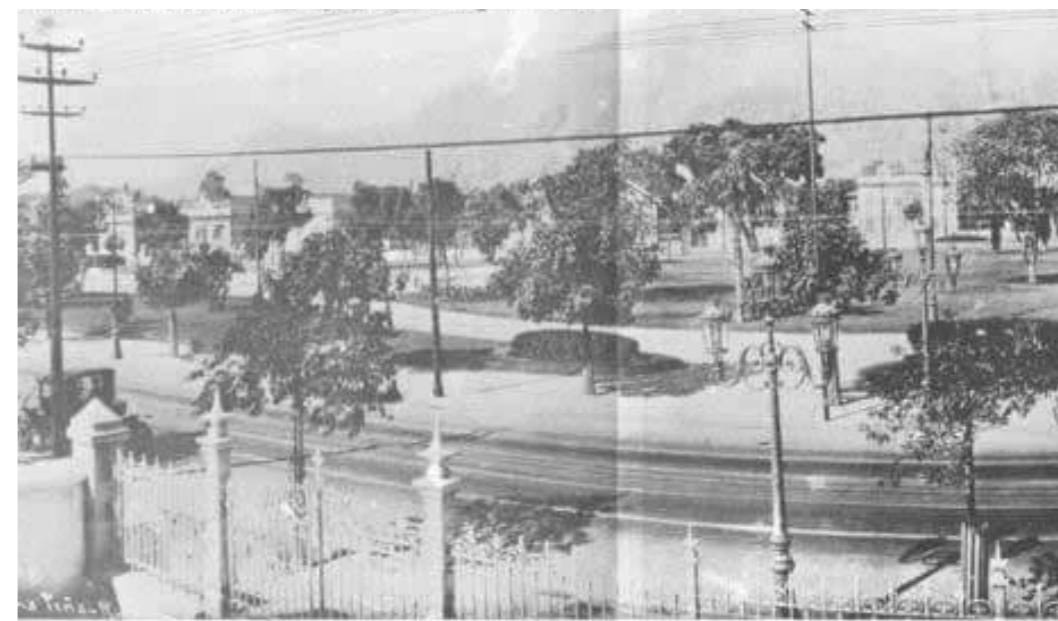
Durante a década de 80, intensificou-se a instalação de indústrias, principalmente têxteis, nos bairros distantes do centro, entre eles a Tijuca. Em 1859 inaugurou a primeira linha de bonde sobre trilhos que ligava o Centro ao Alto da Boa Vista, passando pela Tijuca. Em 1898, a linha Estrada de Ferro da Tijuca foi a primeira via eletrificada da América Latina, os bondes percorriam 5 quilômetros, partiam o ponto terminal da linha de bondes da Tijuca (Junção do Elétrico - Av Édson Passos) e iam até o Alto da Boa Vista (Weid, 2020). No final do século XIX, a linha 66 de bonde fazia o trajeto Praça XV / Usina, e tinha um ponto no largo (Quintans, 2008). Observa-se que desde antes de ser uma praça de fato, antes mesmo de ser utilizado para lazer, o local já era utilizado pela classe trabalhadora e considerado um importante ponto de acesso para o transporte público. Características presentes até hoje, conforme será mostrado mais adiante.



Bonde Linha 66. Fonte: Boemia e Nostalgia. 1910.



Cartão postal - Largo da Fábrica das Chitas. Fonte: livro Tijuca de Rua em Rua. 1910.



Largo da Fábrica das Chitas. Fonte: Bernardodurco. 1905.

Em 1911 houve a inauguração da praça, e o antigo Largo da Fábrica das Chitas foi reformado e transformado na Praça Saens Peña, que recebeu esse nome em homenagem ao ex-presidente argentino da época Roque Sáenz Peña, que esteve no Brasil em uma visita oficial no ano anterior. A praça recebeu, então, o seu primeiro projeto paisagístico com inspiração francesa. Assim, o antigo largo ganha enormes jardins, mobiliários urbanos como bancos, o coreto e teatro para marionetes. Segundo Aizen, Cardoso e Vaz (2003, p.82), “Os jornais noticiaram a transformação do velho e feio largo da fábrica no belo e elegante jardim para o desfrute das famílias do populoso bairro.”. Nesse sentido, a praça foi inaugurada com objetivo de ser um local de lazer e de encontro para os moradores do entorno.

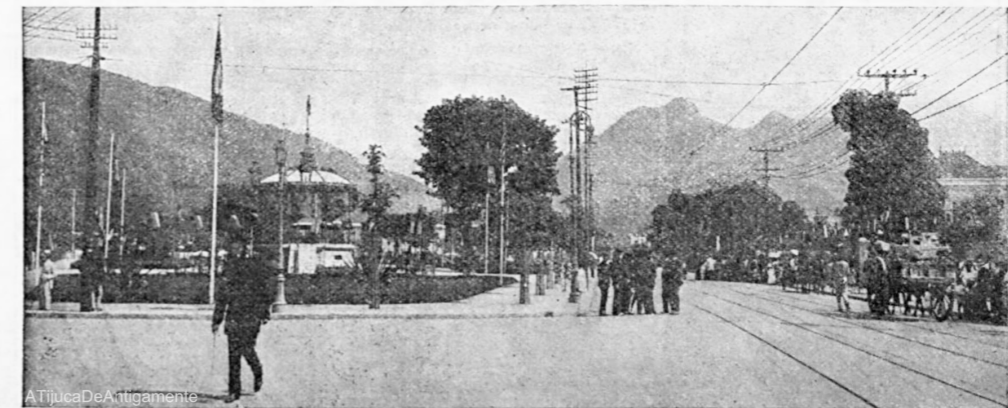
“Lá, localizavam-se um coreto, onde se apresentavam bandas de música, as retretas, e um guignol, teatrinho que exibia espetáculos com marionetes para entreter crianças. Para os jovens, o grande programa era o footing, ou seja, passear ao redor da praça para ver e ser visto, flertar, conversar, o que normalmente acontecia aos domingos após a missa numa das igrejas próximas. A praça era, então, um centro de lazer e sociabilização no bairro.”

(AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.82)



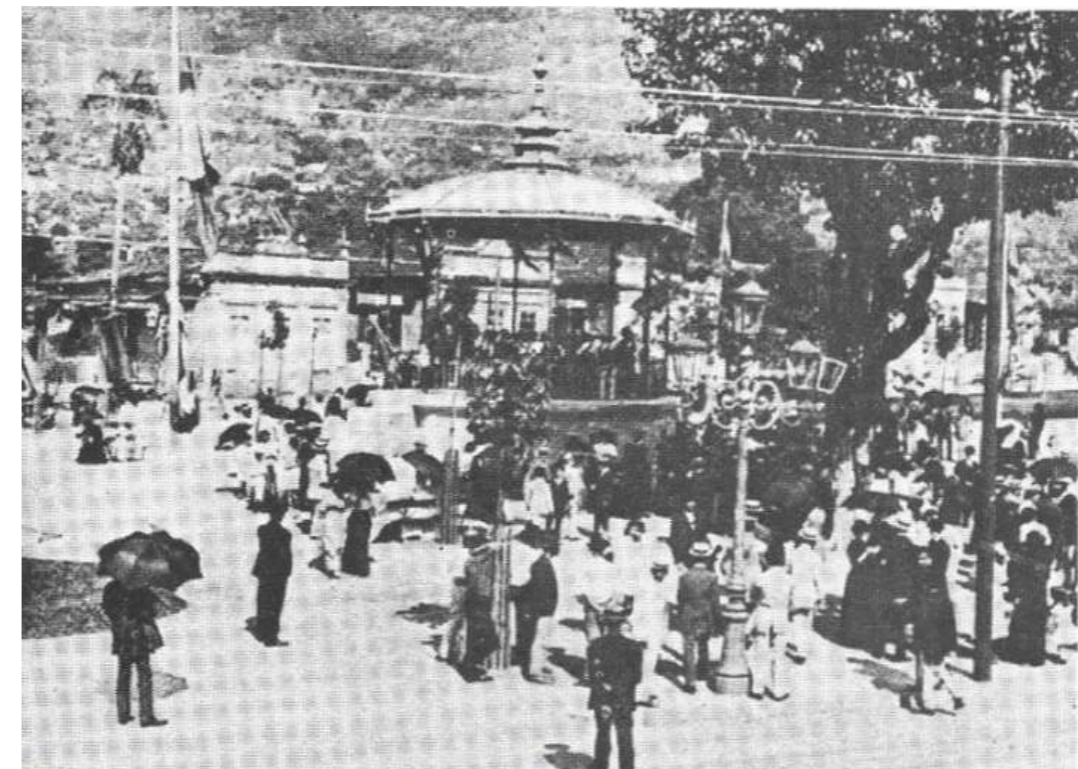
Vista aérea da Saens Peña, 1940. Fonte: O Rio visto pelo alto.

VISTAS DO RIO DE JANEIRO

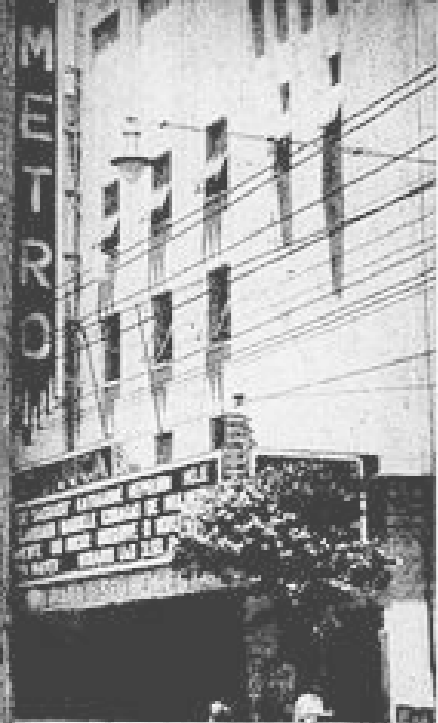


Novo jardim no ângulo da rua Conde de Bomfim com a Desembargador Izidoro (Fábrica das Chitas). Chama-se Praça Saenz Pena, como justa homenagem ao illustre presidente da Argentina, auctor da celebre phrase — *Tudo nos une e nada nos separa*. Ao fundo as «alterosas montanhas»... da Tijuca.

Fonte: Revista O Malho. 27. maio 1911, edição 454.



Inauguração da Saens Peña. Fonte: Revista FonFon. 1911, edição 18.



PRAÇA SAENZ PEÑA A CINELANDIA DA TIJUCA



Durante o progresso que envolve o Rio de Janeiro na última década, tem se caracterizado de modo bastante em todos os setores, através da boa vontade e atenção dispensada pela Administração Municipal e demais órgãos dos poderes públicos. Se esta verdade é um motivo de orgulho para o cidadão, maior orgulho ainda terá o fluminense, que se poderá aliar com o desenvolvimento progressivo do seu presente e aristocrático bairro que, a par da beleza arquitetônica de suas mansões e de seu moderníssimo comércio, conta também com uma praça que incontestavelmente podemos chamar de "Cinelandia da Tijuca" — Praça Saenz Peña. Tradicional e histórica, no local em que a venosa vida, com sua imponente conduta e qualificados cidadãos, viram os

meandros do passado aprofundando a cura com o predomínio da Lei Desembargador Lúlio e se conta um casarão, onde famílias e famílias reunidas foram feitas pelas famílias que, no tempo da monarquia, tinham haviam incontestavelmente pelo casarão desde republicana. Mais tarde, em 1911, na administração do primeiro Sr. Mendes Corrêa, este velho prédio foi demolida, as ruas alargadas e o bairro substituído para dar lugar à praça que recebeu o nome de Saenz Peña em homenagem a grande vulto argentino que por ocasião de suas visitas ao Brasil já visitara os laços de uma amizade unida entre o nome pelo e a noite longas, concebida na sua livre alçada, a praça pagouva e muito acastimada a solidiedade construída tal no nada nas águas.



Destacamos e mencionamos ainda sem maiores referências, os nomes de principais casas comerciais da Praça Saenz Peña, especializadas em artigos diversos, por se acharem já bastante identificadas com o público que se procura diariamente citarmos em primeiro lugar a mais antiga casa de bairro fundada em 1905 — Loja Guimarães, seguida das demais que constituem o mais conjunto comercial em uma praça de bairro no Rio de Janeiro: Mary e David, antiga estabelecimento de Malas, sito à rua Conde de Belfim, 384; S. L. Saenz Peña, sito à Praça Saenz Peña, 11, com perfumaria, artigos de barbear e calçados; e Bazar 303, que ocupa este número da rua Conde de Belfim e Caldeira e S. S. Saenz Peña, um estabelecimento mobiliário em sua praça de comércio sito à rua Conde de Belfim 346; Sapataria Tijuca, sito à praça, onde ocupa a loja do n. 3; as Lojas Saenz Peña, situada no número 15 daquela praça e a Tijuca, conhecida com de calçados, localizada à rua Conde de Belfim 412.



praça foi um grande centro de comércio que viveu a um populoso bairro, qual se reconhecia pelo predomínio de suas comodidades para ir à loja suas compras, imediatamente da a atenção dos proprietários de uma que se apresentavam em instalações próprias, modernas e confortáveis para o público de bairro de negócios. Foi possível a existência e capital Vital Ramos Costa, incorporado o majestoso edifício antigo Olinda, onde se desenvolveu simultaneamente com o nome de cidade. O Cine Metro tornou uma companhia teatral, Metro Tijuca-Meyer, que dotou entre de uma casa de diversões a par de um cinema. Outra, a par de teatros, um teatro ali, substituiu a existência de teatro, foi o Cine Central que há 10 anos de existência com seus 30 lugares de teatro, tendo sido o primeiro "Saenz Peña", construído, que muito breve Praça Saenz Peña, sofreu uma reforma notável, pois o prefeito Jorge Heleno, como sempre guardou as tradições, prometeu à praça, por meio do Movimento da Tijuca, a presença de comerciantes e artistas, através de exposições e atividades que se impõem.

A Praça Saenz Peña, localizada no bairro de Tijuca, é um dos pontos de maior interesse do Rio de Janeiro, sendo uma das mais belas praças da cidade. Foi fundada em 1911, em homenagem ao Sr. Saenz Peña, argentino, que foi presidente da Argentina. A praça é rodeada por edifícios de grande valor arquitetônico e abriga diversas lojas e estabelecimentos comerciais. É considerada uma das mais bonitas praças do Rio de Janeiro.

As lojas que habitam estas ruas, oferecem o interesse e a variedade de seus produtos, em mostrar a beleza e a imponência cada vez maior de nossos, através de seu impulso e mobilizar comércio.

Um motivo importante que influenciou no estabelecimento da Saens Pena como um grande centro de lazer, foi a instalação de diversos cinemas de rua em suas redondezas ao longo do século XX. Os cinemas surgiram inicialmente no centro da cidade, mas logo em seguida chegaram também na Tijuca.

“o cinema, no Rio de Janeiro, foi uma solução para a crise de alegria que havia na cidade no fim do séc. XIX. A desilusão com o Império e a necessidade de se importar modos aristocráticos europeus que rompessem com o passado colonial português e que se aproximasse dos franceses e ingleses.”
(FREYRE, 2000, p.467)

A partir de 1907, as primeiras salas de exibição de filmes do bairro se instalaram na Rua Haddock Lobo, que chegou a ter oito, mas a maioria fechou em 15 anos. A Praça Saens Pena foi o próximo endereço escolhido. Na verdade, o primeiro cinema no local foi inaugurado em 1909, antes mesmo da inauguração da Praça em si. O Cinema Tijuca localizado na rua Conde de Bonfim, que passou a ser conhecido como “Tijuquinha”, possuía 679 lugares (Gonzaga, 1996). No mesmo ano inaugurou, também na mesma rua, o Éden Cinema, que no ano seguinte passou a ser chamado Cinema de J. Carbanca, e em 1948 sofreu uma reforma e se tornou o Cine Teatro América. Na década de 40 a Saens Peña ficou ainda mais conhecida enquanto centro de lazer na Zona Norte, mais cinemas de rua se instalaram no entorno da praça. Em 1940 inaugurou o gigantesco Cine-Teatro Olinda na rua Praça Saenz Pena, continuação da Desembargador Izidro, ele tinha capacidade para 3.500 lugares mas era considerado um cinema desconfortável. No ano seguinte, em 1941, chegou o seu concorrente, o Cine Metro-Tijuca localizado na Conde de Bonfim com 1.108 lugares, foi palco de todas as produções M-G-M e dos lendários Festivais Tom & Jerry. No mesmo ano inaugurou o Cinema Carioca com 1.785 lugares, era uma obra com acabamento em mármore de carrara e design arquitetônico em art-déco, foi o único tombado da região.

A Saens Pena passou a ser conhecida como a “Segunda Cinelândia”, “Nova Cinelândia” e “Cinelândia do Subúrbio”, pois chegou a abrigar ao mesmo tempo 13 cinemas de rua (FERRAZ, 2008, p.2). O apelido fazia referência ao entorno da Praça Marechal Floriano Peixoto no Centro da cidade, que abrigava diversos cinemas, restaurantes, bares e teatros e ficou conhecido como Cinelândia na década de 1930.

“Era mesmo um momento de adaptações e experimentações: o Rio de Janeiro passava por uma fase de transformações nos hábitos sociais e na aparência arquitetônica. A cidade vivia a sua Belle Époque. Projetos urbanísticos seguiam tendências européias para traçar e organizar os espaços públicos. Neste bojo, estavam incluídas as praças, que, remodeladas, permitiam o footing da burguesia. Nelas, era comum encontrar pessoas com certo “ar burguês”, ostentando um status que, na maioria das vezes, não correspondia à situação real do indivíduo – como nota Evelyn Furquim Werneck Lima (2000). Nos primeiros tempos da República, novos hábitos surgiram, expandindo a sociabilidade antes restrita aos salões coloniais e ao ambiente familiar: praças, ruas, coretos e uma série de cafés, restaurantes, teatros, pavilhões e cine-teatros, aos poucos, iam construindo a vida urbana da antiga capital.”
(FERRAZ, 2008, p.5)

Durante o apogeu do subcentro da Praça Saens Pena, houve a chegada de diferentes perfis comerciais e de entretenimento. A “praça” como era chamada passou a ser conhecida pela oferta de lazer e comércio.

“Naquela época, além dos cinemas, havia, em frente à praça Saens Peña, a elegante Confeitaria Tijuca, onde se podia comentar os filmes saboreando sorvetes, chás e lanches, o que também proporcionava ao local a fama de lugar chique. A instalação de cinemas novos, maiores e mais modernos proporcionou o reforço e a expansão da função de lazer da praça.”
(AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.83)

A presença dos cinemas atraíram não apenas outros mais, mas também um forte setor terciário, reforçando assim o local como um subcentro que servia pessoas de diferentes bairros da cidade.

“A Praça Saens Peña, apesar de ter sido considerada por muitos anos a Segunda Cinelândia Carioca, nunca se prestou a apenas um único uso urbano. A partir da década de 1940, a variedade de lojas e serviços terciários oferecidos renderam à região o título de subcentro da cidade [...]. Aliado à grande área livre e arborizada da praça, esses equipamentos ajudaram a alargar as fronteiras do bairro, convidando pessoas de outras localidades do Rio de Janeiro a participar da força urbana que lá se engendrava.”
(FERRAZ, p. 97, 2012)

Aconteciam alguns eventos semanais como apresentações de fantoches e toda sexta e sábado tinha a feira de artesanato, vendendo diversos itens de vestuário e decoração, que perdura até hoje. A praça ganhou uma nova prática social, além do footing, o “fazer-compras”, tornando o ato de consumir, um lazer em si.

Em 1947, a Praça passou por uma reforma baseada em um novo traçado paisagístico elaborado pelo arquiteto Azevedo de Neto, que tinha como eixo o lago artificial com chafariz, que perdura até hoje. Nessa reforma, tem seu coreto e teatro de marionetes retirados e transferidos para a praça Catolé da Rocha, no bairro de vigário geral.

“Segundo a edição de 15 de novembro de 1947 do jornal A Notícia, a reforma introduziu na praça Saens Peña o calçamento com desenhos de macadame português e plantas ornamentais. Com esse desenho, com a boa acessibilidade, com a presença de frondosas árvores e com as múltiplas e crescentes atividades, a praça permaneceu na memória de seus moradores e suas moradoras até a década de 1980. Para aquelas pessoas, era simplesmente “a praça”.”
(AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.83)

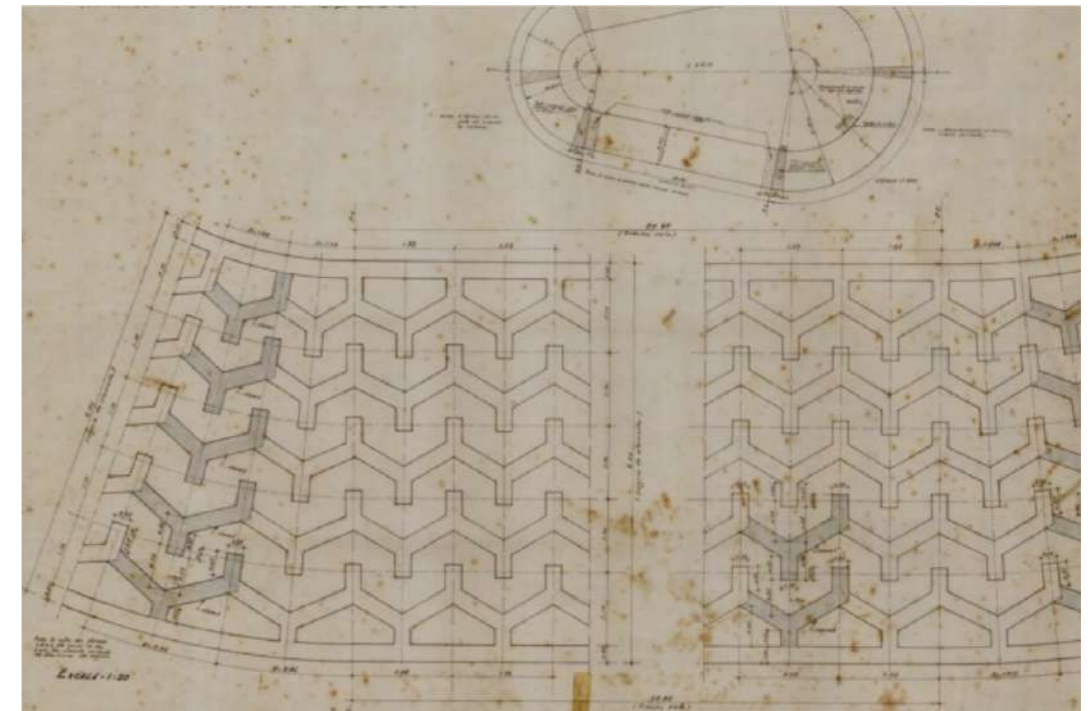
O paisagista Burle Marx chegou a apresentar um estudo preliminar para a reforma, que tinha como proposta canteiros bem orgânicos, e também, um lago artificial como elemento central.



Vista aérea da Saens Peña. Fonte: O Globo, 1950.



Projeto de Burle Marx, 1947. Fonte: Na Tijuca.

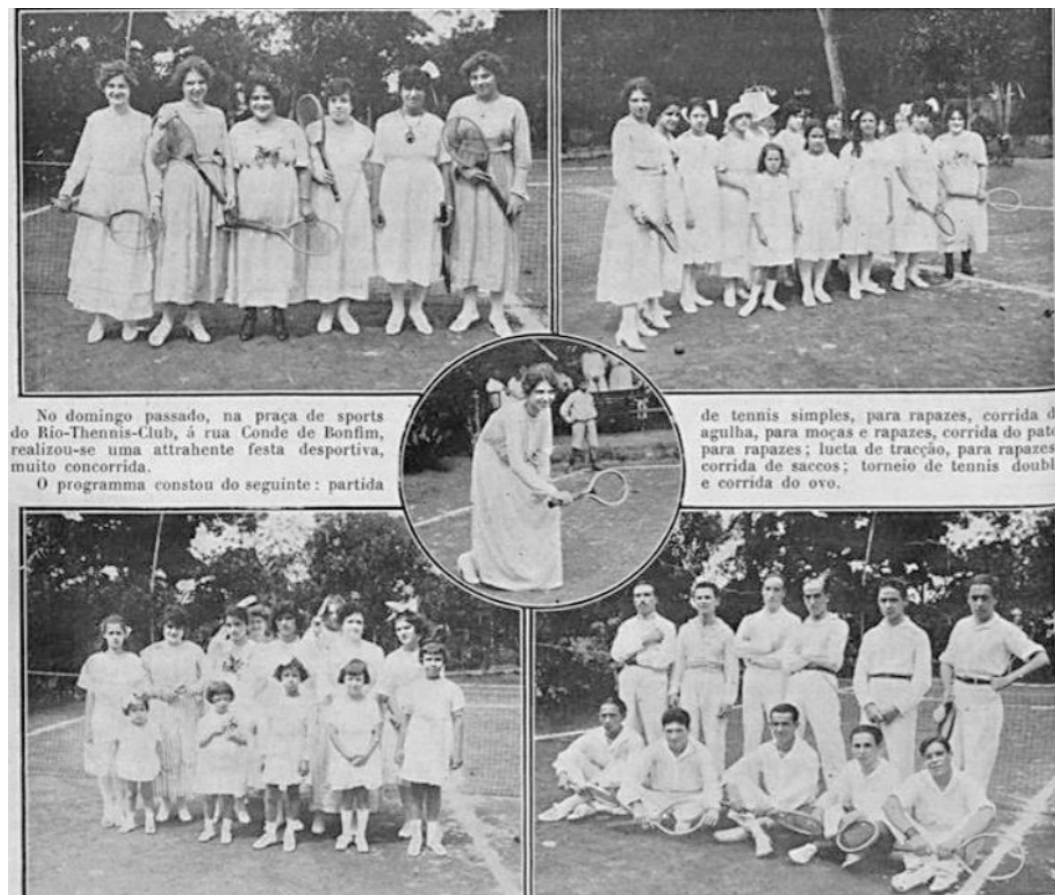


Projeto de Azevedo de Neto, 1947. Fonte: Na Tijuca.

Na década de 50, o futebol ganha destaque enquanto entretenimento e começa a disputar com os cinemas. O Estádio Mário Filho é construído no bairro vizinho, o Maracanã, para a copa de 50. Os clubes esportivos particulares começaram a se instalar na Tijuca no começo do século XX, tornando-se uma opção de lazer para além dos cinemas. O bairro chegou a abrigar cerca de 20 clubes, entre eles, o Tijuca Tênis Clube, o Montanha Clube, o Country Clube, o Sesc e o América, sendo que esse último foi demolido para ser substituído por um shopping. O América é o mais antigo de todos, foi fundado em 1904 com um estádio para os amantes de futebol, que logo depois foi demolido e transformado em sede. A partir de 2014 ficou fechado até que em 2020 começou a sua demolição completa, no local será construído um shopping. O Tijuca Tênis Clube foi inaugurado em 1916 e conta com várias quadras esportivas, piscinas e espaços recreativos para toda a família. O Montanha Clube e o Country Club Tijuca, fundados respectivamente, em 1949 e 1963, oferecem diferentes quadras esportivas e piscinas. O Sesc, fundado em 1977, conta com jardins projetados por Burle Marx, teatro, quadras esportivas, piscinas, galerias de arte, entre outros ambientes recreativos.



Estádio Maracanã, 1950. Fonte: Blog Carioca do Rio.



Partida de tênis no Tijuca Tênis Clube, 1919. Fonte: Revista Careta.

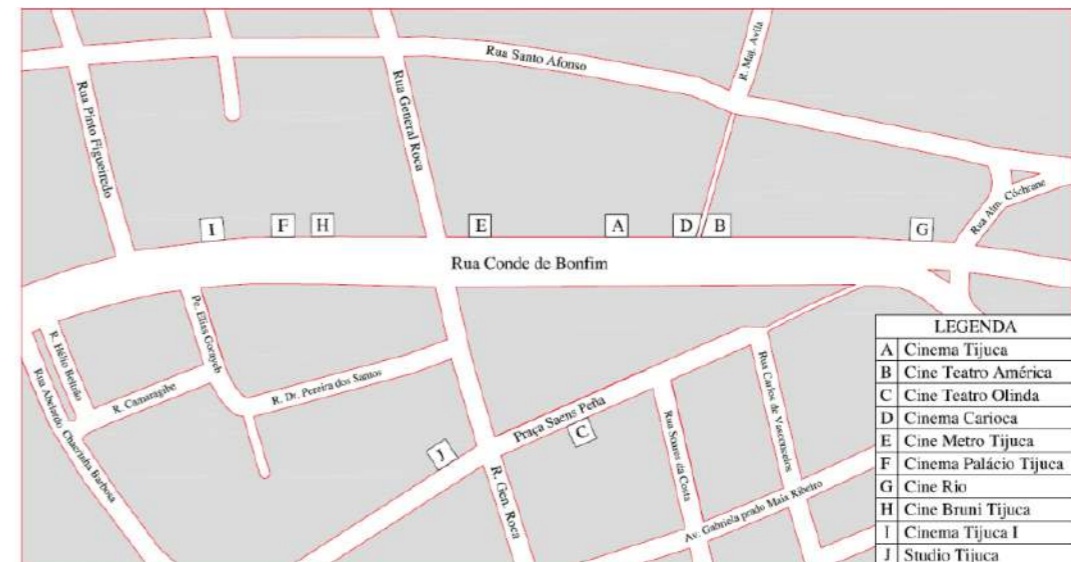


Piscina do Tijuca Tênis Clube, 1958. Fonte: Blog Saudades do Rio.

No início da segunda metade do século os cinemas ainda estavam em alta, e continuaram se instalando no entorno da praça. Em 1956, inaugurou na Conde de Bonfim o Esky com 1.702 lugares, que permaneceu até 1964. Em 1988 passou por uma reforma e dividiu a sua sala em duas, herdou o nome do antigo cinema Tijuca, o “Tijuquinha”, fechado em 1966, e passou a ser conhecido como Cinema Tijuca I e II. Ainda na mesma rua, o Cine Art-Palácio Tijuca foi aberto em 1960 com capacidade de 1.569 lugares, e construído pela Art-Filmes. O Cine Britânia surgiu em 1962 na rua Desembargador Isidro, com uma sala pequena de 290 lugares, logo depois passou a se chamar Studio Tijuca. O cine Rio inaugurou em 1965 na rua Conde de Bonfim com sala de 1.140 lugares. Por último, o Cine Bruni Tijuca abriu em 1968 com capacidade para 497 lugares (Gonzaga, 1996).

Tal fama da Tijuca, e mais especificamente da Praça Saens Peña, atraiu não só as salas de projeção, mas todo tipo de atividades terciárias, reforçando assim, a região como um verdadeiro subcentro onde viam pessoas de vários locais da cidade, assim como afirmou Cardoso et al (1984) e Ferraz (2012):

“Sua posição central no bairro e o fato de ser local de passagem de diversas linhas de bonde e ônibus que ligavam tanto a Tijuca quanto outros bairros ao centro possibilitaram, provavelmente, o desenvolvimento do núcleo comercial na Praça Saens Peña, em detrimento de outros locais. A concentração do comércio na Praça Saens Peña durante muitos anos fez como que ela se tornasse para os tijucanos “a praça”. Quando um morador do bairro diz que vai “à praça”, certamente vai à Saens Peña.” (CARDOSO et al, p. 138, 1984).



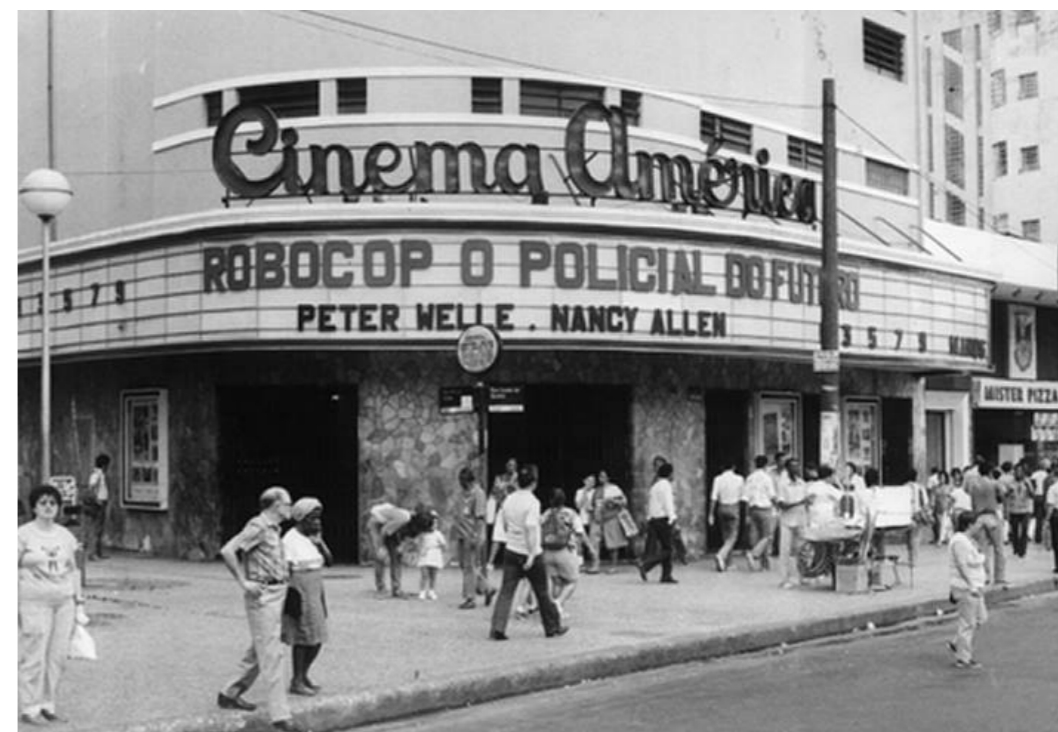
Esquema gráfico dos cinemas em atividade na praça Saens Peña entre 1935 - 64. Fonte: Raquel Gomes de Sousa.

| Cinema | Inauguração | Fechamento | Endereço | Atual função |
|-----------------------|-------------|------------|------------------------------|--|
| Cinema Tijuca | 05/1909 | 01/1996 | Rua Conde de Bonfim, 344 | Demolido / Prédio Comercial |
| Cine-Teatro América | 06/1918 | 02/1997 | Rua Conde de Bonfim, 334 | Farmácia |
| Cine-Teatro Olinda | 09/1940 | 08/1972 | Rua Desembargador Isidro, 51 | Demolido / Prédio Comercial |
| Cinema Carioca | 03/1941 | 04/1999 | Rua Conde de Bonfim, 338 | Igreja Neopentecostal |
| Cine Metro Tijuca | 10/1941 | 01/1977 | Rua Conde de Bonfim, 366 | Demolido / Loja departamental |
| Cinema Tijuca I | 01/1956 | 05/1988 | Rua Conde de Bonfim, 422 | Prédio Comercial |
| Cinema Palácio Tijuca | 01/1960 | 07/1982 | Rua Conde de Bonfim, 406 | Loja departamental |
| Studio Tijuca | 01/1962 | 03/1981 | Rua Desembargador Isidro, 10 | Igreja Neopentecostal / Prédio Residencial |
| Cine Rio | 08/1965 | 10/1978 | Rua Conde de Bonfim, 302 | Banco / Prédio Comercial |
| Cine Bruni Tijuca | 08/1968 | 06/1990 | Rua Conde de Bonfim, 370 | Prédio Comercial |

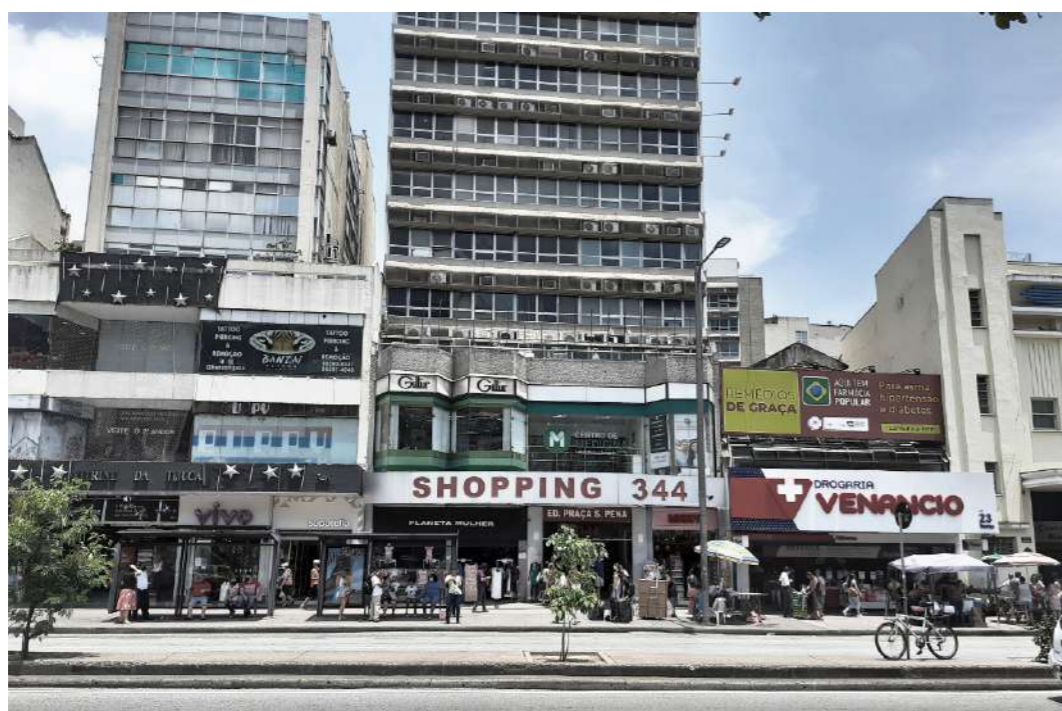
Tabela com os cinemas da praça Saens Peña.



Cinema Tijuca. 1960. Fonte: A Tijuca de antigamente.
O Cinema foi o primeiro da região e ficou conhecido como "Tijuquinha" (1909 - 1966), após seu fechamento funcionou como "Tijuquinha das Frutas" por um tempo.



Cinema América. 1987. Fonte: Agência O Globo.
O Cinema foi inaugurado em 1918, e ao longo dos anos passou por algumas reformas, até que com o seu fechamento em 1997 teve seu interior todo demolido.



Galeria Shopping 344. 2021
Atualmente funciona como uma galeria, na calçada a sua frente possui alguns ambulantes vendendo mercadorias, além do ponto de ônibus, o que torna o lugar bem movimentado.



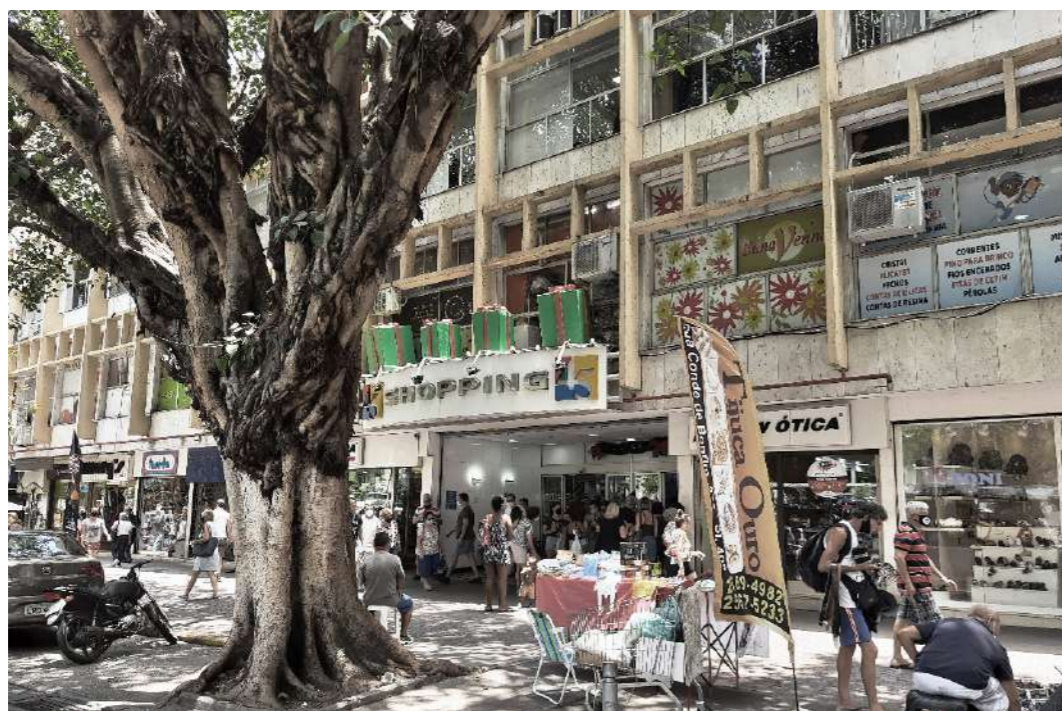
Drogaria. 2021
Atualmente comporta uma drogaria, por ser localizado na esquina de uma rua só para pedestres, um alto fluxo de pessoas circulam ao redor, além do fato de algumas barracas de ambulantes se instalarem na sua lateral.



Cinema Olinda, 1971. Fonte: Agência O Globo.
O Cinema foi construído em 1940 com uma das maiores salas do Rio de Janeiro, e demolido completamente em 1972.



Inauguração do Cinema Carioca. 1941. Fonte: Agência O Globo.
Inaugurado em 1941 com uma arquitetura art-déco, com largos pilotis em mármore e uma escadaria de corrimãos dourados no hall de entrada. Fechou em 1999 e 8 meses depois foi tombado.



Igreja Universal. 2021
Logo no local foi construído o famoso Shopping 45 que possui diversas salas comerciais e de serviços, sendo um importante ponto de referência na praça.



Igreja. 2021
Local foi vendido para uma instituição religiosa, e manteve parte do seu interior preservado e sua fachada intacta, apesar de estar em más condições.



Cinema Metro Rio. 1969. Fonte: IMS.
Inaugurado em 1941 exibiu famosos festivais de filmes e se localizava ao lado do Café Palheta, bastante frequentado.
Foi completamente demolido em 1977.



Cine Tijuca-Palace.
Inaugurado em 1967 exibia apenas filmes de artes e depois virou um cinema comercial. Fechou em 1982.
É possível reparar a presença do comércio informal na frente já.



Loja de departamento. 2021
Após demolição foi construída uma loja de departamento, e é um conhecido ponto de referência entre os tijucanos.



Loja de departamento. 2021.
Após demolição foi construída uma loja de departamento, o comércio informal ainda se mostra presente na calçada.



Cine Rio. 1970. Fonte: Arquivo Nacional.
Inaugurado em 1965 do lado da famosa casa da marca Granado. Fechou em 1978.



Cine Bruni Tijuca. Fonte: CineMagia.
Cinema pequeno inaugurado em 1968, era vizinho de grandes rivais. Fechou em 1990.



Agência bancária. 2021.
Seu interior foi demolido e transformado em uma agência bancária.



Galeria comercial. 2021.
Foi transformado em uma pequena galeria comercial. O local é bem movimentado por ser de frente a um sinal e a uma estação do metrô.

É indispensável notar como o espaço da Praça Saens Peña foi suporte para o extravasamento do caráter cinematográfico da região. O local foi também palco de produções de filmes considerando a marcante presença dos fotógrafos lambe-lambe que se espalhavam pela Praça até os anos 2000. Os fotógrafos registravam passeios em família, produziam postais para turistas, e a partir da década de 50, se popularizaram fazendo fotos para documentos. Eles carregavam grandes câmeras em formato de caixote que funcionavam como laboratórios de revelação, imprimindo as fotos instantaneamente. O apelido lambe-lambe se dava devido ao uso da saliva nas chapas para verificar o lado certo de encaixe.

“(…) a foto do lambe-lambe é porém revelada e copiada dentro do mesmo caixote que sustenta a lente. Por dentro, na verdade, o que existe no caixote é um laboratório mirim. Ao entrar na “casaca”, o pano preto, o fotógrafo vai obter seu negativo no escuro. A rotina é a mesma de um laboratório comum, mas a escala é infinitamente menor, e só uma incrível paciência permite a necessária destreza. Depois de banhar o filme em sua “química” — os líquidos revelador e fixador — o lambe-lambe lava o negativo e seca ao vento. Numa segunda etapa, mas também dentro do milagroso caixote, procede a transferência da imagem para o papel. A cópia dos negativos, sempre no mesmo formato, é feita por um sistema idêntico ao dos contatos de filmes. Só que o “amplificador” do laboratório-mirim do lambe-lambe é um buraco.”
(MESQUITA, p.4)

Desse modo, a prática dos fotógrafos por estarem diretamente ligadas à praça, marcam sua paisagem durante o século XX.

O declínio dos cinemas começou na segunda metade do século XX. Na década de 50, houve o lançamento da transmissão televisiva e com isso incentivou a chegada de cinemas maiores e mais luxuosos. O surgimento da televisão como um lazer alternativo aos cinemas afetou diretamente o mercado cinematográfico. Nas décadas seguintes, a popularização da televisão acabou por mudar o perfil dos espectadores, e com isso diversos cinemas nacionais começaram a falir. A perda da platéia fez com que salas pequenas fechassem suas portas, e cinemas maiores dividissem suas salas em menores ou encerrassem as atividades. Portanto, a década de 70 foi marcada pelo desaparecimento de cinemas famosos como o Olinda (1972), Metro (1977), Cine Rio (1978) e o Studio Tijuca (1981). Eles deram lugar respectivamente a galeria Shopping 45, loja de departamentos, agência bancária, e igreja evangélica.



PRAÇA (?) SAENS PEÑA

A COMUNIDADE EM CONFRONTO COM O METRÔ

Emília Silveira
Foto de Delfim Vieira

caderno B

Uma semana antes de ser inaugurado, o metrô de São Paulo enfrenta o desafio de ser recebido por uma comunidade que vive há décadas em um espaço urbano que se tornou um campo de batalha. A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade. A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade. A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.



Está certo, brincar em fazer o metrô e não ser recebido com a mesma alegria que se viu durante a obra. A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Enquanto Maria Durval, já com 60 anos, espera pelo metrô, ela vive em um apartamento que não tem nem água nem luz. A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade. A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Thales Costa, da Delfim, reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Shirley também reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Quem encontra uma rua não é a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Um mês antes de ser inaugurado, o metrô de São Paulo enfrenta o desafio de ser recebido por uma comunidade que vive há décadas em um espaço urbano que se tornou um campo de batalha.

Está certo, brincar em fazer o metrô e não ser recebido com a mesma alegria que se viu durante a obra.

Enquanto Maria Durval, já com 60 anos, espera pelo metrô, ela vive em um apartamento que não tem nem água nem luz.

A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Thales Costa, da Delfim, reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Shirley também reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Quem encontra uma rua não é a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Um mês antes de ser inaugurado, o metrô de São Paulo enfrenta o desafio de ser recebido por uma comunidade que vive há décadas em um espaço urbano que se tornou um campo de batalha.

Está certo, brincar em fazer o metrô e não ser recebido com a mesma alegria que se viu durante a obra.

Enquanto Maria Durval, já com 60 anos, espera pelo metrô, ela vive em um apartamento que não tem nem água nem luz.

A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Thales Costa, da Delfim, reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Shirley também reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Quem encontra uma rua não é a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Um mês antes de ser inaugurado, o metrô de São Paulo enfrenta o desafio de ser recebido por uma comunidade que vive há décadas em um espaço urbano que se tornou um campo de batalha.

Está certo, brincar em fazer o metrô e não ser recebido com a mesma alegria que se viu durante a obra.

Enquanto Maria Durval, já com 60 anos, espera pelo metrô, ela vive em um apartamento que não tem nem água nem luz.

A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Thales Costa, da Delfim, reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Shirley também reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Quem encontra uma rua não é a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Um mês antes de ser inaugurado, o metrô de São Paulo enfrenta o desafio de ser recebido por uma comunidade que vive há décadas em um espaço urbano que se tornou um campo de batalha.

Está certo, brincar em fazer o metrô e não ser recebido com a mesma alegria que se viu durante a obra.

Enquanto Maria Durval, já com 60 anos, espera pelo metrô, ela vive em um apartamento que não tem nem água nem luz.

A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Thales Costa, da Delfim, reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Shirley também reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Quem encontra uma rua não é a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Um mês antes de ser inaugurado, o metrô de São Paulo enfrenta o desafio de ser recebido por uma comunidade que vive há décadas em um espaço urbano que se tornou um campo de batalha.

Está certo, brincar em fazer o metrô e não ser recebido com a mesma alegria que se viu durante a obra.

Enquanto Maria Durval, já com 60 anos, espera pelo metrô, ela vive em um apartamento que não tem nem água nem luz.

A obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Thales Costa, da Delfim, reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Shirley também reclama que a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Quem encontra uma rua não é a obra do metrô em São Paulo, no dia 17 de julho de 1979, marca o início de uma nova etapa na história da cidade.

Em 1976, o metrô, enquanto evolução dos bondes, chega ao bairro dando início às obras das três primeiras estações tijuicanas, a Afonso Pena, São Francisco Xavier e Saens Pena, como estação final do oposto à zona sul. De 1976 a 1982 a Praça Saens Pena foi interditada e se transformou em um enorme canteiro de obras. O local passou por um período turbulento, sua população se deslocava com dificuldades e muitas lojas foram fechadas por falta de vendas. Diversas vias foram rasgadas, entre elas a Conde de Bonfim, abrindo uma cratera para a passagem do túnel. Quando o metrô foi inaugurado em 1982, a praça tinha sofrido algumas alterações em seu traçado, como a extinção do tráfego da lateral da rua Desembargador Izidro que desembocava na rua Conde de Bonfim, assim, prolongando o calçamento para pedestres. Outra mudança perceptível foi a retirada de várias árvores, entre elas algumas centenárias, e também, a destruição de boa parte do calçamento em pedras portuguesas projetado pelo Azevedo de Neto.

O comércio local se recuperou prevendo uma forte valorização no entorno, assim como um adensamento e verticalização colocando em risco as edificações de valor arquitetônico e histórico ainda presentes. Apesar da ameaça e de outras transformações, algumas edificações ainda resistem no entorno.



Inauguração do metrô na Saens Peña, 1982. Fonte: O Globo.

O entorno edificado da praça não se alterou drasticamente pois a forte verticalização não ocorreu conforme previsto após a inauguração do metrô. Apesar de não ter desaparecido muitos prédios, muitas lojas tradicionais que eram exclusivas do bairro foram substituídas por lojas que fazem parte de redes que se espalham pela cidade (AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.86). Muitas lojas e cinemas migraram para os shoppings. Assim, com a substituição de boa parte das salas cinematográficas de rua por lojas na década de 70, a implantação do metrô, e a inauguração de shoppings e galerias comerciais, o caráter de lazer tijucano começa a se transformar. Passear entre as vitrines e fazer compras já era considerado uma espécie de footing moderno, se tornando um forte entretenimento para os tijuicanos. O lazer enquanto consumo de atividades relacionadas à produção cinematográfica passa a ser direcionado ao consumo de mercadorias em geral.

“Os novos templos de consumo, os shoppings, estão relacionados tanto a novas formas de empreendimentos como a novos usos e costumes das populações, inclusive a carioca. O lazer – principalmente o hábito de ir ao cinema, passear, ver vitrines e frequentar confeitarias e lanchonetes – deslocou-se para o interior dos shoppings, que também atraem consumidores(as) para o seu comércio, principalmente de artigos mais finos. Aliando-se aos próprios interesses do capital incorporador em ver esse tipo de empreendimento proliferar, as recentes ondas de violência na cidade fizeram com que boa parte da população carioca passasse a optar por esses centros de comércio e lazer, considerados mais seguros, em detrimento do comércio e do lazer nas ruas”

(AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.86)

O primeiro shopping a ser inaugurado é a galeria Shopping 45 em frente a praça, ocupando o local do antigo cinema Olinda em 1972. Em 1983 chega o Off Shopping com lojas, restaurantes, salas comerciais, entre outros. Em 1996 inaugurou o Shopping Tijuca com cerca de 300 lojas e 3 torres com 200 salas comerciais e de serviços cada. Assim, a intensificação das relações comerciais e sua transformação enquanto atividade de lazer alteraram o caráter de ocupação da praça.



Em 1996, a praça Saens Peña foi alvo de outra grande intervenção urbanística: o Programa Rio-Cidade. O projeto priorizou a circulação de veículos e o acesso aos meios de transporte público, o que intensificou o caráter de circulação e acesso da praça. Houve também o cercamento do limite da praça que previa um aumento da segurança, mas ao funcionar como uma barreira para os pedestres, esvaziou e descaracterizou o espaço. Apenas em 2011, após reivindicação da Associação Comercial e Industrial da Tijuca (ACIT) em uma reunião realizada na prefeitura, que as grades foram retiradas do local.

“O traçado sinuoso da caixa de rolamento da rua Conde de Bonfim, a realocação dos pontos de parada de ônibus, o remanejamento dos estacionamentos e a racional distribuição dos equipamentos e peças de mobiliário urbano otimizaram o fluxo de veículos e minimizaram o tempo de espera pelo transporte rodoviário. A praça Saens Peña foi reurbanizada, dando-se ênfase ao lazer infantil, ao descanso e à convivência de pedestres em geral. O conjunto do lago e chafariz foi reformado, com novo tratamento paisagístico. O projeto isola o núcleo central da praça da alameda periférica de circulação, criando um cinturão verde que, junto com uma grade, protege os(as) usuários(as) em seu interior.”
(AIZEN, CARDOSO E VAZ, 2003, p.87)



Praça antes da implantação do metrô, 1952. Fonte: A Tijuca de Antigamente.



Praça antes da implantação do metrô, 1970. Fonte: Grande Tijuca.



Praça pós implantação do metrô, 1982. Fonte: As histórias dos monumentos do Rio de Janeiro.



Praça após programa Rio-Cidade, 2006. Fonte: As histórias dos monumentos do Rio de Janeiro.

3.2 - O espaço flexível e seu uso contemporâneo

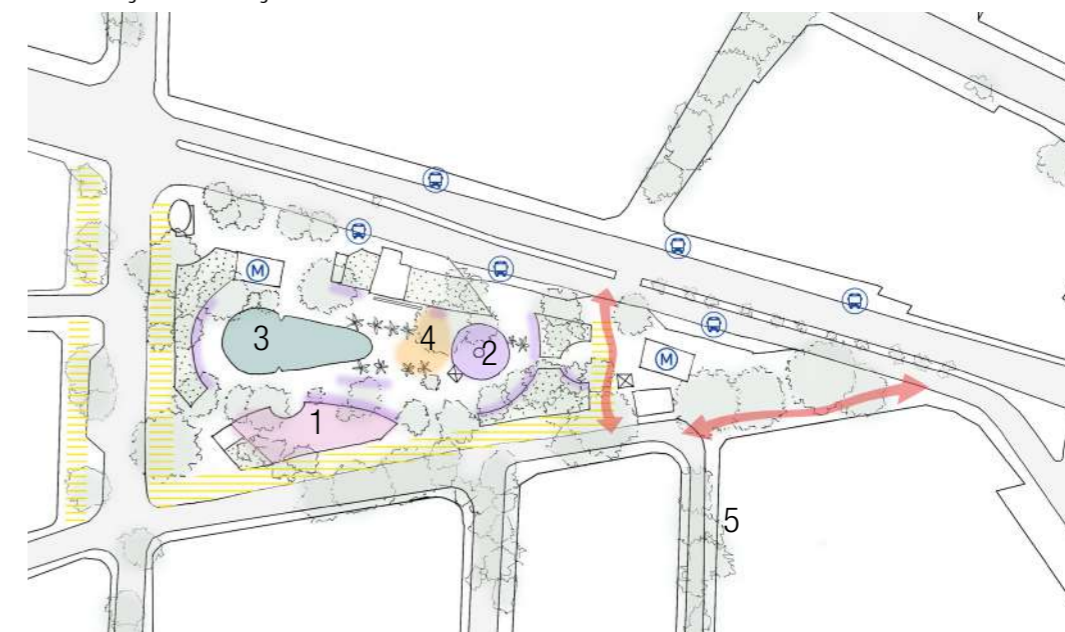
O objetivo dessa etapa final é compreender as relações entre trabalho e lazer na praça a partir do seu uso contemporâneo. Para isso, será dada voz aos seus ocupantes de modo a proporcionar um entendimento simultâneo do uso do espaço e das relações de trabalho que o permeiam. Os espaços foram analisados de maneira a entender como são apropriados, e se de fato ainda são utilizados para lazer, e caso sim, qual é o caráter atual deste lazer. Houve visitas em dias e horários diferentes a fim de observar como a praça é ocupada em diferentes períodos. Diferentes pessoas que utilizavam a praça foram entrevistadas seguindo o roteiro semiestruturado (anexo 02). Segue a tabela abaixo com os dias e horários.

| Visitas | Data | Horário | Atividades |
|----------|------------|------------------|---------------------------------|
| Visita 1 | 26/11/2021 | ~ 12:00h | Observação e fotos |
| Visita 2 | 08/12/2021 | ~ 17:00h | Observação, fotos e entrevistas |
| Visita 3 | 10/12/2021 | ~14:00h | Observação, fotos e entrevistas |
| Visita 4 | 20/12/2021 | ~16:00h e 19:00h | Observação e fotos |
| Visita 5 | 28/12/2021 | ~10:00h | Observação e fotos |
| Visita 6 | 01/01/2022 | ~20:00h | Observação e fotos |
| Visita 7 | 04/02/2022 | ~ 11:00h | Observação, fotos e entrevistas |

Durante as visitas foram identificados e encontrados diferentes grupos que foram divididos de acordo com a forma que apropriam o espaço. A primeira divisão foi realizada levando em consideração o caráter da principal atividade exercida na praça, assim separados entre “Lazer” ou “Trabalho” de acordo com a tabela abaixo.

| Caráter | Grupo | Descrição | Nº de entrevistados |
|----------|-------|--|---------------------|
| Trabalho | A | Entregadores de aplicativo | 08 |
| | B | Vendedores da feira de artesanato | 03 |
| | C | Vendedores ambulantes | 02 |
| | D | Adultos com crianças brincando | 02 |
| Lazer | E | Pessoas sentadas nos bancos embaixo da cobertura | 01 |
| | F | Pessoas sentadas nos bancos | 02 |

Setorização da Praça Saens Peña



Legenda:

- 1 - parque infantil
- 2 - cobertura circular
- 3 - lago artificial com chafariz
- 4 - academia da terceira idade
- 5 - padaria
- área infantil
- área dos idosos
- áreas com maior quantidade de pessoas sentadas
- corredores da feira de artesanato
- fluxos maiores de pessoas atravessando a praça

Conforme foi possível observar após analisar o histórico da praça e todas suas transformações, seus usos e ocupações se alteraram e ela não é mais conhecida como a Segunda Cinelândia. Durante o século passado, a praça Saens Peña conheceu uma forte movimentação nos fins de semana, pela grande atratividade que seus cinemas, confeitarias e cafés exerciam não apenas na população tijuicana, mas também nos moradores de bairros vizinhos. Hoje a praça recebe uma grande movimentação de segunda a sábado, e aos domingos é menos utilizada. A praça em si deixou de ser conhecida como um local de permanência, lazer e entretenimento, e passou a ser um espaço mais utilizado para passagem, sendo um importante ponto de referência comercial e de transporte. O comércio é a principal atividade e imã no entorno, e quando ele fecha, a quantidade de pessoas nas ruas e na praça diminui drasticamente, tornando-se um local bem vazio à noite. Aos domingos quando o comércio não abre, a visão da praça é quase melancólica. Assim, apesar da praça receber um movimento grande, o seu entorno da praça recebe um fluxo muito maior ainda. As bordas costumam ser mais movimentadas do que o centro, já que as pessoas usam para atravessar e chegar a outros lugares, e poucas pessoas usam a praça para permanência.

As análises a seguir foram realizadas tendo como base a divisão estabelecida para as entrevistas.



Foto - Academia Terceira Idade, 01 jan 2022. Fonte: Acervo próprio.

Área concentra salas comerciais, residências, lojas, bancos, academias e bancas de jornal

Simone Avellar
simons.avellar@oglobo.com.br

- A Praça Saens Peña é uma região fundamental na vida dos tijuicanos. Não à toa, é considerada o coração do bairro. Espaço eclético, abriga desde uma grande área de lazer, com 9.600 metros quadrados, a um poderoso centro comercial e financeiro.
- Quer fazer compras? Praça Saens Peña. Precisa ir ao banco? As principais agências estão na praça. Uma pausa para o lanche? Lá você mata a sua fome. Seja morador da Tijuca ou não, pois se trata de uma área de passagem, com uma estação de metrô em que transitam 85 mil pessoas por dia.
- São muitos números num só espaço, conforme está na ilustração ao lado.

O GLOBO NA INTERNET
VIDEO Acompanhe cenas do cotidiano da Saens Peña em oglobo.com.br/bairros

Os números da praça e seu entorno

- 9.600 metros quadrados
- 894 salas comerciais
- 382 lojas
- 10 farmácias
- 11 agências bancárias
- 8 grandes lojas e magazines
- 4 academias
- 13 restaurantes
- 7 bancas de jornal
- 362 apartamentos (residenciais)
- 85.000 passageiros por dia na estação do metrô

Fontes: Associação Comercial e Industrial da Tijuca, Metrô Rio e o livro "A segunda Cinelândia carioca", de Tatiana Ferraz

Matéria de jornal, 2011. Fonte: O Globo Especial 100 Anos.



Foto - pontos de ônibus. 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

O primeiro espaço a ser analisado é a Academia da Terceira Idade (A.T.I.). A prefeitura junto com a Secretária de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida da Prefeitura inauguraram a primeira A.T.I. no município em 2009 com o objetivo de reduzir custos do sistema público de saúde e colaborar para a promoção da saúde e redução de doenças não transmissíveis. Ela é aberta e composta por diferentes aparelhos de ginástica que permitem a realização de atividades físicas, tendo como público alvo a terceira idade. Na praça Saens Peña ela se localiza em uma área ampla próxima à cobertura circular. Apesar de ser destinada para os idosos e ser bastante utilizada por eles, ao longo das visitas foi possível observar o seu uso por outros grupos, como crianças e seus pais, entregadores de aplicativo que usavam os aparelhos como assentos, e pessoas curiosas de diferentes idades que ao passarem pelos aparelhos experimentavam por apenas alguns minutos e depois seguiam em frente. Assim, os usos podem ser um indicador da vontade e interesse da população em fazer exercícios físicos em espaços públicos, ou no mínimo a curiosidade. O fato dos aparelhos serem usados como bancos pode sinalizar uma má distribuição ou falta de mobiliários urbanos. Desse modo, o espaço se mostrou com um grande potencial para a prática do lazer.



Foto - Academia Terceira Idade, 26 nov 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Academia Terceira Idade, 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Academia Terceira Idade, 20 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

A área com cobertura contém várias mesas para jogos de cartas e de damas, e foi instalada em 1996 durante a obra do Projeto Rio Cidade que reconfigurou a paisagem da praça. Cerca de 1/3 da área embaixo da cobertura circular é cercada com grades e ocupada pelos guardas do projeto Segurança Presente¹², conhecido como Tijuca Presente. Foi inaugurado em janeiro de 2019 na praça Saens Pena, e funciona de 8h às 20h. É uma ocupação com finalidade de trabalho, e possivelmente altera os usos e apropriações da praça, uma vez que o policiamento usa da violência para reprimir as classes consideradas “perigosas”. Tal presença mostra como a praça é vigiada e controlada pelo Estado, sendo um indicativo do avanço do processo de militarização no espaço urbano. Alguns entrevistados chegaram a alegar que passaram a se sentir mais seguros ao permanecer na praça de uns anos para cá. Mas é importante notar que esse sentimento de segurança provavelmente só chega para todos, principalmente se considerarmos o racismo estrutural que se mostra presente até em espaços públicos. Assim, o policiamento pode explicar porquê as pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade e os comerciantes informais se situam mais afastados da cobertura, uma vez que esses são vistos como “ameaças”.

O restante do espaço com cobertura se mostrou bastante híbrido, sendo usado para diferentes funções, não só relacionadas com lazer ou trabalho. Durante as visitas de dia foi possível observar pessoas de diferentes idades realizando diferentes atividades como dormindo, fazendo refeições, conversando, apenas descansando, lendo jornais, mexendo no celular, jogando damas, entre outras. À noite, se mostrou um dos poucos espaços utilizados na praça, se não o único. Nas duas visitas no período noturno, o local estava ocupado por poucas pessoas, e algumas pareciam estar em situação de rua ou vulnerabilidade pois estavam com carrinhos de supermercado cheios de pertences.



Foto - Tenda montada pelo Tijuca Presente a esquerda na foto, 10 dez 2021. Fonte:

¹² Segurança Presente é um projeto iniciado em 2014 que entrega para a iniciativa privada serviços públicos que são custeados pelo Estado. Está presente em vários bairros do município do Rio de Janeiro, com destaques de espaços públicos como praças. O programa é conhecido também por ter traços higienistas e racistas.



Foto - Cobertura circular, 26 nov 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Cobertura circular, 01 jan 2022. Fonte: Acervo próprio.

Uma saída de metrô se localiza próxima ao lago, assim sua área ao redor costuma ter bastante pessoas circulando. Por possuir um bom espaço livre é usado também por pessoas que levam seus cachorros para passear. Ao redor possui alguns bancos em más condições mas que são usados principalmente por pessoas que sentam para mexer no celular. Seu chafariz ficou desativado pelos últimos 4 anos, mas recentemente realizaram uma manutenção e limpeza no lago e o chafariz foi inaugurado dia 28 de dezembro às 11h da manhã. A inauguração foi um evento organizado pela prefeitura e atraiu a atenção de muitos olhares curiosos e uma pessoa chegou a mergulhar no lago.



Foto - Redor do lago artificial, 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Lago artificial, 10 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Inauguração do chafariz do lago artificial, 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Lago artificial vazio, 26 nov 2021. Fonte: Acervo próprio.

O parquinho infantil está presente desde o século passado e desde então recebe manutenção e troca dos brinquedos, apesar de oscilar em épocas de abandono. Durante as observações notou-se que ele costuma ser bem frequentado pelas crianças, sendo um local bastante apropriado para o lazer. Apesar de só terem um espaço delimitado, as crianças brincam para além do parquinho. Várias foram vistas brincando nos aparelhos da terceira idade, ou então andando de bicicleta ao redor da praça. Como há um canteiro alto cercando o espaço, muitos pais ou responsáveis sentam no local enquanto tomam conta das crianças. Desse modo, mostrando como o duplo caráter de lazer e trabalho surge na utilização destes espaços, de maneira sutil e, muitas vezes, oculta.

Ao entrevistar uma mãe que vigiava o seu filho enquanto ele brincava no balanço foi possível perceber o seu trabalho invisível e não remunerado. O próprio ato de levar o filho ao parquinho para que ele tenha um momento de divertimento implica diretamente no seu momento de trabalho doméstico, abdicando um possível tempo de lazer. Quando perguntada se sobra algum tempo livre para ela, foi respondido: “Pra mim sobra muito pouco tempo. Nos dias em que eu não trabalho, o tempo que eu tenho mais para mim é o tempo que eu to tomando banho. Ou às vezes quando eu to muito cansada e peço para minha mãe dar uma olhada nele e dou uma dormidinha de uma hora. Enfim, sobra pouco tempo livre pra mim e eu uso mais para descansar mesmo.”. Além de se dedicar em tempo integral cuidando do filho, ela relatou que também gasta bastante tempo liberado, isso é, em atividades e obrigações domésticas. Tais dados são parte da realidade brasileira que apresenta uma grande desigualdade não apenas de gênero, mas também de raça e idade. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) sobre Outras Formas de Trabalho realizada em 2019 pelo IBGE revelou que enquanto 92,1% das mulheres realizam afazeres domésticos, apenas 78,6% dos homens as realizam também. Além da desigualdade por gênero, há também em relação à faixa etária, a pesquisa mostrou que de 14 a 24 anos, homens (67,8%) e mulheres (86,4%), de 24 a 49 anos temos homens (82,3%) e mulheres (95,5%), mais de 50 anos temos homens (80,7%) e mulheres (91%). Já em relação a desigualdade racial, mostrou que as mulheres pretas possuem o maior índice (94,1%) de afazeres domésticos, enquanto as brancas (91,5%), já com homens a diferença é menor mas ainda existente, homens brancos (80,4%) e homens pretos (80,9%). Seguindo resultados parecidos, a pesquisa também mostrou que as mulheres (36,8%) possuem uma maior taxa de realização de cuidados de moradores do domicílio em comparação aos homens (25,9%).



Foto - Parquinho antes da reforma, 20 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - Parquinho antes da reforma, 20 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

A partir do formulário “Frequentadores da Praça Saens Peña” (anexo 01) divulgado pelas redes sociais, foi mostrado que a feirinha de artesanato é um dos pontos preferidos dentro da praça. A feira traz questões mais complexas relacionadas ao mundo do trabalho e a relação com a praça, como veremos a seguir. A Feirartes é legalizada pela prefeitura do Rio de Janeiro e está presente em outras praças também, no caso da Saens Pena foi a terceira inaugurada do município e já funciona há mais de 4 décadas. Os vendedores precisaram passar em um concurso realizado para serem credenciados na Feirartes. E assim, ganham um ponto na praça e possuem direito a um substituto que pode revezar ou ajudar no trabalho. Outros assumem o ponto herdado de algum familiar ou conhecido. Esse ponto dá direito apenas ao uso do solo, não oferecendo a barraca. Em dezembro, mês conhecido pelo consumo de mercadorias devido ao Natal e ano novo, os vendedores são liberados para trabalharem todos os dias de 9h às 18h. No restante do ano, a prefeitura libera para funcionar apenas sexta e sábado. Aos sábados ela se expande para além da praça, sendo um dia de bastante movimento, possivelmente pois muitas pessoas estão de folga no trabalho e vão fazer compras não só na feira mas também no seu entorno. Assim ocupa também parte das calçadas laterais e na praça forma-se um corredor em “L” em direção ao seu lado esquerdo da praça, sendo um local de bastante movimento. Muitas pessoas preferem atravessar a praça entre os corredores enquanto olham alguns produtos à venda.

Apesar da feira a organização da Feirartes não disponibiliza nenhum tipo de estrutura para que os vendedores tenham onde realizar refeições, guardar mercadorias de um dia para o outro ou quando chove, e banheiros para cuidar da higiene básica, além de não disponibilizarem máscaras e álcool, isso considerando o atual momento de pandemia. Durante a hora do almoço os vendedores costumam comprar comida de algum local próximo ou do vendedor de quitandas da região e então comem no próprio local de trabalho e quando conseguem chamam alguém para “ficar de olho” enquanto dão uma saída e vão comer em algum restaurante. A Vendedora de feirinha 03 disse que com a crise econômica e a redução de vendas no atual período da pandemia, ela deixou de comprar a refeição e passou a trazer de casa. A falta de mobiliário para que esses tenham onde sentar e apoiar a comida, local onde eles possam lavar as mãos antes de comer e a impossibilidade de sair da barraca sem que precisem depender de alguém que os substitua, mostra como o processo é complicado. O momento de almoço que deveria ser um tempo de pausa, descanso e de repor as energias, acaba sendo realizado de maneira ligeira já que sempre há a possibilidade de um cliente chegar e perder uma venda.



Na hora de ir ao banheiro precisam recorrer de novo a ajuda de algum conhecido para vigiar a barraca enquanto vão até o shopping usar os banheiros de lá. O shopping está a uma distância de cerca de 700m da praça, levando por volta de 10 minutos no trajeto. Portanto, em casos de emergências como passar mal, eles não conseguem chegar rápido no local, sobrando a opção de tentar a sorte e ver se algum estabelecimento permite o uso. A praça também não conta com um local no qual os vendedores possam armazenar as mercadorias de um dia para o outro ou proteger em caso de chuva. A Vendedora de feirinha 03 leva de ônibus as mercadorias recém produzidas em bolsas, e confia em uma pessoa para recolher a mercadoria que não é vendida e guardar em um depósito que ela mesmo desconhece o endereço. Quando chove, eles não têm outra opção além de tentar vedar a barraca o máximo possível e cobrir as mercadorias com um plástico, correndo o risco de perder o material. Com a chuva fica difícil de guardar as mercadorias, então normalmente eles ficam dentro da barraca esperando a chuva passar.

Portanto, apesar da feirantes ser pensada para o espaço público, esse não conta com nenhuma estrutura que permita que esses trabalhadores possam atender suas necessidades básicas humanas. Para que os vendedores possam realizar essas tarefas, eles dependem da ajuda de outros, mostrando como a coletividade desse grupo se faz presente e necessária no dia a dia.



Foto - corredor da feirinha de artesanato, 26 nov 2021. Fonte: Acervo próprio.

Os vendedores informais que utilizam alguma barraca ou carrinho foram vistos em sua maioria nos mesmos locais em diferentes dias. Aqueles que possuem barraca ou carrinho preferem se fixar nos locais de maior circulação dos pedestres, que são eles: a borda da praça que faz limite com a rua Conde de Bonfim, próximo as saídas do metrô, no corredor que forma na praça na direção do sinal da Conde de Bonfim, ou então próximo ao Shopping 45. Já os ambulantes que carregam as mercadorias nos ombros foram vistos circulando pela praça, e em alguns casos sentam para descansar embaixo da cobertura ou próxima a ela. Dois vendedores¹³ foram entrevistados, ambos trabalham há mais de uma década no mesmo local. A segunda entrevistada disse que quando precisa ir ao banheiro, ela simplesmente deixa a barraca com a mercadoria na praça, leva a carteira e vai utilizar os banheiros do shopping. Para almoçar ela compra a quentinha da pessoa que também vende para outros vendedores da praça. Quando chove, ela espera embaixo do guarda-sol da barraca. Assim como os vendedores da feirinha eles não possuem nenhum tipo de estrutura que atenda necessidades básicas. Diferentemente desses seus vizinhos, eles não possuem um ponto fixo na praça. Isso acontece porquê muitos trabalham na ilegalidade pois para obter a autorização para exercício da atividade é necessário efetuar o pagamento do Documento de Arrecadação do Município (DAMSP), e no Rio de Janeiro¹⁴ esse valor pode variar de R\$ 89,16 a R\$ 1.426,67. Outra aparente diferença é que, pelo menos no caso dos dois entrevistados, o sentimento de coletividade se fez menos presente, ambos trabalhavam sozinhos e não possuíam ninguém trabalhando muito próximo, além de não contarem com ajudas externas.



Foto - ambulante oferecendo mercadoria ao entregador de app, 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

¹³ Os dois entrevistados mostraram certa desconfiança e não liberaram a gravação de áudio para futura transcrição.

¹⁴ Autorização / legalização de comércio ambulante. Rio Prefeitura. Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/autorizacao-legalizacao-de-comercio-ambulante/>

Os entregadores de aplicativo, enquanto alvos da nova modalidade do trabalho contemporâneo intermitente, foram um dos grupos mais observados e entrevistados durante as visitas ao local. Após a realização das entrevistas (anexo 03) foi possível traçar um perfil. A faixa etária dos entregadores é de 15 a 29 anos, um indicativo do aumento do desemprego entre os jovens, e também pode apontar que é um trabalho cansativo e possivelmente mais difícil de ser realizado pelos mais velhos. Durante as visitas foi observado que praticamente todos os infoproletários que frequentavam a região eram homens, as mulheres entregadores raramente eram vistas. É interessante notar que tal dado também se repete em outros trabalhos uberizados como no caso dos motoristas de aplicativos como os da própria empresa Uber¹⁵. Uma pesquisa feita pelo Instituto Datafolha em 2021 considerando 2.431 trabalhadores nas 5 regiões do Brasil concluiu que 92% são homens. E coincidentemente, a pesquisa Condições de Direitos e Diálogo Social para Trabalhadoras e Trabalhadores do Setor de Entrega por Aplicativo em Brasília e Recife, realizada por meio de projeto de cooperação e parceria da CUT e Organização Internacional do Trabalho (OIT) encontrou que 92% dos entregadores analisados eram homens e a maioria é jovem¹⁶. Possivelmente isso ocorre pois os dois serviços são de grande exposição à riscos e sem nenhuma garantia ou seguro, sendo um risco maior ainda para mulheres em um mundo de patriarcado e machismo. Assim, os homens jovens estão mais expostos a essa modalidade de trabalho precarizado e flexível. Levantando uma questão sobre onde estão trabalhando as mulheres jovens de classe baixa que não conseguem emprego formal. Outro dado importante encontrado nessa pesquisa da CUT e da OIT é que a maioria é preta ou parda (68%), dado que também bate com a pesquisa realizada em 2019 pela Aliança Bike em São Paulo. Portanto, independente dos lugares onde foram realizadas as pesquisas, os dados batem com o perfil encontrado na praça da Saens Peña no Rio de Janeiro.

De acordo com as entrevistas realizadas na praça, a média diária da jornada de trabalho é de 8 a 12 horas, e muitos emendam esse tempo, não realizam grandes pausas ou passam em casa. Os entregadores que usam a bike do Itaú¹⁷ só podem usar por 8 horas por dia, pois a cada 2 horas é preciso trocar a bike na estação, e só pode haver 4 trocas diárias. Já os que possuem bicicleta própria ou moto chegam a trabalhar 12 horas por dia. Não é sempre que o final de semana é tirado como folga, como é o caso do Entregador 03, que nos finais de semana trabalha dobrado já que durante a semana só consegue trabalhar no período que não tem aula. Outro caso é do Entregador 01 que costuma trabalhar só durante a noite nos finais de semana pois é um horário que tem bastante pedido, e durante o dia usa para descansar ou sair. Importante salientar que alguns entregadores entrevistados fugiram da regra, mas de acordo com várias pesquisas encontradas, como por exemplo uma do projeto Field Project da Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getulio Vargas (FGV Direito Rio) realizada em todo o país, a média da jornada de trabalho é de 9 a 12 horas diárias¹⁸. Foi constatado também que as condições de trabalho pioraram no período da pandemia, e que apesar da extensa jornada de trabalho, a maioria dos entregadores recebem menos que um salário mínimo.

¹⁵ Uber Technologies Inc. é uma empresa multinacional americana que presta serviços de caronas privadas por meio do uso de aplicativos.

¹⁶ ROSA, Giovanni. Uber: quase 50% dos motoristas e entregadores têm ensino superior no Brasil. Tecnoblog, 15 dez 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2021/12/15/uber-quase-50-dos-motoristas-e-entregadores-tem-ensino-superior-no-brasil/>

¹⁷ O Bike Itaú é um sistema de compartilhamento de bicicletas públicas que é operado pela empresa Tembici e patrocinado pelo banco Itaú.

¹⁸ Entregadores trabalham de 9 a 12 horas para receber menos de um salário mínimo. Agência Globo, 10 julho 2021. Disponível em <https://economia.ig.com.br/2021-07-10/entregador-aplicativo-salario.html>.



Foto - Bike do taú com mochila do Ifood. 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

Um fato importante que altera diretamente a jornada de trabalho e o local de base para os trabalhadores do aplicativo do iFood (empresa escolhida pela maioria dos entrevistados) é a opção de escolher entre o modo OL (Operador Logístico) e o modo Nuvem¹⁹. Ao escolher o modo Nuvem os entregadores podem trabalhar na hora e dia que quiserem, escolhendo assim quando folgar ou pausar. Eles trabalham exclusivamente para o IFOOD, desse modo, não existe nenhum intermediador entre eles, os pedidos, os restaurantes e o iFood. Portanto, eles só precisam respeitar as regras e termos de uso do aplicativo, e realizar as entregas que eles mesmo escolhem dentro do tempo determinado pelo IFOOD. Muitos entrevistados relataram que nesse modo a demanda de pedidos é bem menor, pois é uma forma do aplicativo te influenciar a entrar no modo OL. Já no modo OL, tudo se altera. O Operador Logístico é uma espécie de “patrão” que faz o intermédio entre seus pedidos e o iFood, tratando o entregador como se fosse seu funcionário e não um prestador de serviços autônomos. Apesar do tratamento, eles não são registrados via CLT, gerando uma grande polêmica. O trabalhador que escolher esse modo é obrigado a cumprir faixas de horário que são divididas em: café da manhã, almoço, café da tarde e jantar. Sendo que quem escolhe em quais faixas o entregador vai trabalhar ou folgar é a OL, e esse horário precisa ser cumprido rigorosamente. Desse modo, eles não podem escolher quando pausar para fazer uma refeição ou usar o banheiro e nem quais dias tiram para descansar, além de não poderem rejeitar pedidos, diferente do modo Nuvem. A vantagem oferecida é que nesse modo, a empresa oferece aprovação imediata do cadastro, blusa do iFood, bolsa térmica e maquininha de cartão, além de ter uma demanda maior de pedidos. O Entregador 08 contou em sua entrevista que ao iniciar no modo OL você precisa escolher um ponto base, que normalmente é uma praça no bairro que você mora ou quer trabalhar. Ao escolher esse local todas as entregas são calculadas próximas, e no intervalo e espera entre elas você precisa voltar para o ponto para esperar o próximo pedido. Mostrando assim como a praça é um local importante que deve ser pensada para receber esse novo uso.

Para aqueles que possuem mais liberdade e podem escolher os horários a cumprir, a praça ainda se mostra um bom ponto de partida, principalmente para os que moram em áreas de menor demanda de pedidos. O local funciona não só como primeiro ponto do trajeto mas em horários que há poucos pedidos, os entregadores voltam para a praça para esperar receber a chamada. Assim, ela é bastante estratégica por possuir uma ótima centralidade no bairro e um entorno comercial/empresarial/residencial, sendo um local de grande demanda de pedidos, em sua maioria, alimentos, mas também itens de farmácias e de outros estabelecimentos. As estadias na praça costumam durar pouco tempo pois o ritmo de trabalho é muito frenético. E durante esse curto tempo aproveitam para realizar outras tarefas, como descansar, mexer no celular, conversar, fazer refeições, consertar algo na bicicleta como é o caso do Entregador 01, entre outras atividades.

¹⁹ iFood Nuvem ou OL – Qual a diferença e vantagens? Motorista Elite, 05 maio 2020. Disponível em: <https://motoristaelite.com/ifeed-nuvem-e-ol-qual-a-diferenca-e-vantagens/>



Foto - entregador de aplicativo, 10 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.



Foto - entregador de aplicativo, 10 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

Durante as visitas foi observado que eles costumam usar mais o centro e o lado “direito” da praça (sentido centro), onde há mais bancos e um número maior de pessoas sentadas. Ao lado da estação de bike itaú tem um banco que quase sempre está ocupado por um entregador, e em alguns casos quando o banco já estava em uso, eles optam por outros mobiliários como aparelhos com banco da academia da terceira idade ou a área coberta. Quando perguntados nas entrevistas sobre os espaços preferidos da praça, explicaram que procuram sombra, e locais mais arborizados. Muitos disseram que costumam ficar na calçada em frente à padaria Santa Marta. O motivo é que os entregadores do aplicativo IFOOD costumam receber muitos pedidos do estabelecimento, então quando eles são chamados já vão para o local aguardar o pedido. Não há nenhum banco em frente à padaria, então muitos esperam em pé apoiados na moto ou na bicicleta, ou então sentados na calçada oposta onde há um restaurante fechado. O ponto se tornou um local de encontro conhecido entre os entregadores e muitos já vão direto para lá para esperar qualquer pedido do aplicativo, preferindo o local em vez de esperar na praça. Alguns disseram que quando são chamados pela padaria mas a calçada já está cheia, eles vão para a praça e procuram algum banquinho. Essa calçada evidencia como o espaço urbano pode ser apropriado para usos não tradicionais e esperados. A utilização desse espaço público é demandada não só pela empresa de plataforma mas também pelos estabelecimentos comerciais já que não oferecem um ambiente para que os trabalhadores possam esperar o pedido. Levantando a questão sobre uma possível parceria público-privada não declarada, ainda mais se lembrar que o modo OL do aplicativo da empresa IFOOD obriga os trabalhadores a escolher um espaço público de base para operar. Portanto, a calçada de frente à padaria se mostrou uma extensão do uso da praça. A praça se expande a partir dos fluxos virtuais que não são perceptíveis de maneira óbvia. É o trabalho que organiza a apropriação do espaço por eles, aparentemente a existência de ferramenta de trabalho (bicicleta ou moto) e a oferta de tarefas (a padaria, etc) diz onde é melhor eles se localizarem.



Foto - calçada oposta a padaria, 28 dez 2021. Fonte: Acervo próprio.

Para evitar gastar tempo e dinheiro com o almoço na rua, a tática é almoçar de manhã em casa antes de iniciar a jornada ou então na volta. Alguns compram quentinhas e comem nas mesas embaixo da cobertura ou então em pontos onde costumam se reunir, e outros simplesmente pulam a refeição. Para realizar refeições muitos compram quentinha e comem em algum banco da praça ou na calçada da padaria. Desse modo, por gastarem um tempo necessário muito grande devido às enormes jornadas de trabalho, o tempo liberado acaba sendo bem prejudicado, sobrando pouco tempo para realizar tarefas básicas como se alimentar e usar o banheiro. E, no caso, não só tempo mas também espaço. Fica evidente assim que o tempo de folga é muito curto e muitas vezes utilizado para descansar ou mexer no celular, implicando diretamente na falta de lazer. Já para ir ao banheiro, segundo o Entregador 08, ele costuma descer uns quarteirões e pedir para usar o banheiro de algum estabelecimento como bar ou restaurante, pois os estabelecimentos próximos a praça não costumam deixar. Diferentemente dos trabalhadores informais e dos vendedores da feirinha, os infoproletários não usam o banheiro do shopping pois não há estrutura para eles guardarem com segurança a bicicleta ou a bolsa térmica. Mostrando assim, como o racismo estrutural afeta os trabalhadores mais precarizados, que em sua maioria é composta por jovens pretos. Desse modo, evidenciando quais locais os infoproletários podem frequentar e qual é essa finalidade. Uma outra faceta da precarização extrema é o fato que quando chove eles simplesmente colocam uma capa de chuva e tentam se abrigar nas marquises que aparecerem no caminho. Mais uma vez aqui a empresa não oferece equipamento para proteção da chuva. Isso considerando o aumento do risco de possíveis acidentes de trânsito e a exposição ao frio e umidade, sendo obrigados pelo aplicativo a colocar em risco as próprias vidas por taxas de entrega que aumentam de acordo com o risco. Quando faz muito sol eles também não recebem protetor solar ou qualquer equipamento que possa ser usado para se protegerem dos raios solares. Desse modo, eles são expostos a qualquer tipo de tempo e clima, acidentes de trânsito, fome, cansaço, exaustão e falta de espaços com estrutura adequada. Dentro da própria modalidade ainda há um grupo que sofre mais, os ciclistas chegam a pedalar 50km em um único dia, além de demorarem mais para entregar os pedidos. Ricardo Festi, sociólogo da Universidade de Brasília é um dos 17 pesquisadores da pesquisa realizada pela CUT e OIT, aponta complicações na coluna e transtornos mentais, entre eles depressão e ansiedade, como os principais problemas de saúde relatados pelos entregadores na pesquisa.

Por meio das observações e dos relatos das entrevistas, foi possível entender a importância do espaço público para esse novo grupo de trabalhadores que cumprem enormes jornadas nas ruas, expostos ao sol, chuva, possíveis acidentes, roubos, fome, entre outros eventos. A praça funciona como uma importante base para que eles tenham onde ficar, se reunirem, fazer refeições, esperar pedidos, trocar a bicicleta, entre outros. Assim, sendo usada como local de apoio, uma vez que a empresa/aplicativo e os estabelecimentos não oferecem nenhum tipo de espaço formal. Os espaços públicos livres urbanos, até mesmo as ruas, ganharam um novo uso que até então era inexistente. Uma nova camada de ocupação surgiu nesses locais que não possuem nenhum tipo de estrutura adequada a oferecer.

Considerações Finais

Após estudar as teorias do lazer e do trabalho, a urbanização brasileira, os espaços públicos, escolher um caso de estudo e analisar seu histórico e uso contemporâneo, foi possível entender a atual relação entre trabalho x lazer x espaço público livre urbano. Conforme visto anteriormente, um novo sistema de regulação do trabalho foi criado após a aprovação da última reforma trabalhista e a da previdência, a contínua falta de direitos trabalhistas e a fragilização dos sindicatos. Aumentando drasticamente o número de desempregados e de trabalhadores informais. Para as pessoas que possuem baixas condições de vida poderem sobreviver precisam se submeter a empregos de péssimas condições, restando apenas o infeliz privilégio da servidão. Esses empregos possuem como base a precarização, flexibilização, terceirização, informalidade, o aumento da jornada e o trabalho intermitente. Características essas advindas do processo de exploração do trabalho sob o capitalismo em sua etapa de crise estrutural. Esse contexto apenas piorou com a chegada da pandemia e da crise sanitária e econômica. Entendendo esse cenário, foi possível estudar o cotidiano de alguns desses grupos vulneráveis que utilizam a praça Saens Peña.

Os 3 grupos de trabalhadores entrevistados, os entregadores, os vendedores ambulantes e os vendedores da Feirartes mostraram um grande grau de precarização, cada um com o seu nível, apesar de compartilharem semelhanças em muitos aspectos. Nenhum deles possui garantia de acidentes, salário fixo, décimo terceiro, aposentadoria, auxílios de transporte e de alimentação, entre outros direitos. A falta de espaços para realizar tarefas simples como descansar, usar o banheiro, lavar as mãos, guardar mercadorias, carregar o celular e fazer refeições são apenas alguns dos empecilhos encontrados ao longo do dia. A maioria dos entrevistados realizava longas jornadas de trabalho praticamente sem descanso. O debate sobre a questão temporal se mostrou complexo mas muito necessário de ser feito. Utilizando como base a divisão do tempo realizada pela estudiosa Sarah Bacal foi possível analisar como o trabalho tem ocupado os momentos das demais atividades diárias e sobretudo do lazer, necessitando ser realizado muitas vezes junto a outras tarefas ou então em escala para que se possa ter intervalos e descansar. Lazer esse que se transforma em tempos de capitalismo neoliberal, assim, se tornando cada vez mais privatizado, mercantilizado e direcionado para o ato de consumir mercadorias em geral. Muitas pessoas entrevistadas tiveram dificuldade em citar quais atividades de lazer que praticavam no tempo de folga, e na falta dessas, diziam atividades relacionadas ao tempo liberado, como por exemplo tomar banho, estudar, consertar a bicicleta, fazer cursos, fazer compras, entre outros. O conceito de tempo livre mostrou seu caráter utópico, visto que o tempo de folga é quase inexistente para muitas pessoas, e quando esse momento existe ele é contaminado pelos desejos e necessidades do capitalismo. Esse tempo é utilizado na maioria das vezes para que as classes médias e baixas possam descansar, liberando a fadiga acumulada ao longo do dia e, assim, se recuperar

para a próxima jornada de trabalho. Assim, fica evidente como as atividades de lazer estão se tornando escassas e insuficientes, enquanto as relacionadas com o trabalho se tornam mais numerosas e cansativas.

Através das visitas e entrevistas foi possível reforçar a necessidade da existência de espaços públicos de qualidade com estrutura e equipamentos adequados. Analisando o caso da Saens Peña, incluindo a sua história e o seu uso contemporâneo, foi mostrado como o trabalho altera a paisagem e o projeto da praça. O espaço público ganha novos usos e apropriações que não foram pensadas em sua concepção original, e com isso ganha uma nova responsabilidade social. Os grupos de trabalhadores analisados não possuem nenhum espaço formal de trabalho, restando apenas o espaço público como base. O caráter de trabalho da praça se extravasa para além do limite da praça, alcançando calçadas estratégicas para o trabalho, como é o caso da calçada da padaria e as calçadas ocupadas pela feirinha. Ocorrendo diferentemente do caráter de lazer que se encontra dentro da praça ou, considerando o lazer alienado, nos comércios do entorno. O espaço público da praça se mostra importante enquanto local acessível para que todos, independentemente da idade, classe, gênero ou raça, possam praticar o lazer. Assim, é possível ver que o espaço público ainda é um espaço bastante híbrido, sendo suporte para diversas atividades como a prática de exercícios físicos, passear com cachorros, sentar para descansar, socializar, brincar, pegar sol, entrar em contato com a natureza, entre outras.

É importante salientar que ainda há muito para se explorar a respeito dessas novas relações de trabalho com o espaço, esse estudo ajuda a perceber diversas camadas de complexidades que precisam ser melhor compreendidas e estudadas. Recentemente podemos observar o surgimento de novas espacialidades parecidas com o caso da calçada da padaria, como é o caso das Ghost Kitchens que é uma cozinha para a preparação de refeições para entregas, não possuindo vitrines ou acesso para clientes. Outro caso é a empresa Delivery Center, que instala uma pequena sala, normalmente em locais estratégicos, com o objetivo único de gerenciar entregas dos estabelecimentos próximos. Portanto, ainda há mais para analisar como a atual precarização do trabalho afeta diretamente a qualidade e quantidade do lazer na sociedade capitalista, e como ocorre essa espacialização no espaço urbano.

Para que possamos encontrar um lazer livre de obrigações e amarras que nos permita ter interações sociais verdadeiras, praticar exercícios físicos, descansar a mente e o corpo, desenvolver hobbies, cultivar a arte, música e dança, enfim, desenvolver nossas potencialidades e capacidades humanas, é necessário que haja uma emancipação do trabalho pelo qual conhecemos hoje. É necessário que se reivindique um trabalho no qual as pessoas possam se realizarem e tenham tempo para as demais atividades. É preciso que se reivindique uma cidade na qual a população possa se reconhecer nela, ter áreas de lazer e não sentir que precisa fugir. A reivindicação desse espaço é de extrema importância para que tais práticas possam ser realizadas e democratizadas por todos. É vital que se reivindique tempo livre para que possamos aproveitar nosso tempo para nos humanizar. E assim poderemos praticar lazer e sermos preguiçosos.

Anexo 01

Formulário - Frequentadores da Saens Peña

Nome:

Idade:

Raça:

Sexo:

Ocupação:

Nível de escolaridade:

Qual bairro mora:

Quantas vezes costuma visitar o entorno da praça?

Há quantos anos frequenta o local?

Quais os motivos das visitas no entorno da praça?

Quantas vezes costuma visitar a praça em si?

Qual costuma ser o período das visitas na praça em si?

Quanto tempo costuma passar na praça?

O que costuma fazer na praça?

Quais locais mais gosta na praça?

Você realiza atividades diferentes atualmente na praça se comparado com antigamente? Caso sim, quais?

O que você acha da praça atualmente?

Mudaria algo na praça? Caso sim, o que?

Anexo 02

Roteiro de entrevista semiestruturada

- Para todos:

1) nome, idade, nível de escolaridade

2) tempo necessário (tempo de trabalho): quantas horas trabalha por dia e quantos dias por semana

3) tempo liberado (obrigações, transporte, alimentação, etc):

4) tempo livre: (se sobra algum tempo e se sim onde e como costuma gastar esse tempo)

- Entregadores de aplicativo:

5) se tem algum horário específico para usar a praça e quais os principais espaços que ocupa

6) costuma parar em outros lugares?

7) Qual é o trajeto que faz?

-Vendedores ambulantes:

5) quanto tempo costuma passar na praça e quais espaços utiliza para vender

6) qual o trajeto que faz

7) De onde vem a mercadoria? alguma empresa?

- Vendedores da feirinha de artesanato

5) horário que abre e o que fecha

6) Sempre utiliza o mesmo espaço? Na hora do almoço ou intervalo vai para onde?

7) no intervalo ou almoço vai para onde?

- Pessoas utilizando para Lazer:

5) costuma utilizar a praça para que? Descansar, comprar, etc? Quais lugares mais utiliza.

6) Qual a relação do seu local de trabalho com a praça?

7) O que acha sobre a infraestrutura e o mobiliário urbano da praça Se fosse melhor iria utilizar mais?

Anexo 03

Entrevistas transcritas

- Entregador 01, 19, cursando nível superior

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “As vezes fico umas 6, às vezes 10, varia entre 6 a 12 horas por dia. Até 6 dias da semana, porque tem dia que eu folgo”. “Você fica direto na rua?” “Normalmente eu faço a refeição em casa e fico direto.” “Quanto tempo costuma gastar com obrigações domésticas?” “Cerca de 4 a 5 hr com obrigações.” “Sobra algum tempo livre?” “Ah, sempre acha, mesmo no meio do trabalho. Tipo agora eu to sem pedido aí eu aproveitei e arrumei o paralama, as vezes eu encontro alguém numa praça e fico conversando. Mas sempre tem um tempo livre.” “Costuma fazer o que com esse tempo?” “Costumo usar esse tempo para descansar, estudar alguma coisa ou, ficar de bobeira.” “Como é no final de semana?” “Normalmente no final de semana eu só trabalho de noite. Às vezes vou à praia, encontro algum amigo ou só fico de bobeira em casa.” “Quando você costuma utilizar essa praça?” “Eu não necessariamente uso só essa praça aqui, eu uso muito a praça do rio comprido também. Normalmente eu vou às praças lá pelas 16hr porque é quando eu encontro uma amiga que trabalha aqui perto. Só venho para cá quando não tem pedido ou vou para uma praça perto, quando to sem trabalhar.”

- Entregador 02, 19 anos, cursando ensino superior

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Varia porque é em escala, depende se abrir vaga ou não abrir. Trabalho no lfood. Trabalho uns 8 dias em um quinzena, de 6 a 9hr por dia.” “E aí você trabalha direto?” “Só quando eu quero.” “Como faz na hora do almoço?” “É só dar pausa aqui e comer.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Só faço alguma coisa quando a minha avó me pede.” “E no tempo livre costuma fazer o que?” “Eu estudo para a faculdade. Às vezes jogo bola.” “Qual a sua relação com essa praça, você mora aqui perto?” “Venho só para esperar corrida. Normalmente eu fico ali em frente a padaria Santa Marta mas como hoje tava cheio eu vim para cá.” “por que você prefere sentar lá?” “Todo mundo fica ali.” “Você usa a praça para mais alguma coisa?” “Não.”

Entregador 03, 16 anos, cursando 2 grau

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Normalmente , de segunda a sexta eu trabalho só de tarde porque eu estudo de manhã, umas 4 a 5 horas por dia. E no final de semana eu trabalho sábado e domingo o dia inteiro, cerca de 7 a 9hr por dia.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Só quando eu não to trabalhando, aí eu uso o tempo para fazer tarefas em casa.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “Tempo livre é mais de noite. Costumo mexer no celular ou jogar videogame.” “Qual a sua relação com a praça?” “Costumo vir para cá só para esperar corrida. Eu fico lá na padaria só quando é para esperar pedido de lá, quando eu to esperando tocar pedido eu fico aqui mesmo.”

- Enregador 04, 15 anos, cursando ensino médio

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Trabalho todo dia, comecei agora que tô de férias. Almoço em casa mais ou menos às 10:30 e volto umas 20h.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Eu que faço tudo de tarefa em casa, costumo fazer isso antes de sair de casa. Cerca de 2:30h.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “No tempo livre eu vou para a academia, e quando chego eu fico vendo netflix mesmo, para descansar a mente, relaxar um pouco. Final de semana costumo sair com os meus amigos.” “Qual a sua relação com a praça?” “Eu moro na Usina, prefiro vir para cá porque aqui pega mais entrega, pega daqui até perto do Catumbi. Eu começo em casa, deixo o aplicativo rodando em casa, na primeira eu saio e tento manter por aqui mesmo ou pela Vanhagem. Aí eu volto pra cá quando tenho que esperar entrega.” “E você faz alguma pausa? Ou para em algum outro lugar?” “Não, só quando eu tenho algum compromisso.” “Tem algum lugar que você prefere aqui na praça?” “Tanto faz, desde que tenha sombra e seja um lugar confortável para esperar.” “Tem horários de pico?” “Os horários de pico são entre 12/14h e de noite de 19/22h. De vez enquanto toca algumas de tarde. Volta e meia eu chego aqui pra esperar e o aplicativo já toca.” “Final de semana tem diferença?” “Final de semana tem bastante pedido o dia todo. Aí fico das 10 até 22h. Aqui pega da Usina até Estácio, é uma área bem central.”

- Entregador 05, 19 anos, 2º grau incompleto

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “12 horas por dia, todos os dias.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Acho que gasto pouco tempo, umas 2 hr.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “Muito pouco, uso mais para descansar e ver filmes.” “Qual a sua relação com a praça? Você mora aqui perto?” “Eu moro na Usina. Quase todo dia eu to aqui. Venho para cá e fico esperando a corrida porque aqui tem mais restaurantes.” “E aí você volta para cá depois?” “Aqui é tipo um ponto base.” “Você costuma ficar na padaria?” “Geralmente quando a gente tá aqui, toca lá. Aqui na praça eu fico sentado no banquinho mesmo.”

- Enregador 06, 25 anos, ensino médio incompleto

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “8 horas por dia porque a gente aluga a bike e aí usa de 2 em 2 horas e só pode ter no máximo 4 retiradas por dia.” “E como é final de semana?” “As vezes eu tiro folga, as vezes ta bom, as vezes ta ruim.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Uso o tempo para treinar muay thai. Às vezes arrumo a casa sim. Gasto pouco tempo.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “Ficar em casa, descansar, ouvir uma música, ver um filme.” “Costuma socializar no final de semana?” “Não encontro ninguém, gosto mais de ficar em casa mesmo.” “Qual a sua relação com a praça? Você mora aqui perto?” “Moro no turano. Lá em casa toca também se eu ligar lá, porque tem farmácia e mercado perto, aí é mais fácil tocar. Aí se tocar em casa eu já desço. Eu pego o bike lá perto e aqui eu fico porque já tô na rua mesmo, aqui é o ponto onde todo mundo fica sentado.” “Tem alguma preferência por local aqui na praça?” “Eu costumo ficar aqui no meio mesmo. Eu não costumo ficar na padaria, porque esse aplicativo que eu trabalho não pega só lanche, pega farmácia, mercado, lojas.” “Como é o seu trajeto?” “Costumo vir para cá para trancar a bike, às vezes eu tranco perto de casa porque aí se bater a hora eu já vou para casa.” “Como costuma fazer no horário de almoço?” “Às vezes eu almoço em casa, ou então compro uma quentinha e como aqui mesmo (embaixo da cobertura circular).”

- Enregador 07, 29 anos, 3º grau incompleto

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Trabalho de segunda a sexta, de 11h às 19h. No final de semana eu tiro folga.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Não tanto tempo, umas 2 hr por dia.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “No final de semana eu vou para a praia ou faço trilha. Durante a semana é descansar. Fico em casa fazendo as tarefas, daqui a pouco dorme, descansa, acorda de novo e vai trabalhar.” “Qual a sua relação com a praça? Costuma ficar aqui?” “ Quase não paro aqui (padaria), só parei por causa da entrega.” “Qual o trajeto que você faz? Mora aqui perto?” “Eu moro no rio comprido, fico por aqui msm mas rodo a tijuca toda, se parar aqui eu descanso e espero. Aqui é um ponto fixo. Costumo ficar no banco da praça esperando corrida. A gente só vem pra cá pra esperar quando tem pedido da padaria.” “E tem um horário que costuma vir mais?” “Mais de tarde quando tem menos medido.”

- Enregador 08, 29 anos, 3º grau incompleto

“Quantas horas você costuma trabalhar por dia, você tem algum outro trabalho?” “Não, só esse de entregador. Cerca de 6 a 8 horas por dia, quando tá bom eu estico até 10.” “E você tem que dia certo? Como que é?” “Normalmente um dia sim, um dia não. No meu caso.” “Eu queria saber mais sobre o seu dia a dia na verdade. Você é do iFood, né? Você costuma vir pra cá pra pegar pedido da padaria?” “Isso.” “E aí você sempre vem pra cá quando tem pedido da padaria ou fica na praça?” “O meu foco é aqui porque o centro das entregas sai mais aqui, da padaria, aí tem a farmácia do outro lado, quanto mais perto desses estabelecimentos melhor.” “E você pega farmácia também?” “Pega a farmácia, mercado, padaria.” “Mas quando não é da padaria você costuma ir lá pra praça ou você fica aqui mesmo?” “Costumo ir pra praça. Aí tem o Burger King. Não tem local certo. Eu posso estar pode tocar pra pegar pedido no Bob 's da General Roca ou aqui no Burger King ou no mercado ali embaixo.” “E lá na praça você senta onde?” “Sento em qualquer banquinho.” “Costuma ficar embaixo daquela cobertura? Como que é?” “Não. Eu particularmente não. Gosto de parar mais aqui. Porque aqui já tem uma coletividade das pessoas, aí a gente fica mais aqui.” “E eu queria saber agora como é que você faz normalmente pra fazer refeições, pra banheiro, essas coisas do dia a dia. Vai onde que dá, como funciona?” “Então, eu vou no banheiro quando tem algum bar, ou passo em um estabelecimento e eu pergunto “poxa irmão, tem um banheiro aí que posso usar?” “E tem algum que você costuma já ir aí sempre assim?” “Por aqui, por aqui até aqui não, que aqui é difícil das pessoas deixarem. Vou mais lá pra baixo, descendo a Conde de Bonfim, é o lugar mais específico ali, aí sempre que eu vou lá eu consigo.” “E pra fazer refeição, tem algum lugar certo?” “Vou em casa mesmo, almoço em casa ou quando eu chego em casa. Almoço de manhã e largo às duas, aí tem um intervalo de duas às seis, às seis horas eu desço de novo e faço entrega até às dez. Aí nesse meio tempo do intervalo eu vou em casa, almoço, tomo um banho. Até dá pra ficar direto porque tem a pausa do aplicativo, mas o tempo que vai colocar pra pausar vai perder entrega.” “Como funciona essa pausa? Quando você vai para casa tem que pausar?” “Não. O aplicativo tem duas duas opções, a nuvem que você

trabalha pra si próprio e tem a OL. A OL trabalha com escalas. A escala tem almoço, lanche e jantar. O almoço é de onze às duas, o lanche de duas às seis e a janta de seis às dez. Aí nem sempre consegue pegar as três escalas. Aí ele coloca ou no almoço ou janta.” “Ele que escolhe qual a sua escala então?” “Isso, se você tiver disponível aí eles colocam.” “Entendi. E aí quando vai pra casa como faz com o aplicativo?” “Aí no automático desliga.” “Qual a diferença da nuvem pra OL?” “A nuvem você trabalha a hora que quiser, se quiser descer uma da manhã desce, se quiser descer seis da manhã desce, trabalha para si próprio. A OL você já tem um compromisso com eles de horário.” “Você prefere trabalhar pra qual?” “Para a OL a demanda de pedido é maior, a preferência é pra quem é OL. Se toca cinco vezes pra nuvem, toca dez vezes pra OL.” “Mas aí altera em algo no valor das taxas?” “Não.” “E quando chove, como que você faz?” “Capa de chuva e deus na frente.” “E aí tem algum lugar que você costuma parar para esperar quando tá chovendo?” “A primeira marquise que aparece, que dá pra parar, eu paro.” “E se você puder me falar um pouco mais sobre a praça, qual sua relação com a praça? Você costuma vir pra cá como primeiro ponto?” “Sim, aqui é o primeiro ponto aqui.” “Você mora aqui perto?” “Eu moro aqui na Tijuca mesmo.” “E você sempre vem pra cá então?” “Sempre. O meu ponto específico é aqui. Se eu pegar a entrega e levar em Vila Isabel vou voltar para cá.” “Seria porque aqui tem mais pedidos?” “É porque aqui também é a minha praça. Eu pego a praça da Tijuca.” “Como assim a minha praça?” “É porque tem a Tijuca, tem Vila Isabel, tem Ipanema, divide as regiões?” “Isso no aplicativo? Você tem que escolher?” “Isso. Aí tem Vila Isabel, Tijuca, Ipanema e fora os outros. Aí o meu é Tijuca como eu moro por aqui, conheço mais. Então a praça seria o melhor lugar pra chamar o aplicativo.” “Então você sempre volta para a praça?” “Então, eu pego aqui, se tiver um pedido em Vila Isabel eu faço a entrega, se nesse meio tempo não chamar outra entrega, aí eu volto pra cá, isso.”

- Vendedora da feirinha 01, 63 anos, superior incompleto

“Quais dias você trabalha?” “Só no mês de Dezembro que nós da Feirartes ganhamos um presente e estamos aqui todos os dias porque é como se fosse o nosso décimo terceiro. Nos outros meses trabalho sexta e sábado, nos demais dias a gente fica trabalhando em casa. Como é essa Feirartes? A Feirartes é da prefeitura e é concursada. Eu fiz prova em 1971 e passei com 10, sou antiga. É uma feira que precisou fazer concurso. Nós trabalhamos de 9 às 18h e aí vou para casa para trabalhar em casa porque a dona de casa sempre tem serviço. E vocês recebem alguma espécie de seguro? Não, nós temos só o alvará de trabalho sexta e sábado e recebemos só o que vendemos. Vocês precisam pagar algo? Só o imposto sobre o solo que usamos porque é público, que é trimestralmente, chama TUAP (Emissão da Taxa de Uso de área pública). E a barraca que a gente aluga que é particular e o guarda malas que também é particular. E no tempo livre costuma fazer o que? Fora os dias que eu trabalho aqui, eu trabalho em casa, fico fazendo o artesanato para trazer sexta e sábado. E quando tá aqui na praça costuma parar um pouco ou vai direto? Eu como venho sozinha não tenho com quem deixar as coisas, então tenho que almoçar aqui mesmo porque não tem quem olhar.” “Fora o trabalho em casa sobra algum tempo livre?” “Olha, aí a gente tem que fazer tempo, se não fizermos tempo não vamos ter tempo nunca, você vai virar a noite trabalhando fazendo tempo. Tempo tipo, hoje eu vou no shopping, vou descansar. Às vezes eu tenho aniversário de algum familiar e aí tenho que tirar aquele dia para ele e trabalhar um outro dia dobrado para compensar. Às vezes eu tenho que resolver problemas, ir ao médico, e aí compenso depois” “Tem algum espaço que costuma ir para se divertir?” “Às vezes a gente vai ao shopping, restaurante, quando a gente faz um tempinho.” “E no dia a dia sobra algum tempinho para descansar ou se divertir?” “Tem trabalho meu que às vezes eu tô tão acostumada que nem olho, aí eu sento e vou fazendo naturalmente, às vezes até aqui mesmo. Aí eu me sento e o pessoal fica perguntando “cadê a máquina?”. Aí o pessoal fica admirado. Em casa as vezes eu faço isso enquanto estou vendo televisão, a mão vai funcionando enquanto vejo novela. Eu faço o meu horário, um dia para faxina, horário para fazer almoço, tento fazer meu horário planejado.”

- Vendedora da feirinha 02, 15 anos, cursando 2º grau

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Eu to aqui porque como é Dezembro, os amigos dos meus pais viajaram e pediram para gente ficar aqui. E eu sempre venho desde pequena. Em Dezembro a gente fica aqui de quarta a sábado. Em média de 8 às 18h.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Costumo ajudar em casa, ajudo a minha mãe a arrumar a casa, dou banho nos cachorros, colocar comida pra eles, ajudando os meus pais para não deixar eles sobrecarregados. Só separar os estudos, horário de trabalho, essas coisas.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “Vejo filmes ou saio.” “E como você frequenta a praça desde pequena, você pode me falar como funciona a questão das barraquinhas?” “Então você aluga a barraca pro dono, paga aluguel e vai usando.” “Costuma usar a praça para mais alguma coisa?” “Se você tiver tempo você passeia e vai nos lugares. Eu costumo sair com a minha mãe, a gente vai para a cidade ou comer alguma coisa.” “Como você faz no horário de almoço?” “Como meus pais estão juntos, eu vejo a disponibilidade deles, ai as vezes a gente pede uma quentinha ou vai lá e compra um hambúrguer. Um ajudando o outro mesmo. Esse moço aqui do lado trabalha sozinho, então se ele quiser que dê uma olhada enquanto ele pega o almoço eu fico olhando.”

Vendedora da feirinha 03, 15 anos, cursando ensino médio

“E a feirinha aqui ela abre sexta e sábado, não é isso?” “Isso, sexta e sábado. Das nove às cinco? Ai vai do horário de cada um. Eu pego de nove às cinco.” “Mas não têm horário certo pra começar não?” “Olha tem quem vá até às seis e meia. Tem gente que chega aqui às sete. Eu não tenho essa disposição. “Porque essa feirinha ela é credenciada, não é isso?” Ela é tombada, é chamada feirartes.” “Eu queria perguntar mais sobre a feirinha mesmo na verdade. Como que funciona?” “Então, fizemos uma prova e aí foi liberado a licença para poder trabalhar. Todo mundo que trabalha aqui tem que ter feito a prova então? Sim, tem direito a um substituto mas não responde por você.” “E vocês têm lugar fixo

aqui? Sim, cada um vai pra uma barraquinha então. Cada um tem o seu ponto.” “E essa barraquinha como que é? Vocês alugam?” “Essa barraquinha é um monopólio na verdade, tem um cara que nos aluga a ferragem, o outro a montagem, o outro a lona, a um pouquinho de cada um. Na verdade, você só tem esse ponto aqui, mas a barraquinha em si você não tem. Só tem o espaço, só o chão. Eu queria saber mais do seu dia a dia na verdade, como que você traz as encomendas?” “Então eu mesma faço as produções e trago de ônibus. Trago tudo numa bolsa toda sexta-feira. O que eu não consigo vender fica num depósito aqui que a gente paga pra não ter que pagar transporte pra voltar ou voltar de ônibus, cê viu que tem bastante coisa. Tudo que vende e não vende fica ó a semana inteira o mês se for o caso.” “Esse depósito fica aqui perto?” “Eu na verdade sei nem onde é, eu já faço isso há seis anos, e confio na pessoa que que guarda.” “E como você faz para fazer refeição?” “E para fazer refeição tem quem venda quentinha para a gente. Agora depois da pandemia, com a diminuição das vendas, eu trago o meu alimento de casa e como aqui mesmo.” “E para ir ao banheiro?” “Pra ir no banheiro, o vizinho olha e vou sempre ao shopping.” “Quando chove, como vocês fazem?” “Tá vendo esse plástico aqui atrás? A gente estende ele.” “Só protege e espera ou fecha e vai pra casa?” “Não, protege e espera dentro da barraquinha.” “E agora sobre a praça, tem algum outro local que costuma utilizar aqui?” “Nem dá tempo, eu só chego, planto aqui, só saio pra ir no banheiro, volto, termino o meu trabalho e vou embora.” “Nos outros dias você costuma vir pra praça?” “Eu fiz amigos aqui porque trabalho há 6 anos, então de vez em quando eu venho, faço um lanche ali em algum lugar e encontro com eles, mas na praça em si não.” “Eu já vi algumas barraquinhas aqui que parecem ser informais, você sabe me dizer como funciona?” “É do mesmo jeito? Do mesmo jeito, porque infelizmente todos nós precisamos comer né.”

- Adulto com criança brincando, 40 anos, ensino superior completo mas não trabalha na área

“Você está empregada?” “Fora da minha área mas estou, essa área de artista é muito complicada.” “Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Como eu trabalho na área da saúde eu faço 30 horas semanais, então eu trabalho 3 dias da semana, 10 horas cada.” “E quanto tempo você costuma gastar em casa com obrigações domésticas?” “Eu sou mãe solo, então o tempo da manhã, eu fico mais focada nas aulas e tarefas do meu filho porque ele está tendo aulas online ainda. Além das aulas síncronas, ainda tem as assíncronas e os exercícios que demandam bastante tempo. Acaba sendo ainda mais puxado para as famílias porque a gente tem que fazer um tempo maior. As manhãs são divididas entre preparação de almoço e tarefas, então são muito corridas. Eu só consigo sair com ele de manhã quando ele não tem aula e a minha mãe me ajuda a fazer algum almoço rápido. Normalmente a gente vem de tarde mesmo aqui na praça. Essa praça já foi muito melhor cuidada, ela tá bem abandonada mesmo. Então o que a gente mais faz é andar de bicicleta, ele aprendeu esse ano, e gosta muito de balanço. Então ele sempre dá aquela corridinha dele com a bicicleta, para e estaciona, brinca na pracinha um pouquinho quando tem criança, e quando não tem ele fica horas no balanço. Ele faz tipo um circuito.” “E vocês sempre vem nessa praça aqui?” “Eu costumo variar de praça, a gente costuma muito da praça Afonso pena. A gente pega o metrô e vai, acho que lá é uma praça mais bem cuidada, tem umas ladeiras para subir, é mais tranquila. Aqui a gente vem mais quando já tá meio sem tempo e porque a gente mora aqui perto. A gente vem mais pela questão da proximidade e porque tem um espaço bacana para ele circular de bicicleta, eventualmente, tem outras crianças para ele brincar e interagir, isso sempre faz uma diferença muito grande ainda mais no meio dessa interminável pandemia. A facilidade de comércio também, acabo juntando a parte útil, de precisar fazer compras. “E sobra algum tempo livre?” “Olha, pra mim? pra mim sozinha? Pra mim sobra muito pouco tempo. Nos dias em que eu não trabalho, de tempo que eu tenho mais para mim é o tempo que eu to tomando banho. Ou às vezes quando eu to muito cansada e peço para minha mãe dar uma

olhada nele e dou uma dormidinha de uma hora. E ai ele fica jogando um pouco de video game. Enfim, sobra pouco tempo livre pra mim e eu uso mais para descansar mesmo. O que eu tenho para resolver eu resolvo mais na parte da noite quando ele tá dormindo. Quando as aulas dele retornarem presencialmente eu vou ter um tempo maior, até para fazer coisas mais para mim, como ver um filme. Tem muito tempo que eu não assisto um filme para mim. Minha programação é muito mais infantil hoje em dia.

- Pessoa sentada em banco 01, 37 anos, ensino médio incompleto

“Você trabalha com o que?” “Sou cuidadora aqui perto.” “Quantas horas você trabalha por dia e quais dias?” “10 hr por dia, de segunda a sexta.” “Quanto tempo você costuma gastar em obrigações domésticas?” “Quase nada, minha casa é limpa, não tem nada fora do lugar. Então faço faxina no que já está limpo. Minha vida é muito corrida. Faço tudo em casa, mas devo levar cerca de uma hora.” “Sobra algum tempo livre? Caso sim, o que você costuma fazer?” “Antigamente eu era cristã né, aí eu gostava de ir para a igreja. Hoje eu gosto de ir para um rodízio, um pagode, ouvir música, tomar um bom vinho, ficar com o meu namorado, essas coisas.” “Você costuma usar essa praça no dia a dia?” “Aqui é muito bom, eu conheço essa praça há muitos anos, aí no meu momento de lazer eu me sento aqui um pouco. Uso para descansar, conversar. A segurança na Tijuca melhorou muito, dá até vontade de andar tranquila. Antigamente essa praça dava até medo, era tanto morador de rua e pivete. Antigamente tinha gente tomando banho ali. Hoje melhorou muito. Uso para ir na feirinha, para comércio, sentar”

- Pessoa sentada em banco 02, 30 anos, 3º grau incompleto

“Quais dias você costuma trabalhar e quantas horas?” “Eu trabalho aqui no instituto da L’oréal, 8 horas por dia, de segunda a sábado, com um dia de folga no meio.” “Costuma gastar quanto tempo com obrigações domésticas?” “Organizo para fazer durante a minha folga ou no domingo.” “Sobra tempo livre? Caso sim, gasta como?” “Mais de noite mesmo porque eu trabalho de manhã e de tarde. Poxa, faço muitas coisas. Gosto de ver séries.” “Qual a sua relação com essa praça?” “Venho sempre no horário de almoço, a gente vem, dá uma volta, senta. E sempre paramos aqui pelo centro mesmo.” “O que você acha da praça?” “Ta precisando de uns ajustes. Frequento há uns 5 anos, e então antes eu não sei como era antes. Mas acredito que esteja precisando de melhorias sim. As vezes fica água parada no lago. Teve uma época que tinha bastante assalto, agora a segurança melhorou.”

- Pessoa sentada em banco embaixo da cobertura circular, 78 anos,

“Tem alguma frequência para usar essa praça?” “Tenho não. Eu morei por aqui durante 30 anos, me acostumei com a praça, gosto da praça, mas não venho sempre. To fazendo hora porque eu tenho que ver o carro ali embaixo.” “Costuma fazer tarefa doméstica?” “Faço porque eu moro sozinho. Não levo muito tempo porque eu fico em casa dia e noite, mas o trabalho doméstico é pequeno porque eu sujo pouca louça.” “E durante o tempo livre costuma fazer o que?” “Ver televisão.” “Quais espaços costuma usar na praça?” “Eu venho para a praça sempre quando vou à farmácia comprar remédio, mas aí eu não fico aqui.” “O que acha da estrutura da praça ao longo desses anos?” “A mesma coisa, colocaram a academia. “E você usa?” “Não, sou muito jovem para isso. Vou aproveitar para fazer um pequeno comentário. Eu acho que o que perdeu muito foi aquele lago ali que tinha peixes, e pássaros que comem os peixes, e também servia para a garotada tomar banho.”

Vendedor da barraca de livros, 19 anos, cursando ensino médio

“E quantas horas você costuma trabalhar por dia e quais dias?” “Eu não tenho horário de segunda a sábado, mas normalmente é cerca de doze horas por dia, começou às 8h e vou até as 19hr.” “Eu queria que você me falasse um pouco mais sobre essa barraca na verdade, como funciona. Para ter acesso a barraca. Eu não sei se você é da sua família.” “É do meu cunhado essa barraca. A gente tem que pagar uma taxa para a prefeitura para liberar a licença, aí paga a tenda por mês, e é só isso.” “Como você faz para ir ao banheiro e fazer refeições?” “Para ir ao banheiro às vezes eu deixo alguém olhando. Aí você chama qualquer pessoa. E para fazer refeição eu como, atendendo ao mesmo tempo.” “E aí você chama alguém pra ficar de olho?” “As vezes aparece algum conhecido.” “Você então fica esperando alguém aparecer pra você pedir.” “Isso, mas sempre tem alguém conhecido, pessoal que trabalha aqui.” “Como faz quando chove” “Quando chove eu coloco tudo pra dentro e puxo as laterais.” “Fica dentro esperando ou fecha e vai para casa?” “Fico lá dentro trabalhando no computador” “E sobre a praça, costuma usar mais algum lugar?” “Mais o comércio mesmo.”

Referências Bibliográficas

- ABREU, Mauricio de. **O Rio de Janeiro no Século XIX: Da Cidade Colonial à Cidade Capitalista**. Im: ABREU, M *Evolução Urbana no Rio de Janeiro*. 4 ed. Rio de Janeiro, 2006.
- ABÍLIO, Ludmila Costheku. **Uberização E Juventude Periférica: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho**. *Novos estudos CE-BRAP* [online]. 2020, v. 39, n. 3 [Acessado 10 Outubro 2021] , pp. 579-597. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/s01013300202000030008>>. Epub 15 Jan 2021. ISSN 1980-5403. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030008>.
- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- Aliança Bike. **Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo**. São Paulo: Aliança Bike, 2019.
- Aliança Bike. Labmob. **Relatório técnico: Ciclogística Brasil**. São Paulo: Aliança Bike/Labmob/ Instituto Clima e Sociedade, 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. 325 p.
- BACAL, Sarah. **Lazer: teoria e pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- BASTOS, Pedro Paulo Machado. **O Efeito De Lugar No Rio De Janeiro: uma análise da tijuca no tempo e no espaço**. 2017. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/42/teses/864437.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 6.ed. ed. São Paulo : Perspectiva, 2015
- COSTA, Talysson. **Ócio E Lazer Em Espaços Públicos: usos e apropriações dos parques urbanos de natal/rn**. 2017. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1994. 2 ed.
- ELIAS, Paulo Roberto. **Cinemas de rua: não há nada que se compare a eles!**. In: *Outrolado*. Abril 2020. Disponível em: <<https://outrolado.com.br/2020/04/20/cinemas-de-rua-nao-ha-nada-que-se-compare-a-eles/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2007
- FERRAZ, T. **A segunda Cinelândia Carioca**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2012.
- FERRAZ, T. **O cinema sai da rua para o último piso: sociabilidade, exibição e espetação cinematográficas no espaço urbano da Tijuca**. *Lumina*, [S. l.], v. 3, n. 2, 2009.
- FERRAZ, Talitha. **Experiências de espetação cinematográfica e ocupação urbana: a prática de sociabilidade no caso dos cinemas da Tijuca**. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-1574-1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- GONÇALVES, Guilherme Leite; COSTA, Sérgio. **Um Porto no Capitalismo Global: desvendando a acumulação entrelaçada no rio de janeiro**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GONZAGA, A. **Palácios e Poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à Preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2004.
- MAYA, Paulo Valério Ribeiro. **Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica**. In: JACQUES, M. G. C., et. al. (org.). *Relações Sociais e Ética*. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 31 -47.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**, livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013
- MARX, K. **Manuscritos econômico -filosóficos**. Trad. Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2 volumes, 1965.
- OLIVEIRA, Lili Rose Cruz. **O Largo da Fábrica das Chitas: Tijuca de Rua em Rua e 100 Anos da Praça Saens Peña**. In: Instituto Tear. Disponível em: <<https://instituto-tear.org.br/o-largo-da-fabrica-das-chitas/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- QUINTANS, Felipe. **Bondes Tijucanos**. In: *Boemia e Nostalgia*. 2008. Disponível em: <<http://boemiaenostalgia.blogspot.com/2008/09/bondes-tijucanos.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos e LEDA, Denise Bessa. **O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva**. *Estud. pesquis. psicol.* [online]. 2004, vol.4, n.2 [citado 2021-08-22], pp. 0-0 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808=42812004000300006-&lng=pt&nrm-iso>. ISSN 1808-4281.
- RIBEIRO, Cláudio. **O Percurso Da Classe Trabalhadora: Contribuições Espaciais ao Materialismo Histórico a Partir Da Obra Engelsiana**. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, [s. l.], p. 251-270, 17 set. 2021.
- ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP. (Org.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000
- SANTOS, Alexandre Mello, LEITE, Márcia Pereira, FRANCA, Nahyda. **Quando memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca**. Rio de Janeiro: IBASE, 2003. 96p. Disponível em: <<https://ibase.br/wp-content/uploads/2020/11/cter-memoria-dos-espacos-na-grande-tijuca-1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

- SANTOS FILHO, J. **Negação do Paraíso Celestial e a Luta pela Emancipação do Trabalho: A Busca do Reino da Liberdade**. In: I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003, Caxias do Sul. I Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2003.
- SINGER, Paul. **À Guisa de Introdução: Urbanização e classes sociais**. In: Economia Política da Urbanização. São Paulo: Contexto, 1988.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SOUSA, Raquel Gomes de. **O papel dos cinemas na formação da Praça Saens Peña** (Rio de Janeiro-RJ). In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1464-1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- SPOSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- **Tijuca - Bairro e História**. In: Rio de Janeiro Aqui. Disponível em: <<https://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/tijuca-bairro.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- **Tijuca - A Praça Saens Peña e Seus Arredores. A História da Praça Saens Peña**. Disponível em: <<http://www.marcillio.com/rio/entisape.html>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- VIANA, Nildo. **A mercantilização do lazer**. In: Revista Espaço Livre, V.9, nº18, jul./dez. 2014.

QUANDO A PRAÇA VIRA TRABALHO:
A FLEXIBILIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DA PRAÇA SAENS PEÑA - RJ



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro | FAU-UFRJ

Trabalho Final de Graduação II | 2021.1

Banca Final: Quando a praça vira trabalho: A flexibilização do espaço público da Saens Peña - RJ

Aluna: Raquel Araújo Magalhães | 116170440

Professor Orientador: Cláudio Rezende Ribeiro

Banca: Cristina Lontra Nacif

Eliana Rosa Queiroz Barbosa

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem a proposta de **compreender as consequências das dinâmicas contemporâneas de precarização do trabalho na utilização dos espaços públicos e como estes espaços interferem nessas relações.** Partindo de categorias desenvolvidas pelo materialismo histórico, e sob uma perspectiva da crítica ao trabalho na sociedade urbana apresentada em o Direito à Cidade de Henri Lefebvre, o estudo tem como objetivo **analisar a relação entre Trabalho e Lazer materializada em espaços públicos, sendo a Praça Saens Pena localizada no bairro da Tijuca, o recorte escolhido.**

ESTRUTURA

- 1 - O TRABALHO NO SISTEMA CAPITALISTA
 - 1.1 - O TRABALHO PRECARIZADO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO
 - 1.2 - CONTEXTO PANDÊMICO: A PRECARIZAÇÃO ACELERADA
 - 1.3 - O LAZER NO SISTEMA CAPITALISTA: UMA DISPUTA ESPAÇO-TEMPORAL

- 2 - A URBANIZAÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA
 - 2.1 - ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS URBANOS

- 3 - PRAÇA SAENS PEÑA: LAZER E TRABALHO NO ESPAÇO PÚBLICO
 - 3.1 - HISTÓRICO: A CONSOLIDAÇÃO DA PRAÇA COMO ESPAÇO PÚBLICO
 - 3.2 - O ESPAÇO FLEXÍVEL E O SEU USO CONTEMPORÂNEO

METODOLOGIA

ESTUDO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BASES TEÓRICAS

ESTUDO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BASES TEÓRICAS

ESTUDO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BASES TEÓRICAS
PESQUISA DE CAMPO (OBSERVAÇÃO + ENTREVISTAS) E FORMULÁRIO ONLINE

O TRABALHO NO SISTEMA CAPITALISTA

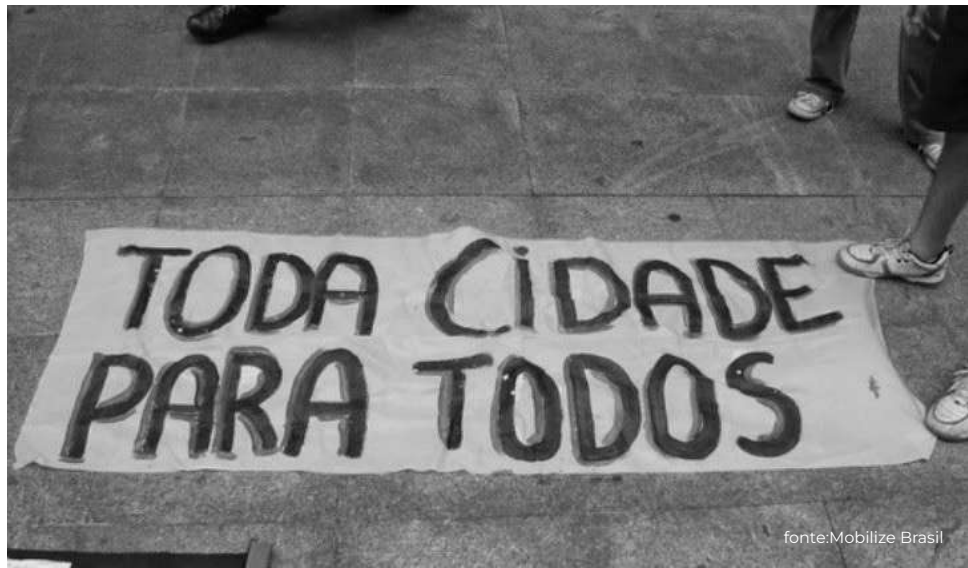
TRABALHO ALIENADO

- trabalho produtor de mercadorias
- **trabalho externo ao trabalhador**, não faz parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realiza em seu trabalho mas nega a si mesmo. (Marx)

“Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo”. (ANTUNES, 2002, p.177)

DIREITO À CIDADE

“O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como **direito à cidade, à vida urbana, transformada e renovada.**”
(LEFEBVRE, 2004)



TRABALHO PRECARIZADO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

DESEMPREGO ESTRUTURAL / EXPLORAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

“Exército industrial de reserva” (Marx): massa de desempregados disponíveis

Aumento da precarização, perda de direitos e aumento da jornada de trabalho

PRIVILÉGIO DA SERVIDÃO - RICARDO ANTUNES

“...os novos proletários dos serviços se encontrarão entre uma realidade triste e outra trágica: **oscilação entre o desemprego completo e na melhor das hipóteses, a disponibilidade para tentar obter o privilégio da servidão**.”

(ANTUNES, 2018)

UBERIZAÇÃO E O ESCRAVO DIGITAL - RICARDO ANTUNES

“**expande-se a “uberização”, amplia-se a “pejotização”, florescendo uma nova modalidade de trabalho: o escravo digital.** Tudo isso para disfarçar o assalariamento.”

(ANTUNES, 2018)

CONTRATO ZERO HORA

O trabalhador tem que **estar disponível e aguardar ser chamado** para realizar o trabalho de acordo com a demanda de seu empregador, e assim, ganha apenas por essa atividade, **não tendo seu tempo de espera reconhecido.**

CONTEXTO PANDÊMICO: A PRECARIZAÇÃO ACELERADA

INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO REMOTO

Aumento da jornada de trabalho e necessidade de estar sempre “online”

ADOCIMENTO MENTAL DOS TRABALHADORES

Durante os 18 meses iniciais de pandemia, cerca de 70% dos trabalhadores se sentiram mais nervosos, tensos ou preocupados, e cerca de 50% se sentiram mais ansiosos, estressados e tristes.

fonte: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD), outubro de 2021.

AUMENTO DO DESEMPREGO E DA INFORMALIDADE

Desemprego prejudicou mais os jovens de 18 a 24 anos, em especial das mulheres e as pessoas pretas

AUMENTO DE DELIVERYS DE COMIDA

Em 2020 o aumento de pedidos chegou a 975% comparado ao mesmo período de 2019.

fonte: Statista

AUMENTO DA FORTUNA DOS BILIONÁRIOS

NEGÓCIOS

Brasil ganhou 11 novos bilionários em 2020; veja lista



David Vélez, CEO do Nubank; apesar de ser colombiano, empresário entra na lista da Forbes como brasileiro (Germano Lüders/Exame)

fonte: EXAME

O LAZER NO SISTEMA CAPITALISTA: UMA DISPUTA ESPAÇO-TEMPORAL

DEFINIÇÃO - J. DUMAZEDIER

“O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar se das obrigações profissionais, familiares e sociais.”

(DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

FUNÇÕES - J. DUMAZEDIER

1ª função: Descanso, liberação da fadiga e do cansaço físico

2ª função: Divertimento, entretenimento e recreação

3ª função: Socialização



fonte: Cidade Verde

O LAZER NO SISTEMA CAPITALISTA: UMA DISPUTA ESPAÇO-TEMPORAL

DIVISÃO DO TEMPO - SARAH BACAL

Tempo Necessário: tempo do trabalho

Tempo Liberado: tempo das obrigações domésticas, sociais, políticas e econômicas

Tempo Livre: destinado ao lazer

DIREITO À PREGUIÇA

“É preciso que volte a seus instintos naturais, que proclame os Direitos à preguiça, mil vezes mais nobres e mais sagrados que os típicos Direitos do Homem, arquitetados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa.

É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia,”
(LAFARGUE, 1999, p.84)

“Baseado nos autores marxistas, concordamos que o tempo de lazer é “poluído” pelos valores do capitalismo, mas deve ser considerado como uma esfera de reivindicação social necessária ao desenvolvimento completo do homem e não apenas como um meio para descansar, consumir determinados produtos e reproduzir a força de trabalho. Entendemos ainda, que a compreensão do Lazer como um direito social tem relação com o direito ao tempo livre do trabalho, às férias, ao repouso semanal e ao acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade e que a conquista destes direitos está ligada às lutas dos movimentos trabalhistas por igualdade.”

(FERNANDES; HUNGARO, ATHAYDE, 2011)

LAZER

A MERCADORIA LAZER

Uma mercadoria passível de ser produzida e consumida, sendo parte do processo de produção, distribuição, circulação e troca de mercadorias.
Tempo de folga manipulado para o consumo.

ARQUITETURA E URBANISMO

Exaltação da produtividade e do capital, e a condenação da preguiça e do ócio.



fonte: O Globo

A URBANIZAÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA

INÍCIO DA REPÚBLICA

- Sequelas do passado escravista
- Crescimento populacional com péssimas condições urbanas
- Péssimas condições de trabalho sem legislação trabalhista
- Ocupação de terras desprezadas pelo mercado compulsório

INÍCIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

- Acúmulo de capital pelos cafeicultores
- Reformas Urbanísticas higienistas (população pobre é expulsa para os morros e subúrbios)

DÉCADA DE 1930

- População urbana supera a rural
- 1903: Pereira Passos
- 1930: Ministério da Indústria, trabalho e comércio
- 1934: Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)
- 1937: Decreto 6000/37
- 1946: Justiça do Trabalho



Proibido cuspir nos bondes

1911 - Para que a cidade seja civilizada, a povo também precisa se civilizar. Por isso, Pereira Passos decretou uma série de novas leis que procuravam mudar os hábitos da população. Por determinação do prefeito, fica proibido cuspir dentro dos bondes e todos os transeuntes públicos terão de ter as

Também não será mais permitido cridenciar vultros feios nos ruas, vendê-los nem nos quiosques, mastigar e jogar pedrinhas no Canal. A prefeitura também promete fazer a sua parte, realizando campanhas públicas em pontos estratégicos da cidade, para que a população não faça mais



Pereira Passos manda demolir o Rio colonial

1911 - Com a posse do primeiro Pereira Passos, ficou claro que o Rio de Janeiro deveria de ser uma cidade limpa e saudável pelas doenças. No lugar de cemitério de esqueços, apelido usado locusteiro que a capital da República ganhou, a cidade renascerá como o mais grandioso exemplo da belle époque tropical. Em vez das imundas vielas coloniais e dos cortijos, onde se acumulavam doenças, a prefeitura planeja ruas e avenidas largas, onde serão construídas edificações dignas de suas fiadas europeias. No lugar de terrenos, que só serviam de depósito de lixo, serão urbanizados. Para tornar possível o sonho de uma capital da República civilizada, a prefeitura já começa, imediatamente, a bombar todos os obsoletos. Os imóveis no caminho planejado para a obra já foram ou serão demolidos. Aos proprietários que insistirem com um aviso de desapropriação perdurado na porta principal de seu imóvel, só resta sair o mais rapidamente possível de casa, pois a prefeitura dá apenas alguns dias para que a mudança seja feita. Ao todo, 1.800 operários estão empregados de demolicão 680 imóveis. Porém, os moradores dos cortijos só têm duas opções de moradia: juntar-se aos soldados vindos de Canilhos, que se fixaram em barracos no Morro da Favela, ou ir para o Morro da Providência

A URBANIZAÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA

1940 - 1960

- política rodoviária
- 1944: Avenida Presidente Vargas
- 1946: Avenida Brasil
- 1961: Parque do Flamengo

DITADURA MILITAR

- interesses empresariais
- extrema repressão aos trabalhadores (desorganização do movimento operário e sindical)

ABERTURA POLÍTICA E REDEMOCRATIZAÇÃO

- classe operária volta a se organizar
- 1987: Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNRU)
- 1988: Constituição Federal (artigos 182 e 183)

FINAL SÉCULO XIX - INÍCIO SÉC XX

- Neoliberalismo (perda de direitos trabalhistas, flexibilização da legislação trabalhista e precarização do trabalho)
- 2001: Estatuto da Cidade (AEIS e função social da propriedade)
- 2009: Programa Habitacional MCMV
- Copa e Olimpíadas: mais remoções de pobres



fonte: brasil61

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS URBANOS

DEFINIÇÃO

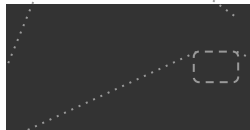
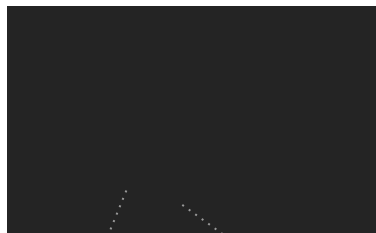
“Os espaços públicos compreendem os lugares urbanos que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum e permitem a interação entre as pessoas.”
(Castro, 2013 apud Costa, 2017)

OBJETIVO

É dar sentido à vida na cidade, sendo o local no qual a cidade se faz mais plena devido a possibilidade dos encontros.



PRAÇA SAENS PEÑA: LAZER E TRABALHO NO ESPAÇO PÚBLICO



HISTÓRICO: A CONSOLIDAÇÃO DA PRAÇA COMO ESPAÇO PÚBLICO



Tijuca era chamada de "Andaraí" e era uma área predominantemente rural.

1800



Fechamento da Fábrica mas o nome "Largo da Fábrica de Chitas".

1840



Segunda Cinelândia.

1940's

1820

Instalação da Fábrica das Chitas, Saens Peña era apenas um largo.



1911

Inauguração da Praça Saens Peña, recebendo o seu primeiro projeto.



1947

Reforma na praça



HISTÓRICO: A CONSOLIDAÇÃO DA PRAÇA COMO ESPAÇO PÚBLICO



Fotógrafos lambe-lambe



Declínio dos cinemas



Projeto "Rio Cidade".
Inauguração do Shopping Tijuca.

1950's

1970's

1996

1950's

Futebol ganha destaque. Inauguração do Maracanã.
Diversos clubes esportivos privados abrem.



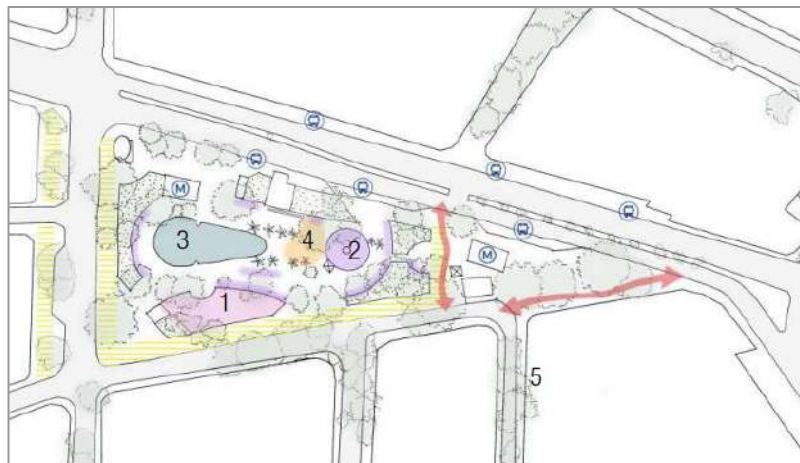
1976 - 82

Obras do metrô.



O ESPAÇO FLEXÍVEL E O SEU USO CONTEMPORÂNEO

MAPA DE USOS



Legenda:

1 - parquinho infantil

2 - cobertura circular

3 - lago artificial com chafariz

4 - academia da terceira idade

5 - padaria

- área infantil

- área dos idosos

- áreas com maior quantidade de pessoas sentadas

- corredores da feira de artesanato

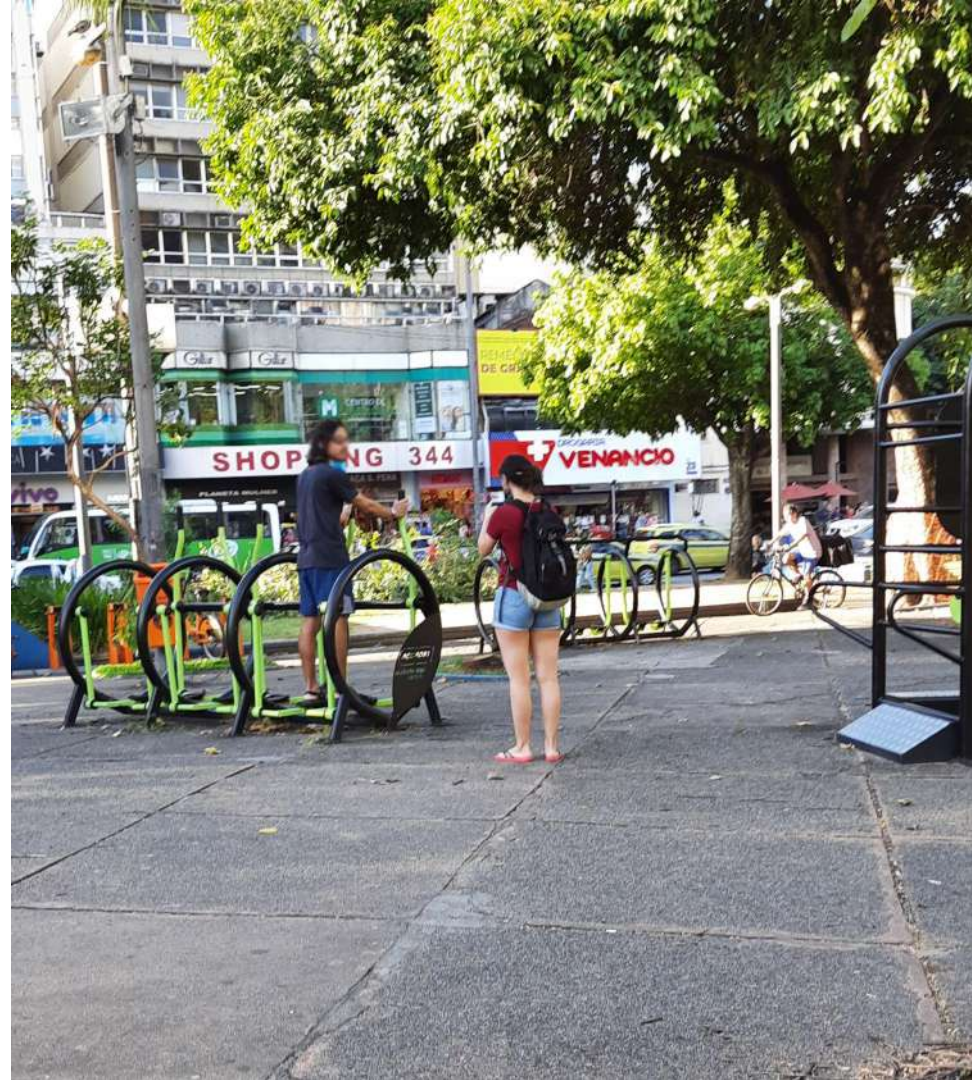
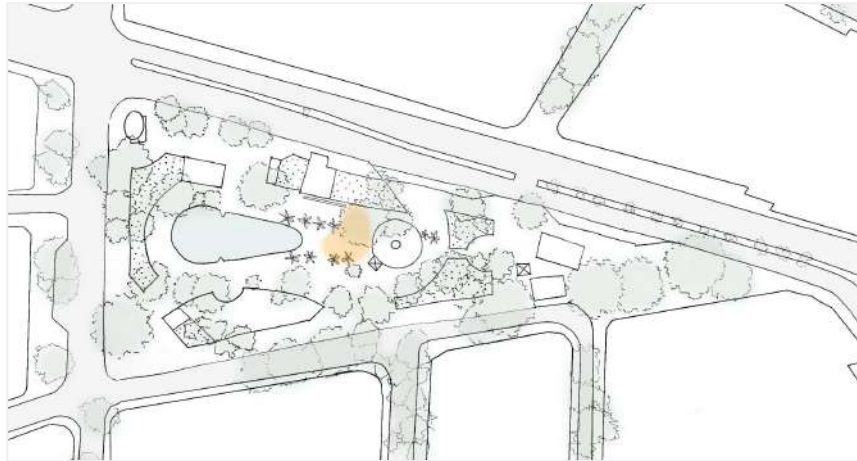
- fluxos maiores de pessoas atravessando a praça

| Visitas | Data | Horário | Atividades |
|----------|------------|------------------|---------------------------------|
| Visita 1 | 26/11/2021 | ~ 12:00h | Observação e fotos |
| Visita 2 | 08/12/2021 | ~ 17:00h | Observação, fotos e entrevistas |
| Visita 3 | 10/12/2021 | ~14:00h | Observação, fotos e entrevistas |
| Visita 4 | 20/12/2021 | ~16:00h e 19:00h | Observação e fotos |
| Visita 5 | 28/12/2021 | ~10:00h | Observação e fotos |
| Visita 6 | 01/01/2022 | ~20:00h | Observação e fotos |
| Visita 7 | 04/02/2022 | ~ 11:00h | Observação, fotos e entrevistas |

| Caráter | Grupo | Descrição | Nº de entrevistados |
|----------|-------|--|---------------------|
| Trabalho | A | Entregadores de aplicativo | 08 |
| | B | Vendedores da feira de artesanato | 03 |
| | C | Vendedores ambulantes | 02 |
| | D | Adultos com crianças brincando | 02 |
| Lazer | E | Pessoas sentadas nos bancos embaixo da cobertura | 01 |
| | F | Pessoas sentadas nos bancos | 02 |

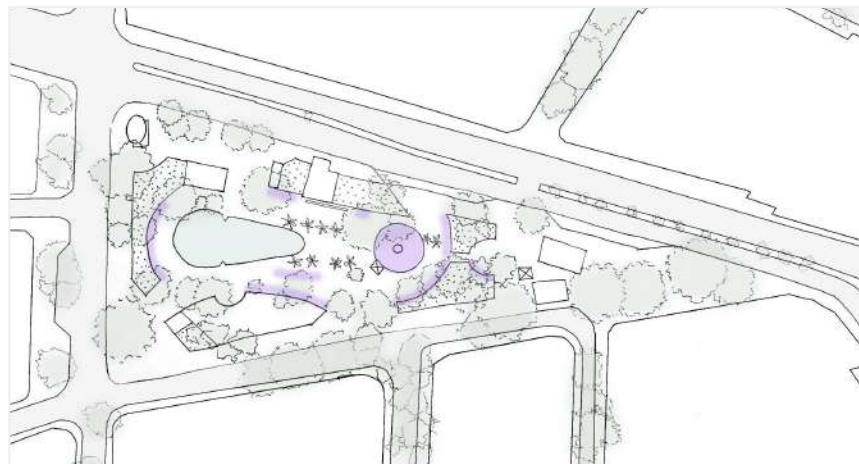
ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE

- Usada por todas idades
- Espaço com grande potencial de lazer



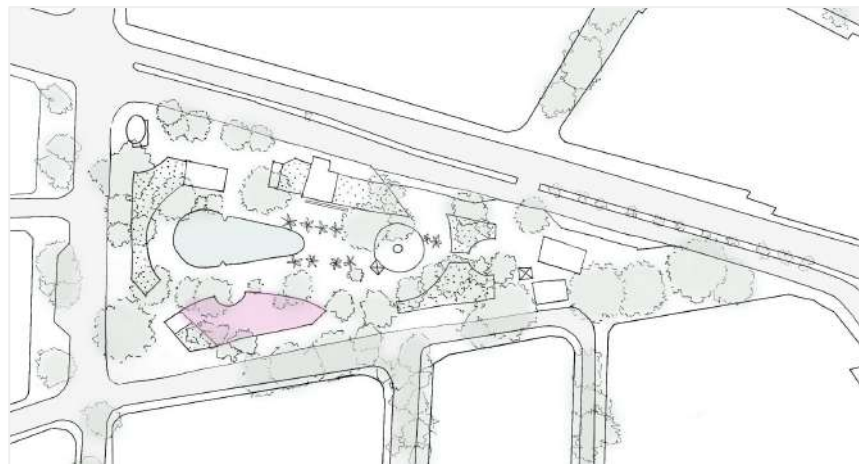
ESPAÇO EMBAIXO DA COBERTURA CIRCULAR

- Espaço com diversos usos
- Instalação da Tijuca Presente



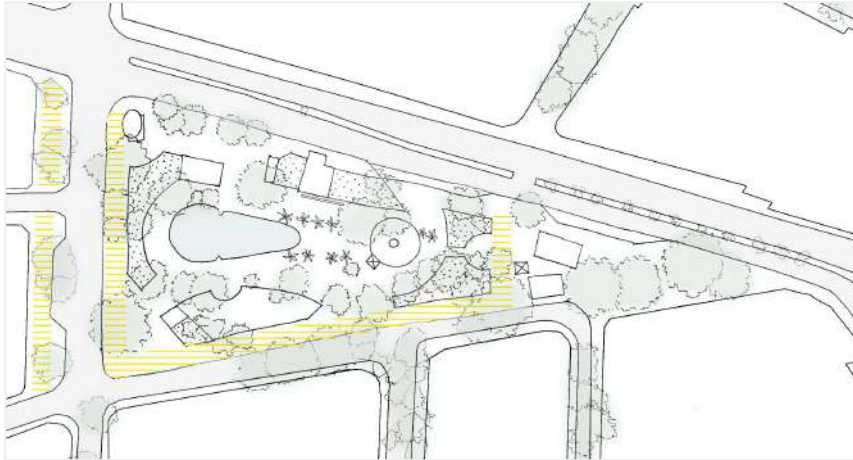
PARQUE INFANTIL

- Lazer não mercantilizado para as crianças x Trabalho para os adultos



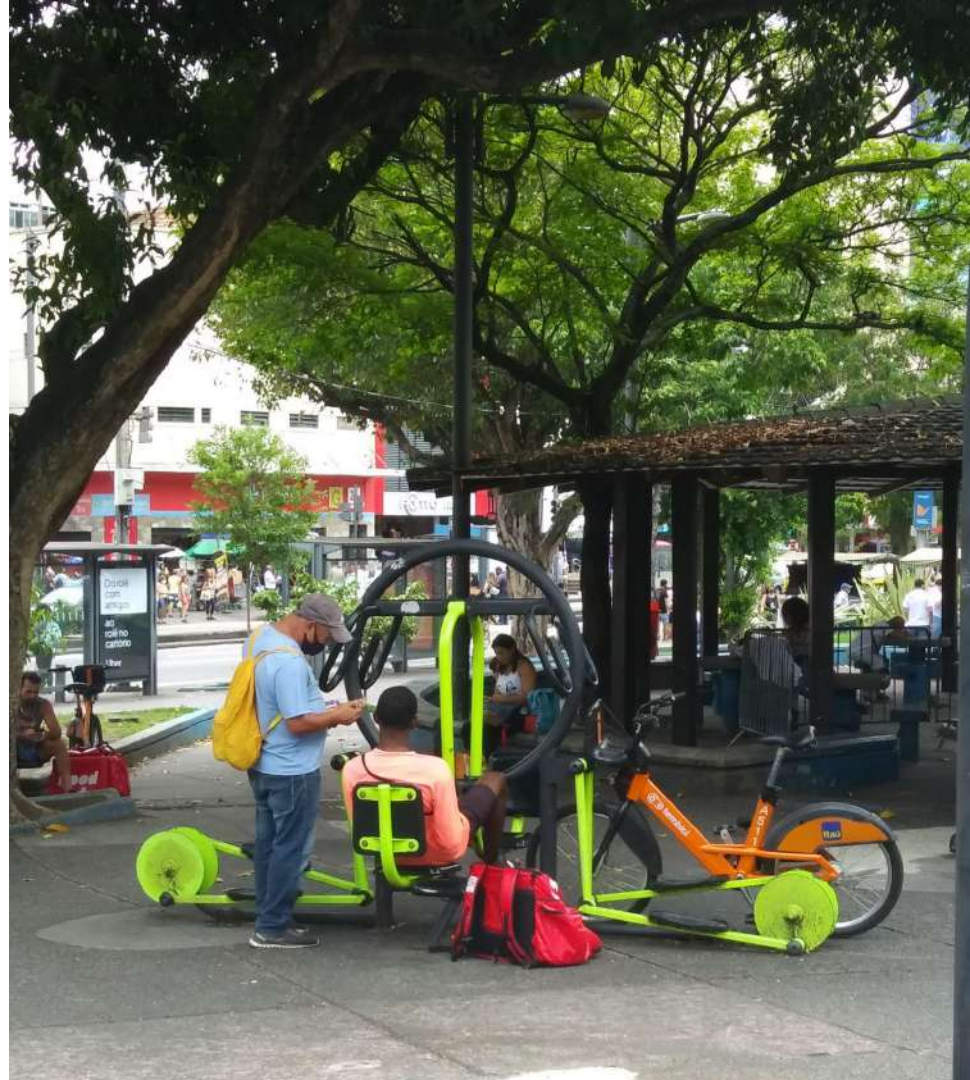
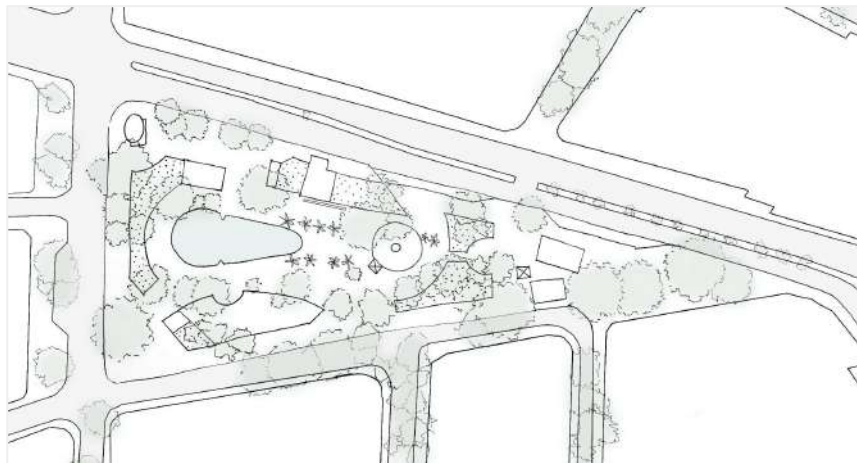
FEIRA DE ARTESANATO

- Lazer mercantilizado x Trabalho precarizado
- Falta de estrutura
- Sentimento de coletividade



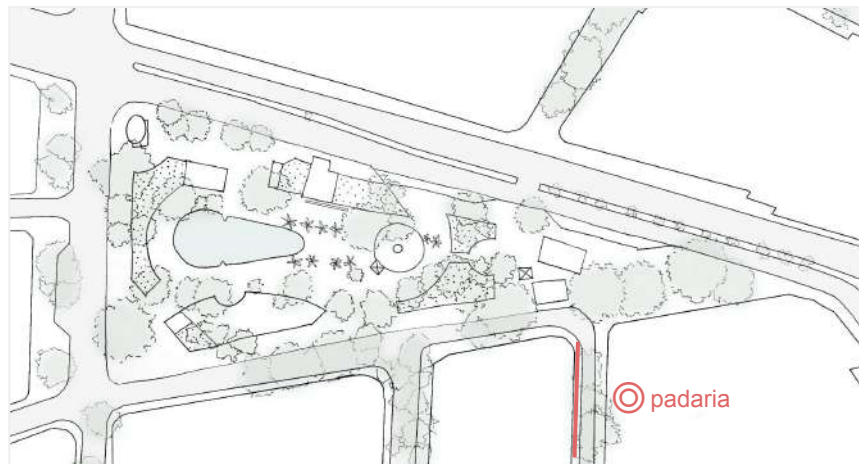
VENDEDORES AMBULANTES

- Trabalho precarizado
- Falta de estrutura e ponto fixo
- Sem sentimento de coletividade



ENTREGADORES DE APLICATIVO

- Infoproletários
- Sem estrutura ou espaço adequado



CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Aumento da precarização, flexibilização do trabalho afetam as atividades de lazer
- Surgimento de novas espacialidades
- Espaço público enquanto base para muitos trabalhadores e respiro para o lazer
- Necessidade de reivindicar espaços de qualidade para a classe trabalhadora

obrigada!
